

RUI ROTHE-NEVES

**FREDERICO MÜLLER, TRADUTOR DE RUDOLF STEINER:  
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos.

Área de concentração: Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Gohn, FALE/UFMG.

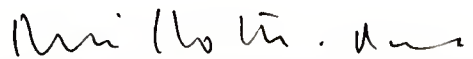
Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

1998



Esta dissertação foi apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em cuja Biblioteca encontra-se disponível.



Rui Rothe-Neves

Dissertação aprovada em 22 / 04 / 98.

Examinadores:

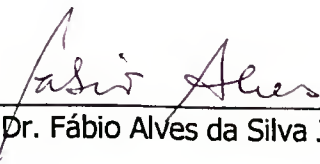


Prof. Dr. Carlos Alberto Gohn

Orientador



Profa. Dra. Veronika E. B. Benn-Ibler



Prof. Dr. Fábio Alves da Silva Jr.



Prof.<sup>a</sup> Dra. Eunice Maria das Dores Nicolau  
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras  
Estudos Linguísticos - FAL/UFMG

## Agradecimentos

---

Durante os dois anos em que estive vinculado ao Programa de Mestrado em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG, pude contar com a amizade e o apoio de muita gente. Os agradecimentos mais especiais devo a minha esposa e minhas filhas, as principais responsáveis pela alegria de ver este trabalho pronto, e ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Gohn, amigo e mestre, pela paciência e atenção sempre disponíveis e tão necessárias. Sempre pude contar com o apoio irrestrito e com as valiosas revisões ortográficas de meu pai, cujo empenho pessoal deu-me ainda o privilégio de discutir algumas conclusões e muitas das minhas dúvidas com o Prof. Gideon Toury – a quem também cabe um sincero obrigado -, no birô 481B do Gilman Building, na Universidade de Tel Aviv. O levantamento do material bibliográfico teria sido praticamente inviável sem a colaboração de Mariana Matta Machado, do pessoal da Pólen Jardim Escola e de Volker von Haupt (Grupo Novalis). E não teria concluído a redação sem o apoio de minha mãe e de meu irmão. Não por último, o estímulo e as contribuições de colegas foram muito importantes, em especial de Ivan Luiz S. B. da Mota, João Henrique Rettore Tótaro, José Luiz Vila Real Gonçalves e Livia Guimarães. A todos esses, que de tantas maneiras me possibilitaram manter o empenho e o humor, mesmo na falta de colaboração institucional (na forma de Bolsa de Pesquisa, por exemplo) o meu muito obrigado.

A Theoria em si e por si de nada é útil, a não ser emquanto ella nos faz acreditar na Connexão dos Phenomenos.

(J.W. Goethe, em tradução de F. Müller)

São minúcias, dir-se-á. Mas a tradução é o mundo das minúcias.

(P. Rónai, em *A tradução vivida*, p. 74)

## SUMÁRIO

---

Lista de obras analisadas.....	7
Lista de ilustrações.....	8
Resumo.....	9
1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. O percurso do tradutor.....	12
1.2. Âmbito do estudo.....	20
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	24
2.1. A opção pelo tratamento empírico.....	25
2.2. A hipótese dos polissistemas.....	29
2.3. O modelo EDT.....	32
3. METODOLOGIA.....	37
3.1. Método.....	39
3.1.1. Informações extra-textuais.....	40
3.1.2. Informações textuais.....	41
3.2. Obras analisadas.....	44
3.3. Amostra.....	46
3.3.1. Anotação.....	48
4. ANÁLISE.....	51
4.1. Traduzindo filosofia? .....	52
4.1.1. Processos lexicogênicos.....	56
4.1.1.1. Itens em classes abertas.....	57
4.1.1.2. Itens em classes fechadas.....	64
4.1.2. As fidelidades do tradutor.....	66

4.1.2.1.	O "Methodo de Apresentação de Factos espirituais"	68
4.1.2.2.	O "Theor conceitual e ideal do original".....	69
4.1.2.3.	O "Estilo do Autor".....	73
4.2.	As minúcias do tradutor.....	77
4.2.1.	A ordem relativa AN/NA.....	78
4.2.2.	Itens compostos com sintagmas preposicionados.....	80
4.2.3.	O caso do pronome oblíquo.....	81
4.3.	A noção de tradução de Frederico Müller.....	82
4.3.1.	A tradição alemã de tradução.....	85
4.4.	Algumas correlações polissistêmicas.....	89
4.4.1.	Outras traduções de Steiner no Brasil.....	90
4.4.2.	Traduções criativas de poesia no Brasil.....	94
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
5.1.	As traduções de Frederico Müller.....	99
5.2.	Comentando os resultados do estudo.....	103
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
	ZUSAMMENFASSUNG.....	115
	ANEXO A – Folhas-de-rosto das obras analisadas.....	116
	ANEXO B – "Explicações terminológicas do Traductor".....	120
	ANEXO C - Materiais.....	125
	ANEXO D – Página da amostra e neologismos.....	128

## Lista de obras analisadas

---

Ano de publ.	Obra:
1962	O Methodo scientifico de Goethe; Linhas-Gerundo de uma Theoria de Reconhecença da Aspecção de Mundo de Goethe com particular Respecção a Schiller.
1963	Philosophia e Anthroposophia
1964a	A Philosophia da Liberdade
1966	A Sciencia occulta no Circumtraçado
1969	A Doutrina das Categorias de Hegel
1971	O creador Mundo da Côr
1971	O Wesen das Côres
1977	Theosophia (2.ed.)
1977	A Educação da Creança segundo o Ponto de Vista da Sciencia d'Espírito (2.ed.)
1980	O Christianismo como Facto mystico e os Mysterios da Antiguidade



## Lista de ilustrações

---

TABELA 1 .....	47
TABELA 2 .....	48
TABELA 3 .....	57
TABELA 4 .....	58
GRÁFICO 4.1 .....	63
TABELA 5 .....	64
GRÁFICO 6 .....	66
TABELA 7 .....	79

## Resumo

---

Apresenta-se um estudo de caso sobre os procedimentos de tradução utilizados por Frederico Müller (1898-1982) em suas traduções de obras do filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925), fundador da Antroposofia – doutrina que busca ampliar a ciência a partir de uma visão espiritualista do ser humano. Müller foi o primeiro tradutor de Steiner no Brasil e, ao longo de 38 anos (1942-1980), traduziu do alemão e publicou 39 livros, artigos e preleções de Steiner, além de volumes de nove outros autores. O objetivo central é oferecer uma visão detalhada do modo de traduzir de Müller, relacionando-o ao contexto em que surgiu. Para tanto, analisam-se as traduções que Müller fez de obras de Steiner, utilizando entre outros um método computacional de coleta de dados. Mereceu atenção especial o modo como Müller buscou rerepresentar os textos de Steiner em português. A análise partiu da opção fundamental pela abordagem descritiva dos procedimentos de tradução utilizados. A investigação baseou-se no modelo conhecido como “Estudos descritivos de Tradução”. Procedeu-se ao exame do livro *Teosofia* (STEINER, 1977), para a coleta dos “fenômenos de tradução” (cf. TOURY, 1995). Buscou-se então generalizar a importância dos itens para outras obras traduzidas por Müller, coletando informações em um corpus com uma amostra de dez livros (dados: 41694; tipos: 5931; razão t/d: 0.14225), cobrindo um período de 18 anos. Esta metodologia permitiu, por exemplo, levantar todas as neologismos criados por Müller (8,43% do vocabulário total) e avaliar quantitativamente a importância relativa dos procedimentos levantados. Concluiu-se que o fator mais importante dentre os envolvidos nas decisões de Müller no nível ideológico é a noção de uma língua original, indiferenciada. Outros construtos ideológicos importantes são, nesta ordem: autoridade do autor, importância do estilo, autoridade da língua de partida, autoridade do original. No nível poético, ou da tradição literária, viu-se que uma das características do sistema de textos filosóficos (a posição de fraqueza do sistema de chegada em relação ao de partida) garante aceitação à inclusão de glossário e notas terminológicas e à formação de palavras em classes abertas, formadas principalmente por prefixação. O nível discursivo é praticamente inexistente, o que se atribui à “hipertrofia” do nível ideológico. O trabalho de tradução de Müller concentrou-se principalmente no nível lingüístico. O uso especial da ortografia, os neologismos em classes abertas e fechadas, as inversões sintáticas etc. são procedimentos que ele utilizou para realizar textualmente uma tradução que se queria uma reprodução tanto quanto possível isomórfica do original. Os esforços de Müller no nível lingüístico parecem ser os maiores responsáveis por sua rejeição não apenas no “mainstream” editorial no Brasil, como também em círculos antroposóficos. As obras de Steiner foram republicadas em outras traduções, sem menção ao seu trabalho pioneiro. À luz dos estudos contemporâneos de tradução, os esforços de Müller em mimetizar o discurso de Steiner se constituem numa fábrica significativa, capaz de fornecer em português invenções como as de Manoel Odorico Mendes em suas traduções de clássicos gregos e as de Haroldo de Campos em sua tradução do *Fausto*, de Goethe.

## **INTRODUÇÃO**

---

Este primeiro capítulo apresenta em linhas gerais o assunto desenvolvido nessa dissertação. Trata-se de um estudo de caso sobre os procedimentos de tradução utilizados por Frederico Müller (1898-1982) em suas traduções de obras do filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). De Frederico Müller pode-se dizer ser ele um daqueles tradutores pioneiros que introduziu em nossa literatura nacional um autor estrangeiro. Ele foi o primeiro tradutor de Rudolf Steiner no Brasil e, ao longo de 38 anos (1942-1980), traduziu do alemão e publicou 39 livros, artigos e preleções de Steiner, além de volumes de nove outros autores. O objetivo central desse trabalho é oferecer uma visão detalhada do modo de traduzir de Müller, relacionando-o ao contexto em que surgiu. Para tanto, analisa-se as traduções que Frederico Müller fez de obras de Rudolf Steiner. Mereceu atenção especial a forma como Müller buscou reapresentar os textos de Steiner em português.

Neste capítulo introdutório apresenta-se, em primeiro lugar, o percurso do tradutor Frederico Müller, com base em informações coletadas nos paratextos (prefácios, notas e comentários)<sup>1</sup> de sua autoria e em entrevistas. Julga-se necessário fazer essa apresentação em vista da pouca ou quase nenhuma circulação pública de informações sobre Frederico Müller. A apresentação segue uma ordem linear, o que permite situar cronologicamente a concepção e o desenvolvimento de seu trabalho como tradutor. Em segundo lugar, indica-se a abordagem teórica que fundamentou este estudo. Finalmente, apresenta-se uma visão geral dos capítulos subseqüentes.

---

<sup>1</sup> Cf. KOLLER (1992:45-58), SIMON (1990) e VIEIRA (1992: cap.4) para o uso de paratextos em estudos de tradução.

### **1.1. O percurso do tradutor**

Nascido em São Paulo no dia 16/12/1898<sup>2</sup>, Frederico Müller era da quarta geração de imigrantes alemães. O alemão era a língua doméstica na casa dos Müller, onde se mantinham intensas relações com a comunidade teuto-brasileira e com os novos imigrantes, que traziam novidades e notícias da Europa. Com o fim da Primeira Guerra, intensificou-se o fluxo migratório e com ele chegam as "primeiras Notícias acerca da Existência de uma verdadeira Sciencia d'Espírito, de cujo cultivo, sob o nome de Anthroposophia, se encarregava uma Sociedade sediada em Dornach"<sup>3</sup>, na Suíça. Baseada sobre elementos da filosofia conhecida como Idealismo alemão e nas observações da Natureza feitas por Goethe, a Antroposofia foi desenvolvida por Rudolf Steiner ainda no seio da Sociedade Teosófica, de cuja seção alemã foi o diretor. Foi assim que os Müller tomaram contato com a obra de Rudolf Steiner, à qual sua vida estaria indissociavelmente ligada.

Arquiteto de profissão, Frederico Müller tomou para si a tarefa de traduzir os escritos de Steiner (falecido em 30/3/1925)<sup>4</sup>. Sua primeira tradução a se tornar pública foi certamente o documento Princípios da Anthroposophica Sociedade, uma espécie de estatuto de 15 artigos apresentado por Steiner ao Congresso de Refundação da Sociedade Geral Antroposófica. Müller apresenta-a em cartório por ocasião do registro oficial, no Rio de Janeiro, da "Anthroposophica Sociedade no Brasil

---

<sup>2</sup> Dados constantes da homenagem póstuma a Müller, em WITZENMANN (1985).

<sup>3</sup> MÜLLER, 1982:1.

<sup>4</sup> Para a vida de Rudolf Steiner, v. HEMLEBEN (1989); WILSON (1985) oferece uma biografia sob uma perspectiva externa ao movimento antroposófico.

(Grupo Michael)", em 29/10/1937. Posteriormente, à Sociedade filiam-se outros grupos em São Paulo (Grupo Novalis) e Porto Alegre (Grupo Rafael). São eles que constituirão a audiência e a **comunidade interpretativa**<sup>5</sup> das traduções de Müller.

Já nesse documento jurídico aparecem algumas das características que marcam as traduções de Müller, como se vê, por exemplo, na tradução do Princípio nº 2: "O Cepo-Gerundo desta Sociedade formam as na Epoca Sacra-Noite 1923 no Goetheanum em Dornach reunidas Personalidades, tanto as singulas, como ainda os Grupos, que se fizeram representar" (republ. in: WITZENMANN, 1984:88)<sup>6</sup> As características presentes nessa tradução revelam a intenção (e a tensão) de apresentar os aspectos formais de um texto em uma outra língua, distinta daquela em que foi originalmente composto. Nesse ponto, as estratégias de Müller para solucionar os problemas de tradução compõem um conjunto que ele aplicou indistintamente à tradução de qualquer obra de Steiner. A esse conjunto de procedimentos, Müller chamou de "Methodo de 'Traduzir sem trahir'" (no prefácio a STEINER, 1964).

O início da atividade editorial de Frederico Müller se registra no ano de 1942, com a publicação de suas traduções Verdade e Sciencia e Teosofia (citam-se a seguir os prefácios tal como reproduzidos nas reedições de 1977). No prefácio do primeiro livro, Müller faz notar que pensa seu trabalho de tradução como um projeto sistemático: "Portanto não deveria aparecer traduzido [o primeiro livro] sem que

---

<sup>5</sup> O conceito de "comunidade interpretativa" foi cunhado por Stanley Fish e designa "um grupo de indivíduos de mentes semelhantes que compartilham suposições semelhantes sobre como um texto deve ser lido" (todas as traduções do autor, salvo especificado em contrário); no original: "a group of like-minded individuals who share similar assumptions about how a text should be read" (in: DORFMAN, 1996:454).

<sup>6</sup> No original: "Den Grundstock dieser Gesellschaft bilden die in der Weihnachtszeit 1923 am Goetheanum in Dornach versammelten Persönlichkeiten, sowohl die einzelnen, wie auch die Gruppen, die sich vertreten liessen." (in URL: <http://www.goetheanum.ch/goetheanum/doc/statuten.htm#Prinzipien>, 30/03/97)



tivessem sido tomadas em Vista essas Obras posteriores tanto relativamente ao seu Conteúdo como segundo a Forma" (STEINER, 1977a: IX)<sup>7</sup>.

Seu projeto inclui "a Adopção de grande Numero de Palavras em Uso nas Traducções de Obras philosophicas, ou empregadas na Literatura philosophica para a Exposição das diversas Aspecções mundiaes" (op.cit.:X). No entanto, "outras tiveram de ser substituidas, por não corresponder o seu Conceito com o da Obra original" (id.ibid.). Um caso típico é:

a Palavra allemã "Wesen", que na Corruptela "Vezo" (segundo parecer do Traductor) ainda está levando Existencia obscura; tão obscura porém, pelo Sentido pejorativo que adotou, que o Traductor preferiu prescindir de sua Reabilitação, transportando para cá o Termo "Wesen" (masc. sing. e plural) conforme se escreve em Allemão, e formando além disso as Derivações (como sejam Wesendade, wesenal, wesenoso, etc.) que se fizeram convenientes. (op.cit.:XII)

Para o tradutor, seu trabalho constitui-se num projeto. Do leitor ele também espera uma espécie de projeto de leitura, que atue complacientemente com eventuais falhas do tradutor:

O Traductor deste Livro está perfeitamente consciente do Facto, que há de contar sómente com Leitores taes, que dotados de boa Vontade, e estando sériamente empenhados a tomar parte na verdadeira Evolução espiritual-moral do Homem, visando portanto a Realidade, queiram generosamente dispensar da sua Apreciação as naturaes Falhas, os Defeitos molestos que tão facilmente se inserem num Trabalho desta Ordem. (op.cit.:IX)

Restando alguma Duvida, haverá sempre ainda a Possibilidade de recorrer á Obra na Lingua original, ou em falta do respectivo Conhecimento do Idioma, o Entendimento com o Traductor ou com outros estudiosos das Obras do Dr. Rudolf Steiner. Isso até

---

<sup>7</sup> Segundo Müller, citado mais adiante (p.16), o uso de maiúsculas nos substantivos de suas traduções só veio a ser utilizado a partir de 1962. Os prefácios anteriores sofreram certamente uma recisão ao serem reeditados.

mesmo poderá ser um Meio para aperfeiçoar futuramente o Trabalho ora em Realização. Certo é que todo o Esclarecimento sobre o que aqui se apresenta não poderá ser buscado fóra e sim dentro do mesmo. (op.cit.:XV)

Deste projeto de leitura certamente faz parte o aperceber-se das suposições utilizadas para a compreensão das traduções. Por isso, talvez, o farto uso dos prefácios às primeiras traduções, para esclarecer sobre seu modo de traduzir e o que podemos considerar suas **restrições rituais**<sup>8</sup>. Entre essas podem-se incluir o uso da ortografia anterior à reforma de 1943 e a leitura das obras em voz alta<sup>9</sup>.

O prefácio a Teosofia traz como data de conclusão 4/6/1942. Os comentários referem-se às inovações introduzidas na tradução: notas inseridas no corpo do texto, entre parênteses e assinaladas com asterisco, e o glossário ao final do livro. Sobre essa nova tradução, Müller comenta: "estará plenamente justificado o seu Aparecimento, embora não faça calar as Vozes que ignoram, que a Critica justificada só póde partir de quem fôr capaz de fazer melhor, melhor fazendo". Tais críticas teriam partido de antropósofos de língua alemã imigrados para o Brasil, insatisfeitos com suas soluções<sup>10</sup>.

A tradução seguinte, *A Philosophia da Liberdade*, foi concluída em 1944, "precisamente no dia 14 de Julho"<sup>11</sup>, mas não chega a ser publicada logo. A Guerra força o início de um período de recesso editorial que se prolongaria por vinte anos.

---

<sup>8</sup> Além das restrições sistêmicas da língua, LEVINSON (1983:44) propõe ainda restrições rituais, "aqueles ingredientes que, embora não essenciais à manutenção da interação, são, no entanto, típicos dela" (those ingredients that, while not essential to the maintaining of interaction, are nevertheless typical of it).

<sup>9</sup> Ver folha-de-rosto de STEINER (1980), reproduzida em fac-símile no Anexo A.

<sup>10</sup> Sr. Volker von Haupt, comunicação pessoal em 06/03/1997.

<sup>11</sup> F. Müller, no prefácio a STEINER (1964), p. 1.



No ano de 1962, exatamente vinte anos após as primeiras publicações, Müller retoma sua atividade editorial em larga escala com a publicação, em uma mesma edição, de suas traduções de *O Methodo scientifico de Goethe* e *Única Critica possivel aos Conceitos atomisticos* (STEINER, 1962). Da primeira página do livro consta a "Justificação do Traductor", espécie de prefácio. Ali, Müller remete à leitura de seus prefácios anteriores, referindo-se a eles como indispensáveis à compreensão do livro. E indica uma decisão importante em seu projeto de tradução:

Agora as Experiencias adquiridas desde então, encorajaram-me a introduzir o Uso de Maiusculas para os Substantivos, o que á primeira Vista poderá causar Estranheza. Creio entretanto ser imprescindivel [...] Se conservei, como antes, o quanto possivel a Orthografia antiga, aconteceu pela mesma Razão.

Por "Orthografia antiga", Müller refere-se à que vigorava antes do sistema ortográfico introduzido em 1943, de que constavam as consoantes mudas, o grupo inicial [sc] e as letras do alfabeto anglo-saxão [k, w, y] (cf. FERREIRA, 1986:IX-XV).

Após a "Justificação", lê-se:

#### OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Nas ultimas Folhas do Livro o Leitor encontrará algumas Notas terminologicas relativamente a Vocabulos desusados, invulgares, ou até Inovações.

Os Parentheses providos de um Asterisco ( )\* não são do Autor; foram inseridos por mim apenas lá onde me pareceu proveitoso ampliar ou restringir o Conceito precedente, e mais para a Traducção dos Titulos allemães de Obras citadas pelo Autor.

Neste mesmo ano de 1962, Müller publica ainda *A Soleira do Mundo espiritual* e, no ano seguinte, *Philosophia e Anthroposophia*. Este último contém um prefácio denominado "Palavras de Escolta", assinado pelo Dr. Francisco Dorsa. Ao prefácio vai anexo o artículo "A Arte de Traduzir", que foi provavelmente o primeiro artigo de

Frederico Müller sobre tradução. Não é propriamente uma reflexão sobre o fazer do tradutor, como indica o título. É, em primeiro lugar, uma defesa de seu projeto. Apresenta as dificuldades que considera inerentes a “o temerario Empreendimento de verter para o Vernaculo Obras literarias ou philosophicas de Autores estrangeiros” [op.cit.: p.5] e argumenta que não há em português uma terminologia adequada para obras filosóficas em alemão, donde a necessidade de criá-la. Após o prefácio de Dorsa, no qual se inclui o artigo de Müller, há uma nota ao leitor assinada por Traude Ziegelwanger e datada do dia 29/9/1963, e uma “Observação importante” (op.cit.: 8), de Müller, que repete a dos livros anteriores com remissão ao glossário e às notas.

As reflexões sobre o fazer tradutório foram apresentadas no ano seguinte, 1964, no artigo “Traduzir sem Trahir!”, partes I e II, publicados sequencialmente em *Epoca Michael*, periódico de circulação restrita e bilíngue português-alemão. É um artigo longo, de 12 e 8 páginas, respectivamente. Como quer parecer já desde a ênfase do ponto de exclamação incluída no título, o principal objetivo de Müller era defender seu modo de traduzir. A primeira parte é dedicada a introduzir o tema. Ao conjunto de pressupostos que fundamentam suas decisões de tradução, Müller chamou de “directriz tradutorial” (MÜLLER, 1964a:11). Cita Steiner e Fichte<sup>12</sup>, para a filosofia da linguagem que o fundamenta, faz o cotejo com uma tradução espanhola de Steiner e tece observações sobre a lexicologia e o apuro etimológico e terminológico que exige em seu projeto. A segunda parte é dedicada à fonética e à morfologia, onde busca esclarecer algumas decisões de tradução que tomou ao longo de seu trabalho, além de reservar algumas páginas à questão da ortografia (v. capítulo 4, abaixo).

---

<sup>12</sup> Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), filósofo alemão, desenvolveu a doutrina kantiana, apresentando um “idealismo puro” em *Wissenschaftslehre* (A Doutrina da Ciência), em parte publicada no Brasil em tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, na coleção “Os Pensadores”, Ed. Abril.

Em “Traduzir sem Trahir” vemos também que “o Anthroposopho Traductor, conscio da invulgar Responsabilidade que representa” (op.cit.18), começa a cansar-se de contrapor apenas argumentos contra as críticas que recebe:

Muitos dos Criticantes do nosso Ponto de Vista, se soubessem, que suas Externações permitem distinguir o seu Gráo de Cultura até quanto ao seu Conhecimento ou não das Traducções portuguezas dos Classicos como Homero, Platão ou Dante, ou ainda da Bíblia..., é de suppor, que se teriam abtido de pôrem a Calva á Mostra com tão afoitos Juizos. (MÜLLER, 1964a:16)

A mesma sinceridade aparece nas “Palavras de Escolta” do livro lançado no mesmo ano, a tradução *A Philosophia da Liberdade*, onde Müller se vê “deante de amargurantes Criticas de Lados, que se julgam competentes para ajuizar o que desconhecem” (Müller, no prefácio a STEINER, 1964a).

Após a publicação deste prefácio, Frederico Müller só voltou a argumentar em favor de seu projeto de tradução em 1980. Em 10/12/1964, entrega à publicação *Os Segredos*, em cuja nota inicial prefere se dirigir diretamente ao “Amando Leitor”, num tom diferente:

É portanto immensa a Alegria que experiento ao poder entregar ao Publico a presente Traducção, pois já decorreram 22 Annos desde a sua Conclusão, quando eu tinha tantos Annos quantas Estrophes tem a Poesia. (Müller, no prefácio a STEINER, 1964b).

O prefácio de *A Sciencia occulta*, publicado em 1966, tem os mesmos destinatário e o mesmo tom. Nele, Müller repete a necessidade já anunciada de “uma verdadeira Traducção fiel”. Até 3/8/1980, data de conclusão aposta ao artículo “Nomes”, serão publicadas outras 40 traduções de obras de Steiner, Goethe, Novalis, Rilke, Albert Steffen, Nicolai Lesskow, Karl Julius Schröer e Peter Tradowsky (ver reprodução da lista de publicações no Anexo C). As edições não trazem mais nota sobre tradução

(p.ex., STEINER, 1969; 1971a; b) ou reproduzem prefácios já publicados (p.ex., STEINER, 1977a;b); STEINER (1980) traz algumas linhas sobre a tradução na própria folha de rosto (v. Anexo A). Provavelmente a partir de 1977, o glossário passa a ser editado "in quatro" separadamente.

Por volta de 1980, surgem traduções realizadas em parceria, em que outros tradutores (seu irmão Rudolf, Traude Ziegelwanger, Zdenka Koubla e outros) colaboram com Müller. A edição separata do nº 90 de *A Época Michael* (1980) inclui os dois últimos artigos de Müller a se dedicarem ao trabalho de tradução. Em "Nomes" (p.11), Müller argumenta sobre a realidade dos conceitos. Em "Hegel – Steiner", Müller inclui um pequeno trecho traduzido do poeta Christian Morgenstern, onde se lê: "Há um Genero, eu gostaria denominá-lo o Methodo racionalistico de traduzir. O Traductor gostaria quanto possivel ainda tornar mais claro o Original. Sem siquer uma Sombra daquella real Reverencia [...]." (MÜLLER, 1980: 12). Deste "método racionalístico" Frederico Müller, ele próprio reverente ao texto de partida, teria buscado se afastar em todos os esforços, até seu falecimento em 28/3/1982, aos 84 anos de idade.

## **1.2. Âmbito do estudo**

O presente estudo vincula-se à pesquisa de tradução na análise de produtos, isto é, pretende descrever determinado conjunto de textos que se apresentam como traduções. Mais especificamente, pretende descrever características de traduções de Müller que oferecem problemas para a reflexão sobre a prática da tradução, no que tange à intenção de rerepresentar em português aspectos do estilo de Steiner, mencionada no início. O primeiro passo para isso é mostrar como se materializa o seu "Methodo". Que procedimentos caracterizam as traduções de Müller?

No entanto, não parece suficiente apenas responder a essa questão. Implica em basear-se numa teoria da linguagem que se apóia na dicotomia entre forma e conteúdo e satisfazer-se com a primeira. Na teoria da tradução, isso redundou em diversas formulações, desde as noções de “fidelidade” à forma oposta à “fidelidade” ao conteúdo, os diversos tipos de equivalência etc. Enfim, considerar forma e conteúdo, como na famosa metáfora de Saussure, “dois lados de uma folha de papel”, levou a uma grande divisão de interesses quanto à problematização do fenômeno da tradução. Por um lado, os “cientistas da tradução” se preocupavam com aquela parcela de problemas que poderiam ser identificados ao modelo dicotômico forma-versus-conteúdo. Por outro, os especialistas em “tradução literária” se dedicavam a problemas que extrapolavam à norma lingüística. Em ambos os casos, a noção predominante é de língua como um sistema **homogêneo**.

Além disso, pesquisas recentes sobre como se compreende sentenças de uma língua colocaram sérios obstáculos à manutenção do modelo de linguagem como sistema homogêneo. Sempre mais se diz ser necessário considerar sob que condições um significado é **atribuído** e que grande parte do processo de significação depende do contexto<sup>13</sup> (cf. CLARK, 1992). Assim, a análise dos procedimentos de tradução utilizados por Müller não pode ser senão um primeiro passo. Caberia ainda perguntar: que funções podem ser atribuídas a esses procedimentos em seu contexto de produção? Para quem escrevia (qual sua audiência, presente idealmente no momento da tradução)? Quando e como suas traduções foram publicadas?

---

<sup>13</sup> Neste estudo, entende-se contexto por “informação disponível a um indivíduo para interação com um determinado processo em uma determinada ocasião” (in: CLARK, 1992:65); a utilização dessa definição na análise de produto de tradução será discutida no capítulo 2.



Este estudo pretende responder a essas questões, tendo como corpus as traduções que Frederico Müller fez de obras de Rudolf Steiner. Por motivos óbvios de tempo e espaço, a abrangência do estudo não incluirá outros autores traduzidos por ele, o que exigiria considerar épocas diferentes de constituição dos textos originais, estilos diferentes etc.

Este estudo tem, em primeiro lugar, uma motivação de contribuir para a história da tradução no Brasil. O modo como Müller busca, em suas traduções, reproduzir em português o que considera serem as marcas do estilo de Steiner ainda não mereceu, tanto quanto se saiba, nenhum estudo. Embora tenha publicado suas traduções entre 1942 e 1982, seu nome não é mencionado no levantamento de traduções do alemão publicadas em português apresentado em BRINK (1984), que cobre de 1978 a 1984. No ano em que se completam 100 anos de seu nascimento, seu trabalho continua em grande parte restrito aos estudiosos de Steiner, ao público que originalmente constituiu sua audiência. Neste aspecto, o estudo das traduções de Müller adquirem interesse diante das pesquisas sobre o fazer do tradutor ao longo dos tempos (cf. DESLILE & WOODSWORTH, 1996; WYLER, 1995). Visto da perspectiva da história da tradução no Brasil, os esforços de Müller em escrever sobre o próprio trabalho, iniciados em 1942, constituem um exemplo importante de problematização do trabalho do tradutor neste século<sup>14</sup>.

Além disso, há um interesse teórico, admitindo-se que o caráter histórico nos Estudos de Tradução (cf. principalmente LEFEVERE, 1990) consiste em examinar para que, para quem e como se traduzia, em determinado momento. Neste ponto, os

---

<sup>14</sup> Tive oportunidade de apresentar o projeto, ainda na primeira fase, a John Milton (USP), Francis Aubert (USP) e Lya Wyler, historiadora da tradução no Brasil, que, em comunicação pessoal, consideraram relevante um estudo sobre as traduções de Müller.

textos escolhidos possibilitam um recorte bem definido, a partir de suas características, a saber:

- os textos originais foram escritos por um único autor (não há variação significativa de estilo);
- todos os textos são da mesma natureza (o que exclui variação tipológica);
- o tradutor era bilíngüe (o que, em parte, exclui improficiência);
- o tradutor conhecia o assunto (exclui falta de familiaridade terminológica);
- fato de o tradutor ter publicado os livros por conta própria aponta para uma incidência quase nula do fator “pressão de tempo”;
- o tradutor apresentou uma teorização sobre o próprio trabalho, por meio da qual pode-se ter acesso a suas reflexões acerca das decisões de tradução.

Um estudo de caso como esse pode fundamentar indagações sobre outros aspectos da vida cultural brasileira que dizem diretamente respeito às práticas da tradução em nosso meio. Por exemplo, problematizar o valor atribuído à nossa língua e à nossa cultura em relação às diversas línguas e culturas das quais se traduzia.

Há ainda um motivo metodológico. As características das traduções de Müller apontadas acima oferecem grande possibilidade de generalização intra-corpus. Isto nos permitiu utilizar uma metodologia computacional de busca de dados em corpus por amostragem. Se perde em detalhe, esta metodologia possibilitou cobrir um período de 18 anos e confere uma confiabilidade razoável às conclusões sobre o trabalho de Müller.

Um estudo dessa natureza registra o trabalho e a teorização de um tradutor que durante tanto tempo traduziu e publicou uma quantidade razoável de

obras fora do "establishment" editorial. E pode apontar, de modo concreto, as possibilidades do tratamento computacional para o estudo descritivo de traduções no contexto brasileiro e estimular pesquisas futuras sobre soluções de tradução sobretudo no par lingüístico alemão-português. Paradoxalmente, é também essa a sua limitação, pois a análise aqui apresentada levantará problemas que permanecerão aqui sem proposta de solução.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos. Nesta introdução, além de apresentar o tradutor e, de uma forma geral, o assunto, ofereceu-se uma justificativa para o estudo. No segundo capítulo, discute-se o modelo teórico, cujos pressupostos nortearam a pesquisa. A metodologia e os procedimentos de análise textual, bem como a construção do corpus e seus dados gerais são apresentados no terceiro capítulo. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados da análise e, no quinto capítulo, oferecemos algumas considerações que se espera sejam úteis para futuras pesquisas em tradução.



## **CAPÍTULO 2**

---

### **CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

Neste capítulo, é apresentada e discutida a base teórica que fundamentou esse estudo. Parte-se da opção fundamental pela abordagem descritiva aplicado aos procedimentos de tradução utilizados por Frederico Müller. Considera-se, em linhas gerais, a Teoria dos Polissistemas, da qual a abordagem se originou. Apresenta-se então o modelo de estudos descritivos de tradução – inicialmente formulado para a descrição de traduções literárias<sup>15</sup> – escolhido como o corpo teórico em que se insere esse estudo.

### **2.1. A opção pelo tratamento empírico**

Como se disse anteriormente, para que possamos compreender como e em que condições se traduz é recomendável suspender o juízo de valor, “esquecer” temporariamente o que consideramos ser “boa” tradução e relatar, com métodos justificáveis, o que percebemos ocorrer ou ter ocorrido. Isto apenas é uma consequência lógica do fato de ser uma teoria apenas uma tentativa de explicar um fenômeno por meio de generalizações feitas a partir de diversas de suas manifestações. Dificilmente será possível contribuir para uma teoria da tradução sem a análise de seus fatos.

Nessa perspectiva, há os estudiosos da tradução preocupados em descrever o que ocorre na “mente” do tradutor, voltando sua atenção para o

---

<sup>15</sup> Neste capítulo, entenda-se “literatura” como o conjunto de textos criativos (poemas, romances etc.) produzidos em determinada cultura, donde o adjetivo “literário” e outros; uma discussão do conceito é apresentada em TOURY (1995:166-180).

**processo** de tradução (cf., entre outros, ALVES, 1995; GONÇALVES, 1998; KÖNIGS, 1987; MILITÃO, 1996; TIRKKONEN-CONDIT, 1986). Há algum tempo a pesquisa em tradução convive com evidências de que saber traduzir exige mais do que conhecer duas línguas - vejam-se os casos de afasia poliglota, quando o bilíngüe traumatizado permanece com as capacidades de se expressar corretamente em duas línguas, sem que possa traduzir entre elas (PARADIS, 1987). Estima-se também que o incremento na competência de L2 não necessariamente implica no incremento da proficiência tradutória (ALVES, 1995). Cabe à pesquisa de tradução no nível do processo descrever em detalhes como e sob que condições ocorreu a tradução.

Uma parte substancial da pesquisa em tradução dedica-se a estudar que regularidades se apresentam nas traduções publicadas em determinada língua em cada época, buscando caracterizá-las como **produto** (p.ex.: PUURTINEN, 1995; TOURY, 1992; VEHMAS-LEHTO, 1989). No nível do produto, os textos são a única fonte de dados para análise da tradução. Como se tratam de textos publicados, além das características intra-sistêmicas das línguas em questão, entram em consideração fatores sócio-históricos como época e modo de publicação, vínculo profissional do tradutor etc. Os dados internos e externos ao texto são o material da análise, cujo objetivo é demonstrar a inter-relação entre fatores que (retrospectivamente) podem ter determinado uma decisão de tradução<sup>16</sup>. Ou seja, a pesquisa é "uma tentativa de

---

<sup>16</sup> Seguindo inúmeros autores (p.ex. ALVES, 1995; TIRKKONEN-CONDIT, 1986; TOURY, 1995), considera-se aqui a tradução não apenas como transcodificação entre códigos lingüísticos, mas como um processo de tomada de decisão, em que o tradutor decide em vários níveis (lexical, pragmático etc.).

gradualmente reconstruir tanto as decisões de tradução quanto as restrições sob as quais elas foram tomadas” (in: TOURY, 1995:88)<sup>17</sup>.

Compreende-se aqui que a pesquisa no nível do processo e no nível do produto se distinguirá em grau, não em tipo. Ao primeiro tipo, cabe investigar em detalhe o processamento que levou à construção de um texto (a tradução) a partir da análise de fenômenos e fatores, previamente estabelecidos, no nível do produto, como fenômenos de tradução naquela determinada época. E ao segundo tipo, cabe generalizar as evidências empíricas da primeiro, levantadas a partir da descrição de processos cognitivos (e, em certa medida, inatos), conduzindo, a partir dessas evidências, à justificação de suas hipóteses explicativas.

Partindo dessa compreensão a respeito do caráter da pesquisa de tradução e dadas as características, que já se discutiram, das traduções publicadas por Frederico Müller, nossa investigação baseou-se teoricamente no modelo conhecido como “Estudos descritivos de Tradução” (em inglês, “Descriptive Translation Studies”; doravante EDT), tal como exposto principalmente em EVEN-ZOHAR (1978; 1979; 1990), GEEST (1992), TOURY (1980; 1992; 1995). Esse modelo tem seus pressupostos mais importantes admitidos em diversos estudos de abordagem lingüística (cf. principalmente PUURTINEN, 1989; 1995; VEHMAS-LEHTO, 1989).

Neste modelo, situa-se bastante claramente o trabalho descritivo que cabe à pesquisa em tradução no nível do produto. Consideradas isoladamente, a quantidade de variáveis envolvidas numa decisão de tradução constitui-se em um problema considerável para a descrição de traduções. Mas, como nenhum comportamento de linguagem é completamente livre de restrições, pode-se analisar adequadamente as

---

<sup>17</sup> No original: “an attempt to gradually reconstruct both translation decisions and the

decisões de tradução em função da estrutura que lhes subjaz. A escolha do modelo EDT como corpo conceitual a fundamentar este estudo deve-se à abordagem coerente que oferece, integrando fatores internos (textuais) e externos (culturais)<sup>18</sup>. Baseado na Teoria dos Polissistemas, o modelo EDT herdou desta a abordagem sistêmica, uma visão da cultura em sociedade e a base empírica de investigação. Nisto, assemelha-se ao paradigma laboviano de pesquisa lingüística. Além disso, propõe uma explicação bastante elegante do papel que assume a tradução de sua posição funcional em determinada cultura. No modelo EDT, o aspecto funcional da tradução é responsável pela abordagem orientada pela língua e cultura de chegada ("target-orientedness").

A seguir, apresenta-se em linhas gerais alguns conceitos fundamentais para este estudo, da Teoria dos Polissistemas, de acordo com o exposto em EVEN-ZOHAR (1978;1979)<sup>19</sup>. Este pequeno excurso fundamenta a apresentação que lhe segue, do modelo EDT de abordagem à tradução.

## **2.2. A hipótese dos polissistemas**

A hipótese dos polissistemas é, fundamentalmente, a idéia de que os padrões de comunicação humana organizam-se como sistemas e não como um simples ajuntamento de elementos. A principal característica de uma abordagem sistêmica do

---

constraints under which they were made".

<sup>18</sup> Caberia aqui mencionar a "abordagem integrada" (SNELL-HORNBY, 1988) e a Teoria ou Estética da Recepção (cf. JAUB et al., 1979; VIEIRA, 1996:109-123), que também contemplam fatores culturais; pelos óbvios motivos de espaço, discute-se apenas o modelo EDT.

<sup>19</sup> A hipótese dos polissistemas foi apresentada em 1970 e republicada em EVEN-ZOHAR (1978), que também inclui o importante artigo "The position of translated literature within the literary polysystem". O referido artigo de 1979 é uma síntese da teoria. VIEIRA (1992) oferece um capítulo sobre o desenvolvimento teórico e histórico do assunto.

fato cultural (língua, literatura etc.) é de considerá-lo não isoladamente, mas em suas relações com outros fatos culturais, em um determinado momento e lugar. Cada elemento do sistema deve ser analisado em função do valor comparativo que adquire em relação aos outros. Esta idéia remonta ao Formalismo Russo, desde o qual se estabeleceu um certo consenso de que uma abordagem funcional é mais adequada para descrever e explicar como operam os vários elementos em determinada cultura.

O termo "polissistema" foi proposto por Itamar Even-Zohar, da Universidade de Tel Aviv, a fim de ressaltar certas propriedades do sistema. Em primeiro lugar, fica em evidência a multiplicidade de interseções entre cada elemento, ou seja, uma maior complexidade de estruturação. Em decorrência, fica claro que um modelo de funcionamento do polissistema deve implicar em **heterogeneidade**. Também se incluem na análise os motivos de certa configuração sistêmica, vale dizer, a razão porque a certo elemento é atribuído maior ou menor valor em relação a outros num dado momento. O termo "polissistema" é ainda especialmente útil para que se evite tomar pelo sistema inteiro apenas seu elemento de maior prestígio.

Desenvolvida como uma hipótese explicativa que incorpora a dimensão histórica à reflexão teórico-literária, a Teoria dos Polissistemas foi aplicada principalmente ao estudo de obras literárias. Neste caso, além de itens nos níveis lexical, frasal e discursivo, os elementos de um polissistema em análise seriam unidades textuais mais amplas, tais como **matriz** (conjunto mais ou menos estável de relações textuais [ordem, concatenação e posições]), **modelo** (combinação potencial de matrizes selecionada de um dado repertório) e **repertório** (conjunto de itens potencialmente utilizáveis) – cf. EVEN-ZOHAR (1979:305).

Outras características importantes do modelo são as seguintes:



**Estrutura aberta** Por sistema entende-se a idéia [um modelo] de uma rede de relações fechada, em que os membros adquirem seus valores por meio de suas respectivas oposições; a idéia de uma estrutura aberta, consistindo de algumas redes de relações concorrentes e co-existentes no tempo e no espaço. (EVEN-ZOHAR, 1978:291)

**Estratificação dinâmica** Na representação dos polissistemas utiliza-se com freqüência a metáfora "centro-periferia". Assim, como acontece nas metrópoles modernas, o centro do sistema é ocupado pelo grupo de elementos aos quais se atribui maior valor naquele instante (variante lingüística padrão, cultura oficial, padrões de comportamento estandardizados, boa literatura etc.). A periferia é ocupada pelos elementos menos prestigiados. Mas o próprio termo "polissistema" reforça que é possível a coexistência de vários centros – o que é mais apropriadamente representativo das megalópoles atuais. Por meio desta metáfora, apresenta-se bastante claramente as tensões entre os elementos do sistema. O polissistema se organiza hierarquicamente, ou numa estratificação dinâmica entre centros e periferias. A conformação da ordem dos valores em determinado momento constitui o estado sincrônico do sistema. É a mudança nesta conformação constitui uma alteração no eixo diacrônico (op.cit.:293). Elementos passam ao centro a partir da diferenciação de seu status, ou seja, com a mudança no valor que se lhes atribui. Suas propriedades tornam-se então um padrão aceitável, suprimindo as necessidades funcionais do sistema.

**Conversões** Alterações no sistema ocorrem por meio da transferência de elementos entre sistemas ou entre periferia e centro dentro de um mesmo sistema. Estes movimentos chamam-se **conversões**. As conversões são motivadas pelas tensões entre elementos do sistema (padrão/não-padrão; oficial/não-oficial; canonizado/não-canonizado; alto/baixo ou como se os queira chamar). A falta de capacidade do

elemento central em continuar suprindo as exigências funcionais do sistema constitui em geral a causa de tensão crescente entre os elementos. Um dos exemplos dessa falta de capacidade é a chamada **petrificação**, manifesta pela crescente estereotipação dos repertórios. As conversões reinstauram o equilíbrio regulador.

**O papel da tradução** Neste contexto, a análise da tradução interlingual fica condicionada a sua posição funcional no sistema. O conjunto da literatura traduzida constitui um sistema em si, com normas próprias. Quanto aos procedimentos textuais de composição do texto traduzido, ou podem participar de um processo de conversão, quando se introduzem procedimentos inovadores no sistema, ou podem estar submetidos a um processo de reprodução de procedimentos aceitos e/ou de “domesticação” de procedimentos estranhos. Num e noutro caso, anteriormente aos problemas de tradução, coloca-se o do valor atribuído na cultura de chegada à cultura e à língua onde o texto original foi produzido, bem como o das tensões centro-periferia:

[S]e o polissistema de chegada é fraco frente ao polissistema fonte, funções não existentes [no primeiro] podem ser domesticadas, possibilitando então uma maior relacionabilidade (entre destino e fonte) sob a condição de que a posição do sistema de tradução seja central dentro do polissistema de chegada. (EVEN-ZOHAR, 1990:75)<sup>20</sup>

Tal conjunto de hierarquias constitui-se numa restrição sistêmica ao comportamento tradutório. Sob certas circunstâncias (colapso do elemento central, por exemplo) as restrições podem operar não apenas na seleção dentre opções estabelecidas, mas na produção de opções que não existiam antes. As condições de

---

<sup>20</sup> No original: “...if a target polysystem is weak vis-à-vis a source polysystem, then non-existent functions may be domesticated, thus making a higher relatability (between Target and Source) possible on condition that the position of the translated system within the target polysystem is central”.



produção de uma tradução são necessárias à análise do produto, na medida em que esta visa a desvendar as relações entre os vários fatores que levaram a tal ou qual comportamento.

A parte final da análise neste trabalho (item 4.4, abaixo) apresenta algumas considerações sobre a inserção das traduções de Frederico Müller no sistema literário brasileiro.

As formulações da Teoria dos Polissistemas acerca da tradução, portanto, foram aqui sistematizadas e serão acrescidas de uma metodologia pertinente no modelo EDT, cujos principais desenvolvimentos apresentam-se a seguir.

### **2.3. O modelo EDT**

A função sistêmica da tradução, mencionada acima, introduz na análise uma noção importante: a orientação pela língua e cultura de chegada ("target-orientedness"). Com isto formula-se, em termos epistemológicos, o óbvio: o motivo de uma tradução ser produzida pode ser devido a fatores da cultura de chegada. É nela que o editor ou um indivíduo procura um tradutor e demanda a tradução de certo texto em outra língua que não a de sua cultura<sup>21</sup>. Portanto, "traduções são  **fatos de culturas de chegada**" (TOURY, 1995:29 – ênfase do autor), de um único sistema. Assim, pela abordagem descritiva a que se vincula, define-se operacionalmente que "por 'tradução' será tido qualquer enunciado da língua de chegada apresentado ou

---

<sup>21</sup> Mantemham-se as exceções bastante claras da literatura para exportação (por exemplo, a marxista produzida na URSS ou na China continental) e das exigências locais de culturas bi- ou multilíngües.

considerado como tal dentro da cultura de chegada, sejam quais forem os motivos" (Toury, citado em KOLLER, 1992:206)<sup>22</sup>.

Como consequência lógica, um estudo descritivo deve partir da descrição de **traduções**. Apenas num segundo momento deve ocupar-se das relações que estas mantêm com seus respectivos textos originais. Os textos traduzidos serão investigados "em termos de sua aceitabilidade em todos os níveis relevantes" (TOURY, 1995:36), para que se determine que procedimentos caracterizam a tradução e, num segundo momento, qual relação há entre o segmento traduzido e o segmento do texto de partida. A simples determinação dos procedimentos de tradução não é suficiente para uma análise que integre funcionalmente a tradução no conjunto do sistema. Às vezes, tais procedimentos podem provocar mudanças (conversões) num sistema, outras vezes podem ser o resultado delas. Portanto, é preciso articulá-los em função de hipóteses explicativas sistemicamente coerentes. Com frequência, isso apenas é possível admitindo-se um modelo global de ordem mais geral, onde decisões locais aparentemente sem explicação encontram coerência (EVEN-ZOHAR, 1990:76).

Tais modelos globais emergem da comparação entre os pares mínimos de fenômenos que se estabelecem para os textos traduzido e original. O principal deles é a **noção de tradução** que subjaz ao texto traduzido, que se revela a partir da noção de equivalência que se constitui como norma entre os pares (para a metodologia do modelo EDT, cf. TOURY, 1995: caps. I e III). A noção de tradução, no contexto de produção do texto traduzido, permitirá que se produzam as primeiras generalizações e hipóteses para as decisões de tradução.

---

<sup>22</sup> No original: "a 'translation' will be taken to be any target language utterance which is presented or regarded as such within the target culture, on whatever grounds".

Disso se depreende que uma noção importante no modelo EDT é a de **normas de aceitabilidade**, isto é, “a representação de valores gerais ou idéias compartilhadas pela comunidade – quanto ao que é certo ou errado, adequado ou inadequado” (TOURY, 1995:55). Pois, como qualquer comportamento da língua, também a tradução pode ser analisada em termos de seus padrões recorrentes. Um estudo descritivo pode caracterizar um sistema literário em termos intrínsecos (elementos textuais) ou extrínsecos, tais como os vinculados à circulação do texto em determinada sociedade - quem financiou a tradução? quem a publicou? como o livro foi comercializado? etc. E, principalmente, que relações se estabelecem entre elementos intrínsecos e extrínsecos. Resumidamente, pode-se dizer que cabe à análise da tradução mostrar, como afirma TOURY (1992:47):

- a) que, em larga medida, as decisões individuais de tradutores são **padronizadas**, em vez de totalmente irregulares;
- b) que as regularidades observadas de comportamento podem ser atribuídas a certos **princípios**;
- c) que o mais forte destes princípios determinantes origina-se na literatura **de chegada**, aquela em que [...] o ato da tradução é deflagrado e cujas necessidades é seu objetivo satisfazer; e, finalmente,
- d) que esses princípios, e o comportamento induzido por eles, refletem uma **rede de relações** subjacente que constitui uma realização historicamente determinada do conceito de “literatura” e define “tradução” para seus objetivos.<sup>23</sup>

No capítulo 4, a seguir, a noção de normas de aceitabilidade será vista na análise da terminologia usada por Müller em suas traduções de Steiner.

---

<sup>23</sup> No original: “(a) that, to a large extent, decisions of individual translators are *patterned* rather than totally erratic; (b) that the observed regularities of behaviour can be attributed to certain *principles*; (c) that the strongest of these governing principles originate in the *target* literature, the one where [...] the act of translation is initiated and whose needs it is designed to satisfy; and, finally, (d) that those principles, hence the behaviour induced by them, reflect an underlying *network of relationships* which constitutes a historically determined realization of the concept of “literature” and define “translation” for its purposes”.

Uma importante contribuição para o modelo EDT foi formulada por André Lefevere. Apresentamos alguns de seus conceitos, importantes para nosso estudo, conforme apresentados em LEFEVERE (1990; 1992). Para ele, "tradutores não traduzem apenas palavras; também traduzem um universo discursivo, uma poética [tradição literária] e uma ideologia". (1992:94)<sup>24</sup>. Assim sistematizadas, as decisões do tradutor dão-se em quatro níveis, freqüentemente nesta hierarquia de importância:

1. nível ideológico
2. nível poetológico
3. nível discursivo
4. nível lingüístico

Note-se que os níveis ideológico, poetológico e discursivo se manifestam no nível lingüístico. Em uma tradução, a presença de um fenômeno tido como "estranho" a esse nível indica que a decisão foi tomada em um nível hierarquicamente superior.

Para exemplificar, considere-se o exemplo clássico do versículo 8, no oitavo capítulo do Evangelho de João, em traduções correntes para o português (in: ROTHE-NEVES, 1996):

Disseram-lhe os discípulos: **Rabi**, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá?

Disseram-lhe os discípulos: **Mestre**, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?

Os discípulos contestaram: "**Mestre**, agora há pouco os judeus queriam te apedrejar, e vais de novo para lá?"

Seus discípulos disseram-lhe; "**Rabi**, há pouco os judeus procuravam lapidar-te e vais outra vez para lá?"

Replicaram-lhe: "**Rabbi**, ainda há pouco os judeus queriam apedrejar-te e voltas

---

<sup>24</sup> No original: "translators do not just translate words; they also translate a universe of discourse, a poetics, and an ideology."

para lá?"

original: λεγουσιν αυτω οι μαθηται Ραββι νυν εζητουν σε λιθασαι οι ιουδαιοι και παλιν υπαγεις εκει

Neste conjunto de versículos, temos [mestre, Rabbi, Rabi] como a tradução oferecida para a transliteração grega do hebraico "rabi", (meu mestre). Em outra passagem no texto grego, há a ocorrência de "διδασκαλος" ("didaskalós"; mestre), o que demonstra a existência de um termo nativo considerado equivalente ao termo hebraico. Pode-se dizer que a apresentação de [mestre] é "permitido" pelo nível ideológico em que se insere uma tradução, enquanto em outras o mesmo nível exigirá [Rabi, Rabbi].

O emprego de um termo estrangeiro mantém para o leitor a sensação da alteridade. O projeto de homogeneização do cristianismo utilizou-se do procedimento de nacionalização dos termos hebraicos. Afinal de contas, era preciso demonstrar, segundo o dito popular, que "muitos são os modos de contar a verdade, embora esta seja uma só". Assim ocorre com os topônimos e os nomes próprios de um modo geral (op.cit.).

A análise de traduções envolve, portanto, quatro categorias básicas (LEFEVERE, 1990):

1. **Autoridade**, que se realiza em:
  - a) a autoridade do patrono, de quem parte o encargo da tradução;
  - b) a autoridade do texto original (e, por extensão, da língua e da cultura de partida);
  - c) a autoridade do autor do original;
  - d) a autoridade da cultura receptora;

2. **Perícia** do tradutor, que é garantida por outros peritos;
3. **Confiança** em que o texto traduzido represente o original;
4. **Imagem** que a tradução cria de um texto, de um autor, de uma literatura, de uma cultura.

Essas serão também as categorias básicas que agem como pano de fundo para nossa análise. Como se viu nesse capítulo, o modelo EDT é coerente para análises de produtos de tradução. Portanto, é adequado à investigação dos procedimentos de tradução utilizados por Frederico Müller em suas traduções de Rudolf Steiner. No próximo capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada neste estudo de caso.

## **CAPÍTULO 3**

---

### **METODOLOGIA**



Apresenta-se neste capítulo a metodologia utilizada no estudo de caso das traduções de Frederico Müller. Mostra-se aqui em detalhe como se procedeu para o levantamento de dados textuais e extra-textuais.

### **3.1. Método**

Conforme indicado anteriormente, a análise do produto de tradução envolve o estabelecimento das restrições que direcionaram as decisões de tradução em determinado contexto e em que nível elas se dão (lingüístico, discursivo, poetológico ou ideológico). TOURY (1995:38) apresenta resumidamente a metodologia de análise descritiva de traduções como constando de três fases:

1. Seleção de texto apresentado e/ou considerado como tradução, em função de sua aceitabilidade ou desvio de norma; primeira tentativa de organização dos fenômenos lingüísticos em problemas com hipóteses coerentes;
2. Estabelecimento do respectivo texto fonte e determinação de pares de segmentos textuais (fenômeno de tradução e fonte) como unidades de comparação; estabelecimento das relações fonte/destino;
3. Formulação de generalizações; processo [reconstruído] de tradução.

À ordem linear das fases 1 a 3 (procedimentos de descoberta) corresponde a ordem inversa 3 a 1 de procedimentos de justificativa, onde informações extrínsecas são utilizadas para corroborar, validar ou refutar as hipóteses feitas no levantamento textual.



O procedimento de análise envolve portanto, nesta ordem, o levantamento dos fenômenos de tradução (aqueles fenômenos da língua de chegada a que se atribui serem “tradução”), o estabelecimento de pares de segmentos textuais (tradução/original), o estabelecimento das relações entre o segmento tradução e o segmento original (que restrições operaram em que nível), a proposição de uma reconstituição do processo de tradução a partir de inferências acerca da noção de equivalência que subjaz aos fenômenos, o estabelecimento da noção de tradução que norteou as decisões de tradução e a justificação dessas formulações hipotéticas com base na análise de outros fenômenos e/ou informações extra-textuais (um exemplo concreto é oferecido logo no início do próximo capítulo, à página 44).

Seguimos aqui esta metodologia. Um estudo de caso, por ser mais restrito, pode ser mais detalhado. E, para isso, deve lançar mão de vários métodos de coleta de dados, conforme se fizer necessário. Apresenta-se, a seguir, os métodos de coleta utilizados para dados extra-textuais e textuais.

### ***3.1.1. Informações extra-textuais***

As informações extra-textuais (ou extrínsecas, contextuais, culturais) foram coletadas em pesquisa bibliográfica nos paratextos e por meio de entrevista. A entrevista foi realizada em São Paulo (em 06/03/1997), com membros do Grupo Novalis, vinculado à “Antroposophica Sociedade no Brasil”, a que pertencia Frederico Müller. O Grupo Novalis continua a comercializar as traduções de Müller e a fazer delas um uso “ritualístico”, lendo-as em voz alta em reuniões semanais. Da entrevista participaram o Sr. Volker von Haupt, membro do Grupo e tradutor juramentado do alemão, o Sr. Sabino, responsável pela sede do grupo, Ivan L.S.B. da Mota

(FALE/UFMG), como testemunha, e o autor. As informações ali coletadas foram relativas à biografia de Frederico Müller, às atividades do Grupo e sua posição no movimento antroposófico. Parte destas informações foram utilizadas para a contextualização inicial do tradutor (v. Introdução) e parte serviu para fundamentar as justificativas da análise, como ainda se verá (cap. 4, abaixo). O Anexo C apresenta uma reprodução fac-similada de um panfleto do Grupo, que será posteriormente incluído na análise.

A pesquisa bibliográfica nos paratextos (folhas-de-rosto, prefácio e notas) deveu-se ao fato de que “são os elementos paratextuais que, como veremos, fornecem os referenciais contextuais” (VIEIRA, 1992:146). Recolheu-se aqui informações sobre a época e a forma de publicação, além das reflexões do tradutor sobre seu trabalho. Quanto a esse último tipo de informação, recolheram-se todos os textos escritos por Frederico Müller: quatro dedicam-se ao seu modo de traduzir e três a uma polêmica interna ao movimento antroposófico. O Anexo A traz as reproduções fac-similadas (com 50% de redução) das folhas-de-rosto dos livros analisados. O Anexo B, o glossário criado por Müller e publicado “in quatro”.

### ***3.1.2. Informações textuais***

As informações intrínsecas foram coletadas de duas maneiras. Em primeiro lugar, procedeu-se ao exame do glossário (MÜLLER, s/d) e de STEINER (1977), de quando Müller considerava o próprio modo de traduzir como maduro. Analisaram-se os níveis de **formação** (morfologia) e **colocação** de palavras na sentença (sintaxe). A

primeira fase da análise consistiu na coleta dos fenômenos de tradução<sup>25</sup>. Foram escolhidos aquelas palavras admitidas como sendo resultantes de um processo de tradução. As palavras coletadas a partir do julgamento subjetivo inicial do pesquisador foram posteriormente checadas contra três dicionários (BRUGGER, 1962; FERREIRA, 1986; SOARES, 1952)<sup>26</sup>.

Buscou-se então generalizar a importância dos itens para outros livros de Steiner traduzidos por Müller, buscando informações em um corpus contendo uma amostra de dez livros. Tomou-se a amostra como representativa e os dados foram reunidos para levantamento descritivo (frequência absoluta e relativa).

Para a coleta de informações no corpus utilizou-se o programa "Micro-OCP" (© Oxford University Press), de análise textual, pela possibilidade que oferece de buscar regularidades em meio a vasta quantidade de textos. Como esta ferramenta é de uso incipiente nos Estudos de Tradução, é interessante apresentá-la em maiores detalhes, o que faremos a seguir.

Chama-se "corpus" um arquivo eletrônico de textos. A abordagem corpus-lingüística surgiu da necessidade de levantar dados do **uso** escrito da língua (onde se insere a tradução), isto é, da língua em sociedade (sobre a pesquisa lingüística com "corpora" textuais, cf. SINCLAIR, 1992). BAKER (1995) discorre sobre as possibilidades de aplicação de métodos de busca em corpus aos estudos de tradução, além de apresentar as operações básicas de processamento de texto. Segundo ela, três tipos de corpus podem ser úteis à pesquisa em tradução (op.cit.: 230-235):

---

<sup>25</sup> Por "fenômeno de tradução" entende-se aqui aqueles segmentos que saltam mais aos olhos, como estranhamento, na primeira leitura de uma tradução.

<sup>26</sup> O recurso aos dicionários aqui deve ser compreendido aqui como uma mera forma de relativizar a opinião do pesquisador, sem qualquer relação com a questão de esgotarem ou não a descrição do léxico da língua.

- Corpus paralelo: contém cada linha do texto original seguida de sua tradução, como uma versão interlinear;
- Corpora multilíngues: conjunto de dois ou mais corpora monolíngues construídos segundo os mesmos critérios, para servir ao estudo da variante escrita "in natura";
- Corpora comparáveis: o mesmo que acima, apenas consistindo em textos originais e traduzidos em uma mesma língua, de modo a que se possa estudar relações de ocorrência de diversos fenômenos de tradução e compará-los aos sistemas nativos.

Neste estudo, optou-se pela construção de um pequeno corpus de amostragem, apenas com textos traduzidos por F. Müller.

O Micro-OCP, versão para micro-computadores pessoais do "Oxford Concordance Program", produz, a partir de um "input" em arquivo MS-DOS, três diferentes tipos de "output":

- Uma listagem em ordem alfabética para qualquer palavra, sua frequência de ocorrência no texto e em relação ao total de palavras; é considerada uma palavra qualquer segmento de caracteres definidos como visíveis para o programa, sem distinção entre formas flexionadas;
- Um índice mostrando o lugar de cada ocorrência no texto, além dos dados acima mencionados;
- Uma listagem de concordância de qualquer palavra ou sequência escolhida, no co-texto de ocorrência.

O OCP oferece ainda uma lista com informações das seguintes ordens:

- Quantidade de palavras (dados);
- Quantidade de tipos diferentes de palavras, sem repetição (tipos);
- Razão tipo/dado ("type/token ratio");

A razão tipo/dado é um índice da riqueza vocabular, pois indica quantas vezes se utiliza o mesmo número de tipos diferentes de palavras. Por exemplo, na frase:

O gato e o cachorro não são amigos.

temos a ocorrência de 8 palavras, que serão computadas como dados. Mas o artigo [o] repete-se duas vezes, motivo pelo qual serão computados apenas 7 tipos. A razão desta frase é 0.875, bastante próxima de 1, revelando pouca repetição de palavras. Quanto mais próxima de zero for a razão, mais repetitivo o vocabulário do texto. Note-se que à medida que cresce um texto, a razão tipo/dado tende a cair.

A partir destas informações, é possível formar um quadro mais preciso a respeito das características textuais das traduções de Müller. No entanto, os dados brutos são insuficientes para análise. Servem para conferir maior segurança quanto à frequência exata de ocorrência de determinado item ou sequência e, ainda, para acelerar enormemente o processo de busca.

### **3.2. Obras analisadas**

Para este estudo, escolhemos apenas os textos traduzidos por Müller até 1980, visto que a partir de então ele começa a trabalhar em colaboração. A escolha dos textos a serem submetidos ao OCP foi aleatória. Dentre as 38 traduções que F. Müller produziu da obra de Steiner, foram selecionadas 10. São elas:

Ano de publ.	Obra:
1962	O Methodo scientifico de Goethe; Linhas-Gerundo de uma Theoria de Reconhecença da Aspecção de Mundo de Goethe com particular Respecção a Schiller.
1963	Philosophia e Anthroposophia
1964a	A Philosophia da Liberdade
1966	A Sciencia occulta no Circumtraçado
1969	A Doutrina das Categorias de Hegel
1971	O creador Mundo da Côr
1971	O Wesen das Côres
1977	Theosophia (2.ed.)
1977	A Educação da Creança segundo o Ponto de Vista da Sciencia d'Espírito (2.ed.)
1980	O Christianismo como Facto mystico e os Mystérios da Antiguidade

(todas as folhas-de-rostro são reproduzidas no Anexo A).

Na primeira dessas traduções, STEINER (1962), Müller não apresenta os dados dos originais em alemão, trazendo no verso da folha de rosto apenas os "Títulos em Allemão". STEINER (1962) reúne em uma edição dois trabalhos de Steiner: *O Methodo scientifico de Goethe* e *Única Crítica possível ao Atomismo*. Pelo prefácio do autor, percebe-se que ele utilizou a reedição de 1923 para *O Methodo...* Para *Única Crítica...*, utilizou a versão publicada no "Goetheanum", órgão de divulgação publicado em Dornach, Suíça, edições nº 22 e 23 (1939) – esta indicação vem incluída entre o título e o corpo do texto do artigo traduzido. O verso da folha de rosto traz ainda a



informação de que o livro fôra “publicado por F. MUELLER, Caixa Postal, 2312 – Rio de Janeiro” e logo abaixo o logotipo da Gráfica Tupy Ltda.

A mesma gráfica imprimiu ainda STEINER (1963; 1964a; 1966). STEINER (1969; 1971a; b) foram edições mimeografadas – v. Anexo A. STEINER (1977a; b) foram impressos na Gráfica Moderna, a mesma que imprimiu o glossário (MÜLLER, s/d). STEINER (1980) é uma edição em off-set, mas não traz indicação de onde foi produzido. Todos os livros trazem a indicação de haver sido publicados por Frederico Müller.

A folha de rosto de STEINER (1977) indica alteração na tradução, dizendo-a “(Melhorada)” – v. Anexo A. No verso da folha de rosto, lê-se:

Copyright 1922 by  
PHILOSOPHISCH-ANTHROPOSOPHISCHER VERLAG  
AM GOETHEANUM, DORNACH, SUISSA

Parece claro que esta indicação se refere a *Theosophie*, o original alemão publicado por Rudolf Steiner. Müller não utilizou como texto de partida a edição original de 1904. Partiu da edição de 1922, revista e ampliada pelo autor, conforme se depreende dos prefácios incluídos na tradução.

Para estabelecimento dos segmentos originais, utilizamos as edições alemãs STEINER (1894; 1922; 1930; 1979).

### **3.3. Amostra**

A amostra constitui aproximadamente 3% do total de textos de Steiner, traduzidos e publicados por Müller. A admissão da amostra em arquivo ASCII foi feita

por leitura ótica via OCR ("optical character recognition") de cada livro, tomando-se cada décima página, mais a primeira. Este procedimento anula estatisticamente o peso de fatores discursivos envolvidos na construção dos scripts dos textos.

O input textual para a análise via OCP constitui-se da seguinte amostra:

TABELA 1				
Amostra de textos para análise textual.				
ANO (1ª ed.)	TÍTULO	Total de páginas	Amostra (pgs.)	%
1962	O Methodo Scientifico de Goethe	111	11	9,90
1963	Philosophia e Anthroposophia	31	4	12,90
1964	A Philosophia da Liberdade	224	23	10,26
1966	A Sciencia Oculta	298	31	10,40
1969	A Doutrina das Categorias de Hegel	11	2	18,18
1971	O creador mundo das côres	42	6	14,28
1971	O Wesen das Cores	51	6	11,76
1977	Theosophia (2.ed.)	158	17	10,75
1977	A Educação da Creança	31	4	12,90
1980	O Christianismo como facto mystico	140	15	10,71
<b>TOTAL</b>		<b>1097</b>	<b>119</b>	<b>11,15</b>

Após à admissão ótica, procedeu-se à correção manual de erros, pois a simples admissão por via ótica não permite o aproveitamento do corpus. Ao ser admitido, uma página de Müller tinha a seguinte configuração:

Numero. Jaz porbase ahi a Aspecg o de Mystérios do Segredo do "Numero". O Osiris como Wesen-Mundi , Um; cm cada Alma d'Homem 6 elle premanente todavia individido. Cada Hornem , um Osiris; e comtudo precisa o Um Osiris vir a ser

(extraído de STEINER, 1980:75)

O corpus foi montado, o material ordenado e checado com original, a fim de corrigir visualmente os erros de reconhecimento eletrônico. Após esta etapa, a amostra apresenta o seguinte volume de palavras:

TABELA 2			
Tamanho da amostra em palavras por obra analisada			
OBRAS	DADOS	TIPOS	RAZÃO TIPO/DADO
O Methodo Scientifico de Goethe	3760	1109	0.29495
Philosophia e Anthroposophia	1367	548	0.40088
A Philosophia da Liberdade	7191	1736	0.24141
A Sciencia Oculta	11525	2361	0.20486
A Doutrina das Categorias	619	263	0.42488
O creador mundo das côres	2313	723	0.31258
O Wesen das Cores	2277	690	0.30303
Theosophia (2.ed.)	5874	1522	0.25911
A Educação da Creança	1590	625	0.39308
O Christianismo como factio mystico	5178	1479	0.28563
<b>Total</b>	<b>41694</b>	<b>5931</b>	<b>0.14225</b>

### 3.3.1. Anotação do corpus

Ainda na montagem do corpus, procedeu-se à fase de anotação do texto, isto é, alterou-se o texto para facilitar a busca. Este é um procedimento corrente na pesquisa em corpora. Procedeu-se à anotação entre colchetes angulados (< >, chamados "referências COCOA") do início de cada novo texto e página. Cada início de

texto foi marcado com um código, que aparece nas citações ao longo desta dissertação. Para facilitar, o primeiro texto, STEINER (1962) ganhou o código "m1" e assim sucessivamente, sendo o último, STEINER (1980) o de código "m10". Isto permite que apareça o código do título e em seguida o número da página nas citações de concordância.

Outro tipo de anotação necessária foi o de alterações no próprio texto. Neste caso, o corpus exigiu alteração para uniformização e para discriminação.

- Uniformização:

Substituir os sinais que separam os comentários de Müller:

Ex.: (Etherplexo)\*, (Etherplexo)+ > [Etherplexo];

Acrescentar "%" às alterações de erros tipográficos da marcação dos comentários acima, para fácil recuperação:

Ex.: (Etherplexo),\* > (Etherplexo)\*,%

Acrescentar "%" às alterações de marcação de ênfase produzida por espaçamento de caracteres:

Ex.: E t h e r p l e x o > Etherplexo%

Essas medidas, bastante simples, não comprometem o teor do texto e facilitam bastante o trabalho de busca.

- Discriminação:

Deu-se em função da análise a ser feita. Alguns vocábulos criados por Müller são separados por hífen, como por exemplo [Calôr-Saturno]. Ocorre que o hífen deve ser listado como elemento invisível e ignorado pelo programa de busca, para que separe corretamente [deu-me] nas duas palavras [deu] e [me] de classes e

comportamentos distintos. Procedeu-se então à substituição do hífen por “#” em todos os itens compostos, à exceção das ênclises e mesóclises.

Neste capítulo, apresentaram-se a metodologia utilizada e alguns dados gerais da amostra, além de alguns detalhes relativos à construção do corpus. No capítulo seguinte, apresenta-se a análise dos dados obtidos.

## **CAPÍTULO 4**

---

### **ANÁLISE**



Neste capítulo, apresenta-se a análise dos fenômenos levantados nas traduções de Frederico Müller. Em primeiro lugar, investiga-se a inserção das traduções de Müller no sistema de textos filosóficos. Para isso, apresenta-se a análise dos processos de formação dos neologismos propostos por Müller. Com base na análise e na investigação dos paratextos, apresenta-se uma hierarquização dos valores que, em nossa leitura, nortearam as decisões de tradução de Müller. Em segundo lugar, apresentam-se alguns exemplos do trabalho de Müller no nível da sintaxe. Em terceiro lugar, discute-se a noção de tradução que subjaz às suas decisões de tradução, realçando paralelos com teorizações feitas por autores alemães. Finalmente, apresentam-se possíveis relações que se estabelecem entre os procedimentos de Müller e outros semelhantes no Brasil, buscando estabelecer semelhanças, diferenças e possíveis paralelos.

#### **4.1. Traduzindo filosofia?**

Uma das grandes preocupações expressas por Frederico Müller nos escritos em que defende suas traduções diz respeito à terminologia<sup>26</sup>. Segundo diz, ele apenas pôde introduzir as obras de Steiner na língua portuguesa “elaborando uma terminologia apropriada para as Expressões novas” (no prefácio a STEINER, 1963:5). Desde sua primeira tradução (1942), Frederico Müller preocupou-se em vincular seu trabalho à tradição brasileira e portuguesa de tradução de livros filosóficos. Esse

esforço pode ser ligado à argumentação filosófica dos textos de Steiner, que merece aqui uma breve contextualização histórica.

Grande parte dos conceitos da obra filosófica de Rudolf Steiner foi extraída do Idealismo alemão e da concepção de ciência natural desenvolvida por J. W. von Goethe. Graduado pela Academia Técnica de Viena, Steiner estudou filosofia com Robert Zimmermann e Franz Brentano. Em 1882, assumiu a edição dos escritos científicos de Goethe nas edições da *Deutsche Nationalliteratur* [Literatura Nacional Alemã], dirigida por Joseph Kürschner. Kürschner publicou em 1886 o primeiro opúsculo de Steiner, *Grundlinien einer Erkenntnistheorie der Goetheschen Weltanschauung* [Esboços de uma epistemologia da mundivisão goetheana]. Em 1890, Steiner assume a edição dos escritos científicos na chamada "edição Sofia", nos Arquivos Goethe-Schiller em Weimar. No ano seguinte, recebe o título de Doutor em Filosofia pela Universidade de Rostock, com a tese "A questão fundamental da epistemologia, com especial consideração à doutrina científica de Fichte". A tese sai publicada em 1892 com o título *Wahrheit und Wissenschaft* [Verdade e ciência]. A partir de então, o projeto de Steiner é "a elaboração de uma ciência espiritual nos moldes dos métodos exatos da ciência natural" (HEMLEBEN, 1989:65), cujo ponto de partida conceitual será buscado no Idealismo alemão.

Ao introduzir a obra de Steiner em língua portuguesa, Müller considerou a terminologia estabelecida para conceitos da filosofia alemã. No prefácio a STEINER (1977a), diz que alguns conceitos utilizados por ele não devem se constituir em um problema "para Leitores que acaso já se tenham familiarizado com a Terminologia até agora nesse Genero de Literatura" (reproduzido no prefácio a STEINER, 1977:X).

---

<sup>26</sup> Entende-se terminologia por "conjunto de termos característicos de determinada área ou sub-área" (AUBERT, 1990:26), ou seja, o seu léxico.

Oferecer notas explicativas e um glossário terminológico são procedimentos pertinentes ao sistema literário-filosófico. Coincidência ou não, seus resultados são bastante semelhantes, por exemplo, aos apresentados por Heraldo Barbuy em 1941 em sua tradução de "O Mundo como Vontade e Representação", de A. Schopenhauer. Nesse volume, Barbuy oferece 7 notas à tradução, para explicar a criação dos termos [non-Ente], [quietivo], [Ser volente], [Querer-viver], além de inúmeras outras que utiliza para a tradução dos trechos originalmente escritos em francês e latim.

Nas traduções de Müller, o que imediatamente salta aos olhos são os neologismos. Considere-se o par de frases abaixo:

Se póde por ahi formar-se uma Representação, como a Alma se acha **intromembrada** no Wesen do Homem. (STEINER, 1977a:60)

Man kann danach eine Vorstellung davon bilden, wie die Seele dem Wesen des Menschen **eingegliedert** ist. (STEINER, 1922:73)

Aqui, o par 'intromembrada – eingegliedert' permite inferir retrospectivamente que o processo de tradução do termo alemão envolveu em primeiro lugar sua decomposição nos morfemas [ein-], prefixo, e [gliedern], verbo (o morfema [ge-] marca o particípio passado). Esta formação verbal é uma derivação prefixal a partir do substantivo [Glied] (membro). Por analogia, formou-se o verbo "membrar". Procedeu-se então à tradução dos morfemas (ein- > intro-; gliedern > membrar) e posterior recomposição, readmitindo-se a marca de particípio passado. Esse processo reconstruído indica que Müller buscou estabelecer equivalências **preferencialmente** no nível da palavra. O trecho citado acima oferece ainda outros indícios que reforçam essa hipótese: o pronome oblíquo iniciando a frase e, principalmente, o par 'formar-se uma Representação – sich eine Vorstellung bilden'. A expressão alemã "sich eine Vorstellung bilden" é um exemplo de construção com verbos funcionais ("Funktionsverbgefüge"), típica do estilo nominal do beletismo alemão, em que a

carga semântica de um verbo é transferida ao substantivo<sup>27</sup>. É uma variante estilisticamente melhor reputada de "sich vorstellen" (imaginar). Nota-se que a expressão não constitui uma unidade operacional para Müller, que busca equivalências no nível das palavras que a compõem. Nesta análise, portanto, os processos lexicogênicos devem ser privilegiados, por parecerem os mais "salientes" do ponto de vista tradutológico.

Alguns dos neologismos propostos por Müller figuram em um glossário apostado às traduções. O glossário elaborado por Müller desenvolveu-se junto com suas traduções. Já no segundo livro (1942), o glossário consiste numa página ao final do livro com explicação dos termos utilizados. No terceiro livro (1962), essa página final consta de 23 verbetes. Provavelmente em 1977, já com oito páginas e 85 verbetes, Müller faz imprimir as "Explicações terminológicas do Tradutor", um folheto "in quatro" (v. Anexo B) que passa a ser incluído avulsamente em qualquer uma de suas traduções, servindo indistintamente a qualquer obra de Steiner. Dos 85 verbetes das "Explicações terminológicas...", 77 são palavras de classe aberta (tal como nos apresenta também Barbuy) e 8 pertencem a classes fechadas. Considerem-se esses últimos:

dest'arte (deste modo)	nemediatamente > unmittelbar
emqualtanto > inwiefern	omniures > überall
emtalquanto > insofern	todomodo > überhaupt
muium > mancher	ultra > über

Em livros de filosofia, palavras de classes fechadas em geral não incorrem em processos criativos. Os glossários filosóficos costumam restringir-se a verbos e itens

---

<sup>27</sup> Cf. mais detalhadamente o item 4.1.2.3., abaixo.

nominais (substantivos e adjetivos)<sup>29</sup>. A criação desses termos reforça a hipótese da busca de equivalências no nível da palavra. Faz-se necessário, então, considerar em detalhe os processos de formação de palavras utilizados por Müller, pois os termos apresentados no glossário não esgotam todos os itens criados pelo tradutor.

Os dados que apresentamos a seguir (item 4.1.1) representam todas as ocorrências presentes, na amostra, de cada caso apresentado. Nos itens seguintes, apresentam-se apenas exemplos, pois as listas se estenderiam de modo impraticável (exceção é feita no item 4.2.3., na página 78, que também reflete 100% das ocorrências registradas).

#### **4.1.1. Processos lexicogênicos**

Para a análise dos processos de formação de palavras, produziu-se uma lista com todos os 5929 tipos de palavra da amostra<sup>30</sup>. Os itens foram primeiramente separados em duas listas, de acordo com a produtividade da classe de palavras, para serem marcados e tabulados quanto ao processo de formação. Procedeu-se assim por causa do comportamento diferenciado entre palavras em classes abertas e fechadas. Como era de se esperar, as palavras em classes fechadas (conjunções, advérbios, preposições etc.) apresentaram uma razão tipo/dado muito maior. Os 527 tipos de palavra em classes fechadas (8,88% do vocabulário total da amostra) são responsáveis por mais da metade de todo o texto, o que indica uma altíssima repetição, conforme apresenta a tabela abaixo.

---

<sup>29</sup> Cf. BRUGGER (1962) e SOARES (1952).



	Classes fechadas		Classes abertas		Total	
Tipo	527	8,88%	5406	91,12%	5929	100%
Dado	22304	53,49%	19390	46,51%	41694	100%
Tipo/dado	0,0236		0,2788		0,1422	

(É necessário observar que as palavras [eu], [cada], [muito] e [meio], constituintes simultaneamente de classes abertas e fechadas, apresentaram grande ocorrência e foram manualmente separadas, tendo sido incluídos em ambos os grupos. O total de tipos e a porcentagem relativa, no entanto, permanecem expurgadas em 4 itens).

Conforme já se disse no capítulo anterior, as duas listas completas de palavras foram percorridas visualmente em busca de itens de análise. Como resultado, constituíram-se duas novas listas, incluindo apenas os itens de análise (v. Anexo D).

#### 4.1.1.1. Itens em classes abertas

Dos 5406 tipos em classes abertas, apenas 459 (8,49%) não estão dicionarizados. Para análise, os processos utilizados na formação desses itens não-dicionarizados foram classificados segundo a proposta de BASÍLIO (1995), em **derivação** (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva deverbal e conversão) e

<sup>30</sup> Ressalte-se a diferença entre tipo (type) e dado (token). A amostra apresenta 41694 dados, isto é, palavras, independentemente da quantidade de vezes que cada uma ocorre. Esses dados são formados a partir da repetição de 5929 tipos, isto é, palavras diferentes ou o vocabulário da amostra.



**composição** (bases livres e bases presas<sup>30</sup>). Acresceu-se a esses os termos incluídos por **importação**<sup>31</sup> (estrangeirismos e versões nacionalizadas) – para a lista completa dos itens e sua classificação, v. lista anexa. Foram classificados assim 441 itens, restando 18 não classificáveis segundo esses critérios, conforme se verá. A tabela 4 apresenta os índices de ocorrência de cada processo lexicogênico:

TABELA 4		
Processos de formação de palavras em classes abertas		
TIPO	OCORRÊNCIAS	
	Total	Freq. rel.
<b>Derivação</b>	<b>224</b>	<b>0.507</b>
Prefixal.....	158	.358
Sufixal.....	61	.138
Regressão deverbal.....	0	-
Parassintética.....	1	.002
Conversão.....	4	.009
<b>Composição</b>	<b>206</b>	<b>0.467</b>
Bases presas.....	60	.136
Bases livres.....	146	.331
<b>Importação</b>	<b>11</b>	<b>0.025</b>
Estrangeirismos.....	7	.016
Versões nacionalizadas.....	4	.009

<sup>30</sup> Bases presas são “formas que dependem de outras para sua ocorrência” BASÍLIO (1995:27) e bases livres podem ocorrer independentes.

<sup>31</sup> Preferiu-se este termo neutro em vez de “decalque” e “empréstimo”, indicando-se assim o papel ativo da tradução na cultura de chegada. AUBERT (1990:48) sugere dois processos distintos, “importação” e “adaptação”.

Nos casos de derivação prefixal, a avaliação qualitativa dos prefixos utilizados por Müller mostra que os prefixos mais utilizados são [intro-], [exper-] e [per-]. O primeiro deve-se certamente à metáfora steineriana do “mundo interior”, que exigiu de Müller verbos como [introfluir], [introlaborar], [introver] etc. O segundo prefixo é uma criação mülleriana, extraída de “experiência” e que mereceu no glossário o seguinte comentário:

*experviver* – Em alemão: erleben. Encontrei traduzido como Experiencia vivida o Substantivo “Erlebnis” desejava entretanto expressar-me por um Verbo, d’ahi a Palavra e o respectivo Substantivo: Expervivencia. “Vivencia” só é insuficiente, seria “Lebung” em alemão. (MÜLLER, s/d:III – v. Anexo B)

O terceiro prefixo mais produtivo nas traduções de Müller, [per-], representa o alemão [fort-] e é pouco produtivo em português. Em geral, Müller pretende transpor para o português a facilidade que a língua alemã oferece de formação por derivação prefixal com prefixos de movimento acrescentados a verbos, processo bastante produtivo naquela língua. Vejam-se os prefixos utilizados por Müller (acrescidos das ocorrências em tipos e dados na amostra):

Prefixo	Tipo	Dado	Prefixo	Tipo	Dado	Prefixo	Tipo	Dado
AB	1	1	ER	1	1	PER	13	19
AD-	1	1	EXPER-	13	80	POS-	4	8
ALTI-	1	1	EXTRA-	3	3	POST-	3	4
ANTE-	1	1	I-	1	1	PRE-	1	1
CIRCUM-	2	2	IN-	12	12	RE-	10	28
CO-	6	6	INFRA-	1	1	SUB-	2	2
CONTRA-	2	2	INTRO-	19	27	SUPER-	1	1
DE-	2	4	MULTI-	7	7	SUR-	7	12
DES-	1	1	OB-	3	4	TRANS-	9	20
EN-	9	17	OMNI-	2	2			

Quanto ao processo de formação por derivação sufixal, a marca mais evidente é a utilização quase categórica de [-ção] como tradução para [-ung], [-dade]

para [-heit, -keit] e [-al, -ico] para [-lich]. Estes sufixos, muito produtivos nos textos filosóficos por comparecerem em formas nominais que designam respectivamente processo, estado e característica, foram sistematicamente introduzidos no alto alemão vindos do latim durante a fase de tradução dos textos filosóficos clássicos da Igreja Católica na Alemanha do século XII. “Desta forma, ao sufixo latino [-(t)io] corresponde em geral o meio alto alemão [-ung(e)], o latim [-tas] é na maioria traduzido por [-heit, keit], o latim [-ilis] por [-lich]” (KÖNIG, 1978:81) e assim por diante. Dentre os itens criados por Müller, são exemplo disso:

Aspecção > Anschauung	Legalidade > Gesetzlichkeit	pensamental > gedanklich
Gerundação > Begründung	Humanidade > Menschlichkeit	imagenal > bildlich
Virtuação > Wirkung	Sciencialidade > Wissenschaftlichkeit	Inwesenal > unwesentlich
Vocção > Stimmung	Wesendade > Wesenheit	legial > gesetzlich

No caso de derivação parassintética, BASÍLIO (1995:43-46) indica a dificuldade em se saber com certeza se um termo é formado por esse processo. Preferiu-se aplicá-lo apenas ao único caso que pareceu claro, [Enfundimento].

Caso interessante constituem as conversões. Nesta análise, desconsiderou-se o caso, muito comum em alemão, de substantivação do verbo no infinitivo pelo acréscimo do determinante, como mostra o exemplo seguinte:

Seu **Querer**, suas Tendencias estão a ser concebidos. (STEINER, 1962:90; grifo do autor)

Esse processo já fora anteriormente introduzido na língua portuguesa. Na amostra, coletou-se o caso de conversão de elementos de composição gregos em itens nominais. Müller parece ter utilizado um dispositivo freqüente na literatura das ciências humanas alemãs, mais popular entre nós na tradução da obra de S. Freud. Vejam-se as quatro ocorrências:

Andro	2	Idio	10
Auto	6	semi	1

Os itens [Auto] e [Idio] constam do glossário e trazem a indicações de corresponderem sinonimamente a [Selbst].

O processo de formação por composição com bases presas também mereceu avaliação qualitativa. É um processo “de grande produtividade na língua formal” (BASÍLIO, 1995:34). Caracteriza-se pelo fato de que funcionalmente o primeiro termo (a base presa) é o especificador do substantivo que pode ocorrer independente. Isso ocorre em 39 casos coletados (65%) dentre os 60 itens formados por composição. As bases utilizadas são as seguintes (com ocorrência):

Prefixo	Tipo	Dado	Prefixo	Tipo	Dado
ARCH-	19	26	PLENI-	3	4
AURA-	3	3	PROTO-	1	1
AUTO-	6	18	RETRO-	2	2
EQUI-	2	2	ULTRA-	2	48
LEGI-	4	11	UNI-	1	1
NATURI-	1	1			

Os restantes 35% dos itens apresentaram processos pouco produtivos no português. Em 19 itens (31,6%), mostra-se um processo em que a base presa [-mundi] é posposta ao núcleo e da qual se registra apenas uma ocorrência no dicionário: mapa-mundi. Com isso, Müller forma suas traduções para os itens compostos em alemão com o substantivo [Welt] (mundo). Os outros dois itens registrados, [Espiritolanda] e [variegêneres], são traduções dos morfemas formantes de [Geisterland] e [vielfältig], respectivamente. Não se observa inversão de ordem, provavelmente porque tanto em alemão quanto em português a ordem estrutural [especificador] + [núcleo] é a mesma.

A estrutura dos itens formados por composição com bases livres é justamente a inversa dos formados com bases presas: o primeiro termo é o núcleo e o segundo, o especificador. Assim ocorre com 126 itens coletados (86,3%), por exemplo [Wesendade-Pensamento]. Em outros 13 itens, apresentam-se traduções literais que mantêm a ordem dos formantes em alemão, a despeito da estrutura dos compostos em português. Em alemão, a ordem dos formantes é inversa à do português, com o especificador em primeiro lugar, tanto com bases presas, como com bases livres. Alguns exemplos disso são:

Espirito-Escolagem > Geistesschulung	Evangelho-Johannes > Evangelium-Johannes
Espirito-ciencia > Geisteswissenschaft	Feição-isento > gestaltlos
Ether-Plexo > Ätherleib	reconhecencial-theorico > erkenntnistheoretisch

Nos 7 exemplos restantes, a tradução literal gera itens estranhos ao português, com composições [nome] + [adjetivo] (p. ex. Amarellado-Branco) e desinências duplicadas de gênero (physica-grosseira) e número (espirituaes-animicos).

Há ainda um grupo de 18 palavras que não se apresentam formadas por nenhum desses processos e foram rotulados simplesmente **idiossincráticos**. A maioria (13) apresentam alguma semelhança com outras palavras dicionarizadas, das quais parecem ser versões. São elas (com as respectivas ocorrências na amostra):

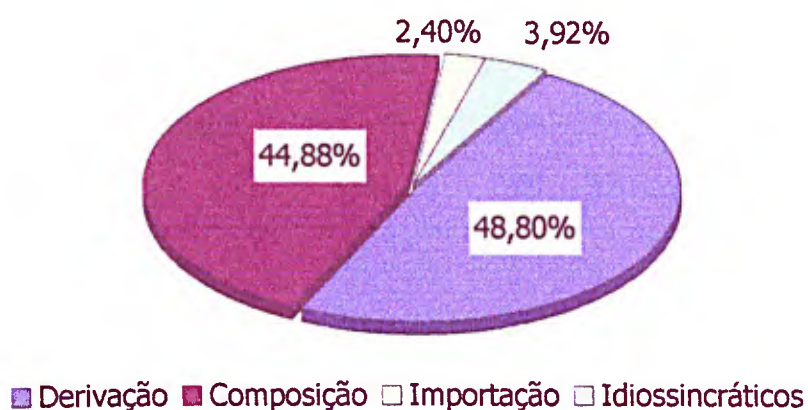
Aspecção	23	Respecção	1
Aspecções	2	respecciona	1
Comportante	1	Reuninte	1
Comporte	1	sabente	3
erte	1	satisfaciente	2
estacionantes	1	singulo	13
		Singulos	8

As outras 5 não guardam qualquer semelhança com palavras do português:

Sensamen	5	sensientar	1
Sensamens	1	Sentimem	1
sensienta	1		

O gráfico 4.1 resume os dados apresentados na tabela 4 acima e mostra claramente a participação de cada um dos tipos de fenômenos aqui comentados:

GRÁFICO 4.1  
Processos lexicogênicos (classes abertas)



Resumidamente, pode-se dizer que os procedimentos mais evidentes remetem a uma busca de equivalência no nível da palavra. Para isso, Müller utilizou processos existentes e produtivos em português na formação de palavras de classes abertas, introduzindo e/ou criando outros.



#### 4.1.1.2. Itens em classes fechadas

Como se disse anteriormente, Müller também opera "criativamente" na tradução de palavras de classes fechadas (conjunções, preposições etc.), que normalmente não são sujeitas a processos de criação. A tabela 5 apresenta a proporção entre itens dicionarizados e não-dicionarizados em classes fechadas.

TABELA 5				
Itens em classes fechadas				
	Tipos	%	Dados	%
Dicionarizados	482	91,46	22007	98,67
Não-dicionarizados	45	8,54	297	1,33
<b>Total</b>	<b>527</b>	<b>100</b>	<b>22304</b>	<b>100</b>

Müller utiliza dois procedimentos na formulação de itens em classes fechadas. A tradução é pouco produtiva, apresentando-se apenas os seguintes itens (com o termo fonte e ocorrência):

umavez > einmal	12	emqualtanto > inwiefern	1
porassimdizer > sozusagen	4	De-onde > woraus	1
		emtalquanto > insofern	6

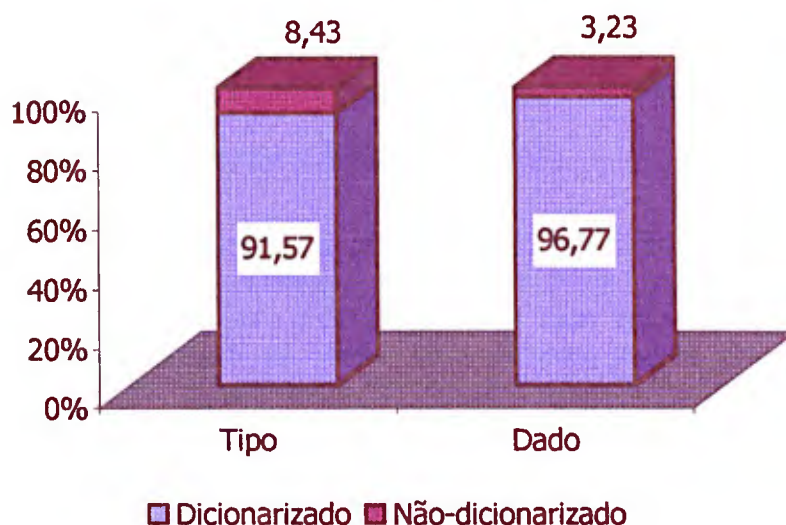
Mais produtivo é o processo pelo qual Müller aglutina uma locução inteira já existente em português e correspondente a um único termo composto em alemão (em que as preposições servem como prefixos). Assim ocorre em 39 itens (86,7%), que são apresentados a seguir:

aomenos	1	demodo	1	muium	3	porfim	1
aprinicio	1	demodonenum	3	omniures	5	porisso	29
atalponto	2	denovo	9	outra-vez	1	pormeio	138
cadaqual	1	desdelogo	1	outracoisa	2	por suavez	11
cadavez	1	Emquando	6	outravez	3	qualquermodo	1
comoque	2	emtorno	2	porbaixo	1	sibemque	2
De-modo-nenhum	1	emvez	3	porbase	5	Talqual	6
decertamaneira	3	muitavez	1	porcerto	5	talque	1
decerto	1	muitomais	1	porcima	5	todavolta	1
decertomodo	1			porestemeio	1	todomodo	10

Dois itens ainda são importados, [on] pronome pessoal oblíquo do francês e [home] com a mesma função no português arcaico (ver adiante, p.81)

Certamente pode-se dizer que, juntos, os itens criados por Müller (classes abertas: 459; classes fechadas: 45; total: 504) são poucos em relação a todas as palavras constantes da amostra de traduções feitas por ele de obras de Rudolf Steiner. Em importância relativa, porém, é difícil afirmar em que grau seus neologismos contribuem para a impressão que o leitor terá da tradução. Até onde se pôde verificar, inexistente uma pesquisa sobre a taxa de "inovações" presentes em textos traduzidos para ou originalmente publicados em português no Brasil. Mas pode-se ter uma idéia de sua importância nas traduções de Müller se comparados aos 4 itens oferecidos por Barbuy em todas as 234 páginas de SCHOPENHAUER (1941), um texto com características semelhantes. Diante desse número reduzido, os itens não-dicionarizados nas traduções de Müller adquirem papel fundamental na imagem que se forma do original para o leitor, via tradução (LEFEVERE, 1990:15). O gráfico 6 apresenta claramente o papel dos itens criados por Müller em relação aos tipos (vocabulário) e aos dados (todas as palavras) da amostra.

GRÁFICO 6  
Proporção dos itens não-dicionarizados



#### 4.1.2. As fidelidades do tradutor

O quadro que emerge da análise dos processos de formação de palavras revela uma espécie de “germanização” do texto traduzido. O que se viu quanto aos itens em classes fechadas não se vê normalmente em traduções filosóficas. Quando muito, os padrões da época permitiam um recurso que hoje já está em desuso na variante formal (exceto em textos jurídicos), o de utilizarem-se advérbios de lugar latinos em referências endofóricas, como por exemplo na expressão “os argumentos

supra". O tratamento conferido aos itens em classes fechadas afasta as traduções de Müller dos padrões presentes em traduções de textos filosóficos<sup>32</sup>.

O valor que Frederico Müller atribui ao original, mais que ao texto em si, é devido à **autoridade** de quem o escreveu. No prefácio à sua primeira tradução (1942), o tradutor deixa claro o valor e a importância que atribui ao original de Steiner, cujos escritos teriam a capacidade de promover no alemão

a Elevação desse Idioma à Altura da Natureza do Conteúdo, Adaptação essa que contribuiu e ainda contribuirá extraordinariamente para o Enriquecimento delle. Tanto maior porém foi a Dificuldade na Versão para o Idioma que no Brasil se falla, e cuja "Inexperiencia philosophica" (Miguel Lemos) oppoz serios Obstaculos ao Desempenho da Tarefa que o Tradutor abraçára. (citado no prefácio a STEINER, 1977:X).

Traduzir estes escritos a que se confere tamanho valor "impoz a Necessidade de uma verdadeira Traducção fiel" (Müller, no prefácio a STEINER, 1966). Essa fidelidade se daria nos níveis metodológico – isto é, relativo ao método de argumentação em que se apresentam os textos teóricos de Steiner –, conceitual e estilístico. Foi principalmente para defender "esta tríplice Fieldade" (no prefácio a STEINER, 1963:5) que Frederico Müller escreveu seus quatro artigos sobre tradução, MÜLLER (1964a, b; 1980a, b). A seguir, apresenta-se uma tentativa de hierarquização de valores de cada um desses extratos, documentada com as reflexões do tradutor, segundo as obras acima citadas e seus prefácios, já mencionados<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Essa afirmação fica patente no cotejo dos exemplos oferecidos acima com livros de filosofia alemã traduzidos para o português; pode-se inferir as normas de aceitabilidade de tradução neste gênero a partir de BRUGGER (1964), SOARES (1952) e da tradução de Barbuy, além da problematização oferecida em "Filosofia alemã e tradução" (1996).

<sup>33</sup> Os subtítulos seguintes são citações extraídas do prefácio de Müller a STEINER (1966) referentes a cada um dos níveis mencionados.

#### 4.1.2.1. O “*Methodo de Apresentação de Factos espirituais*”

O que é, tecnicamente, a Antroposofia? Segundo Steiner, é um método de investigação do mundo suprasensorial, espiritual, com bases exatas e naturais. Em seus livros, Steiner tentaria oferecer não apenas suas visões do mundo extra- ou suprasensorial, mas também uma receita de como qualquer um poderia vir a tê-las, “abrir ao ser humano moderno a capacidade vidente do espírito” (HEMLEBEN, 1989:90). E de que é formada a realidade suprasensorial? De conceitos, não como abstrações, mas como coisas reais que os sentidos humanos podem aprender a perceber. “Nomes, como Conceitos reais que são Individualidades, são absolutamente opostos áquillo, que como Palavras designam Representações” (MÜLLER, 1980a:11).

Para Steiner, a linguagem no mundo espiritual é uma **língua una**, mantendo-se em estado de pura “energeia” (atividade), segundo a nomenclatura definida por Humboldt para diferenciar a atividade criadora da linguagem dos fatos lingüísticos (“ergon”, obra). O ser humano teria “esquecido” a língua una ao apartar-se do mundo espiritual, ponto histórico identificado com o episódio narrado no mito da Torre de Babel, marcado pela diferenciação da linguagem primordial<sup>34</sup>. Recompôr a pureza da “palavra perdida” é a única via de acesso ao mundo espiritual. E para educar o ser humano a isto, Steiner providenciou ele mesmo um curso de dicção e estabeleceu o “cultivo da fala” (“Sprachgestaltung”) como uma das Belas-Artes (HEMLEBEN, 1989:116).

---

<sup>34</sup> Para maiores detalhes da noção de linguagem em Steiner, v. KOLLERT (1994); extrapola o escopo deste trabalho comparar uso por Steiner do mito da Torre de Babel com outras utilizações do mito em metáforas da tradução, como por exemplo na obra de J. Derrida, “Des Tours de Babel” (in: GRAHAM, J (org.) *Difference in translation*. Ithaca/London: Cornell Univ., 1985).



Em suas reflexões, Müller introduz a noção da língua una com a citação de uma conferência proferida por Steiner em 1909: "Porisso o é em certa Relação uma nova Falla, a qual vem sendo fallada atravez da Anthroposophia" (MÜLLER, 1964a:12). A verdade revelada via Antroposofia é haurida da língua una, "não podendo assim dever Sujeição às diversas Linguas, que são Derivados, Casos particulares da Falla todomodo" (MÜLLER, 1964b:13). Acidentes históricos constituídos de apenas uma parte limitada do todo da língua una, extraída pelos seus falantes para suas necessidades imediatas teóricas e práticas, as línguas humanas devem ampliar-se em direção ao "Conteúdo ideal em Questão, espiritualizando no Dominio cultural as suas Tendencias materiais" (MÜLLER, 1964b:14).

Deste modo, ao traduzir, Müller sentia-se obrigado à fidelidade ao modo como Steiner construía sua argumentação, haurida de uma linguagem fundamental de conceitos não-representacionais. Parece claro que desta base ideológica derivam, nesta ordem, a autoridade de Steiner, a importância de seus escritos e a necessidade de fidelidade conceitual e estilística, que passamos a comentar.

#### **4.1.2.2. O "Theor conceitual e ideal do original"**

Para Müller, o caminho de progresso intelectual e espiritual oferecido pela doutrina de Steiner era "mais necessário á Vida do Presente do que o Pão" (prefácio a STEINER, 1962). Daí "sua Importância para a Humanidade da nossa Epoca a debater-se em tão grandes crises" (prefácio a STEINER, 1966). Tanto maior a responsabilidade que sentia lhe recair sobre os ombros, quando qualquer descuido poderia prejudicar o processo de aprendizagem a que se destinava cada uma das obras que traduzia e qualquer uma delas poderia "chegar a ter Consequencias contrarias á que lhe está

destinada” (prefácio a STEINER, 1964), “podendo até chegar a ser Veneno cultural” (MÜLLER, 1980:12). Este caráter **iniciático** que queria atribuir às obras traduzidas - e que justificaria o uso ritualístico da linguagem, mencionado anteriormente - fez com que Müller se utilizasse de certos procedimentos para assegurar (ou fazer crer no) rigor conceitual de seu trabalho.

Alguns procedimentos já ficaram patentes na análise dos processos que Müller utilizou para formação de palavras. O fato de utilizar muitos itens não dicionarizados provavelmente originou críticas, a que Müller respondeu:

Mas também não se encontram nestes [nos dicionários] o Vocabulo Gestalt [...], encontrado há mais de 15 Annos em todas as Obras de Psychologia usadas nas nossas Academias. [...] consultemos o Vocabulario para procurar a Eudade da qual Miguel Lemos se occupa em Literatura philosophica. Não a encontraremos. Será que porisso teremos de deixar de fallar em Tuidade, onde Albert Steffen falla em Duheit [...].?

Deverá a Impossibilidade dos Lexicologos em acompanhar a Evolução da Lingua impedir a mesma e poderá ella pretendel-o? (MÜLLER, 1964a:20)

Um dos termos que mais utiliza, [ultrasensual] como tradução para [übersinnlich] tem uma justificativa literal à qual o tradutor acrescenta outra, do uso que dele se faz:

Transcendente aliás era inconveniente devido á Restricção conceitual com que é empregado nas mais importantes Obras philosophicas. Não se justifica entretanto, em uma Obra tão philosophicamente fundamentada como o é a Anthroposophia, dar-se Perpetuidade a uma Falha dessa Natureza [...]. (op.cit.:22)

Conforme já mencionado, outro procedimento utilizado foi a apresentação de comentários inseridos no corpo do texto, entre parênteses. Os comentários serviam para:



1. comentário para precisar o termo traduzido (uma nota à tradução)<sup>35</sup>:

m3 16 arbitrariamente [a Talante, como apraz], o que é a ge  
 m11 95 "para o Aparecimento [para a Revelação] de  
 m1 15 incondicional [absoluta] Falta de Significação do s  
 m3 160 deduzidos [abstrahidos] do Mundo dos Sentidos e  
 m3 150 elle não emprehende [agarra] em si mesmo a Substancia de  
 m3 132 minam o mesmo ao Proceder [Agir]. Um e o mesmo Conceito  
 m1 81 vidade mesmo o Fim, a Meta [Alvo] do  
 m3 35 jeito e Objecto, Phenomeno [Apparição] e Cousa em si, Eu  
 m10 13 Qualidades [Propriedades - Atributos] do Homem, então  
 m5 131 em si a Legismetria [Ordem das Leis] physica. Assim é, quando  
 m1 90 Sciencia, não a Era [Edade de Tempo]. Foi a Edade de  
 m11 45 parecido isento-de-Feição [Feição-isento], e ao Divinal, Immort  
 m11 35 Pindar [Pindaro], que dá a Prospectiva sobre

2. comentário para explicitar um termo a ser retomado anaforicamente, sem incluí-lo no corpo do texto traduzido:

m1 31 o subjectivo; e parece-lhe [á Maioria]  
 m9 53 uma outra, com a qual elle [o Auto-Espirito]  
 m11 95 , indicar sómente sobre Um [Facto]. Qual Sentido, caso a  
 m3 211 a tão indigna, porque ella [Posição] em muitos

3. comentário para apresentar indicação bibliográfica ou de autor:

m9 157 Ruten und Pendellehre" ["Doutrina de Vara (rhabdo) e  
 m3 16 [Die Prinzipien der Psychologie – Os Principios da Psychologia, - de  
 m10 23 Parabola apenas" [Goethe], isso precisa ser directamen

O procedimento mais evidente é sem dúvida a configuração gráfica das traduções, com a utilização da ortografia anterior à reforma de 1943 e de letras maiúsculas para os substantivos, tal como eles são escritos em alemão desde a tradução da Bíblia por Lutero. Este procedimento foi introduzido nas traduções de Müller com a publicação da tradução em STEINER (1962). No prefácio ao livro, Müller

---

<sup>35</sup> Exemplificam-se a seguir as funções dos comentários no texto traduzido, com concordâncias que apresentam entre colchetes [ ]. Os motivos foram expostos anteriormente (cap. 3). Note-se que o código indica a ordem do livro na amostra e o segundo número indica a página de onde o exemplo foi extraído.

adverte que num primeiro momento isto “poderá causar Estranheza”, sendo entretanto “imprescindível” para seu objetivo de “penetrar fundo na Realidade”. Uma justificativa menos abstrata é oferecida em MÜLLER (1964b): a grafia fonética introduzida pela reforma de 1943 confundia mais do que discriminava. Müller não foi o único a se indignar com o caráter impositivo de uma reforma feita por decreto. Cita, por exemplo, o Prof. Felix Rawitscher, diretor do Departamento de Botânica da USP até 1952, que em seu *Tratado de Botânica* utilizara a grafia pré-1943 em notas de rodapé a fim de não perder as diferentes raízes [philo-], [phylo-] e [phyllo-], todas reduzidas a uma só [filo-].

Mostra isto claramente, que essa “fonética” veio a ser um Elemento perturbador da tão necessária Clareza científica, e ANTHROPOSOPHIA para o Mundo em primeiro lugar tem de apresentar-se no seu sério, austero aspecto de “Sciencia do Espirito” (MÜLLER, 1964b:13)

A Mudança, ou Supressão de Letras de um Nome, equivale objectivamente ao que juridicamente se chama “Estellionato”. (MÜLLER, 1980a:11)

Os mesmos motivos de clareza teriam levado também à adoção de iniciais maiúsculas. No exemplo que gostava de citar<sup>36</sup>, como diferenciar o substantivo em [belo vero]?

A configuração das traduções, por força de apresentarem uma “língua elevada”, tornou-se também uma **restrição ritual** dos escritos de autoria do próprio Müller ou apresentados por ele<sup>37</sup>. O valor que se lhe atribuía, por Müller e pelos leitores que constituíam sua comunidade interpretativa, pode ser atestado na fórmula “O referido é Expressão da Verdade” que acompanha a tradução de um poema de Rudolf

---

<sup>36</sup> Sr. Volker von Haupt, comunicação pessoal em 06/03/1997.

<sup>37</sup> Esta característica de “restrição ritual” já foi citada na introdução a essa dissertação, p.13.

Steiner e no uso da mesma grafia em carta recente do grupo de estudos a que Müller pertenceu (v. Anexo C).

O fato de a grafia anterior à reforma de 1943 e as maiúsculas iniciando substantivos constituírem-se na grafia mesma de uma “língua anthroposophica”, mais do que em configuração gráfica das traduções de Steiner, alia-se aos procedimentos de ordem terminologica para compor (e impor) o nível conceitual da fidelidade de Müller e ambos apontam para o terceiro nível a que Müller devia fidelidade.

#### **4.1.2.3. O “Estilo do Autor”**

O terceiro nível de fidelidade a que Müller se sentia obrigado era ao estilo de Rudolf Steiner. Segundo Müller, Steiner foi um autor capaz de “elevant” o alemão. Grande parte desta fidelidade pode ser atribuída à idéia clássica de que o gênio (Espírito, “Geist”) imprime sua personalidade ao estilo, levando-o às raias da arte. Referindo-se à possibilidade de reconhecer o gênio pelo estilo, Schopenhauer disse: “O estilo é a fisionomia do Espírito. É tão infalível quanto à do corpo” (citado em SANDERS, 1990:260)<sup>38</sup>.

Do ponto de vista lingüístico, o estilo de Steiner contém as características do chamado “estilo nominal”, consagrado nas letras germânicas e formado de elementos distintos, tais como: neologismos nominais, seqüências de itens nominais, construções com verbos funcionais (“Funktionsverbgefüge”), infinitivos substantivados e derivações deverbais em [-ung] (SANDERS, 1990:172). No estilo nominal, como o próprio nome diz, os itens nominais são mais numerosos e importantes. Müller

---

<sup>38</sup> No original: “Der Stil ist die Physiognomie des Geistes. Sie ist untrüglicher als die des Leibes”.

reproduzia literal e categoricamente estas marcas, a começar por um importante componente nominalizador muito comum em alemão: a voz passiva. Apresentam-se a seguir, exemplos de elementos do estilo nominal tal como se reconfigurados na amostra de traduções feitas por Müller (em concordância):

- Voz passiva (ênfases adicionadas):

m3 91 to de Postura ingenuo precisa **ser abandonado**. Dêsse o Ponto de  
 m3 24 De-modo-nenhum deve **ser affirmado**, que todo o nosso Agir  
 m4 71 indicado o Caminho, que póde **ser andado**, para não somente  
 m10 65 ue em o Pretempo delle veio a **ser apartado**, e cuja Recuperação est  
 m1 41 nações são taes que lhes póde **ser bastado** por multiplo Modo.  
 m3 141 respectivo Acontecer venha a **ser collocado** a Serviço da Evolução  
 m3 173 um Reptil. Tão pouco deveria **ser derivado** do Conceito da  
 m1 90 eial um Facto historico vem a **ser determinado** de um Ideial. Ahi porta  
 m4 161 Dia e Noite suscitam, veio a **ser effectuado** pomeio da  
 m9 23 ultimo foi mencionado precisa **ser executado** porcerto com o maximo  
 m4 71 Partes desta Escripura vem a **ser indicado** o Caminho, que póde ser  
 m4 1 Sciencia Occulta". - Não póde **ser negado**, que para muium a Palavra  
 m4 291 'Espirito; o que nelles vem a **ser observado**, não póde ser  
 m1 41 esta Multiplicidade, não deve **ser procurado** mesmo dentro do  
 m10 125 taes Representações se vem a **ser sembrado** immediatamente no  
 m4 121 que o de fóra Admittido vem a **ser transformado** e perlaborizado no

- Seqüências de itens nominais (SN pesado):

m9 1 uma Vida toda consagrada ao Serviço  
 m9 1 presuppõe um interno Orgão de Sentido inteiramente novo,  
 m9 1 Doutrina das Representações dos Sentidos communs:  
 m9 1 as Cousas e suas Comportancias (1) existentes pelo Sentido do Tacto.  
 m9 21 pelas configuradoras Forças physicas inherentes ao invivo;  
 m9 21 algo diverso do hypothetico Ether da Physica.  
 m9 21 Pela sua Ordenação orientada sobre o pensante Espirito  
 m9 21 o Plexo etherico no Mundo da Vida.  
 m9 31 ... Reconhecença da humana Wesendade no Sentido mais profundo.  
 m9 31 Genero igual ao Objecto correspondente.  
 m9 41 o "Eu" do Homem combinado com a pelo seu Acto, no Mundo  
 m9 51 as Expervivencias da animica Vida-propria.  
 m9 51 as Leis do Mundo physico na Corporalidade

- Construções com verbos funcionais:

m9 157 ão d'Imagem a Expervivencia **encontra uma Expressão** plenamente  
 m9 121 linações, Alegrias e Dôres, **encontram sua Expressão** na Aura. Se

m11 135 levou á Expressão pelo mais diferente Gen  
 m1 63 ade, do que a Experiencia o faz possível  
 m5 271 es, as quaes novamente lhes faziam possível

Outras características do estilo de Steiner são apresentados por Müller, tais como:

- Verbo falso + infinitivo:

m2 21 s o Escolastico em Modestia faz parecer uma Parte da Sabedoria c  
 m3 123 o Philosopho do Sentimento faz ser Principio mundial um Princip  
 m3 233 Modo, porque cada Resposta faz cessar a Pretensão a Monismo  
 m5 11 , que enfraquece a Vida e a faz ser incapaz para o lhe necessari  
 m5 241 ehendel-os sómente, si elle faz andar aolado todos os Aprestamen

- Expressões:

- [nichts mit etwas zu tun haben] (não ter nada a ver com algo)

m1 73 aso comparecem, nada teem a fazer com a Lei. Entretanto trata-s  
 m2 41 o da Consciencia nada tem a fazer. Pois estas Formas repousam so  
 m3 91 eu acredito, que eu tenho a fazer com Realidades, são me consciẽ  
 m5 201 ractica d'Alma tenha algo a fazer com Modificações da Organizaçã  
 m5 201 retanto nem o minimo teem a fazer com algo qualquer, no qual a P  
 m5 201 pouco o sadio Pensar tem a fazer com o Plexo, tão muito e tão p  
 m5 201 ão muito e tão pouco teem a fazer com este os Processos da genui  
 m5 291 que o primeiro nada tenha a fazer com o Perfeiçoamento do Sentim

- [in Wahrheit] (em verdade)

m3 80 como Singularidade, o que em Verdade não é Singularidade. Nenhures  
 m5 71 m isso. Elle póde dizer: Em Verdade tenho eu mesmo em uma Vida p  
 m5 171 ntra o Bem da Humanidade em Verdade eram dirigidos. Ora tinham p  
 m5 201 m do Homem algo diverso. Em Verdade trata-se de Indicações sobre  
 m5 231 a tomar por nada, o que em Verdade é algo immensamente Plenisig  
 m5 291 ser contado a isso, que em Verdade póde conduzir a uma Reconhec  
 m5 298 al Reconhecença, mas sim em Verdade tambem por aquella, que se

- Pontuação em frases relativas (em português, as orações subordinadas substantivas não são marcadas por vírgula, o que não ocorre em alemão, onde todas as relativas são separadas por vírgula):

m1 51 dados Orgãos, atravez dos quaes elle percebe aquella Forma da  
 m2 11 ellas Forças, atravez das quaes o Homem póde ganhar a Possibi  
 m2 11 to aos dois Escolhos, aos quaes a humana Reconhecença vem a s



m2 31 porém através de taes, os quaes possuem a Paciencia, de penet  
 m3 80 de outras Qualidades, ás quaes ella pertence, e sem as quaes  
 m3 80 s ella pertence, e sem as quaes ella não poderia obsistir. Ma  
 m3 91 ades, "Cousas em si", das quaes immediatamente eu nada sei, q  
 m3 141 amente. As Situações, nas quaes os Homens vivem, e que, forne

m1 41 lle Lado da Realidade, do qual um méro Wesen de Sentidos jama  
 m1 51 . Lá o é a Couse mesmo, a qual se dá a Forma d'Experiencia, a  
 m1 51 elles é a Experiencia, da qual elle sabe, que ella sómente co  
 m1 51 que é em si completo, no qual aquella exterior Realidade d'E  
 m1 51 imento e Lei um Wesen, ao qual tanto estão dados Orgãos, atra

m3 50 a realmente pervêr tudo, quanto entra em Consideração para o  
 m3 201 obramento tão longamente, quanto elles forem capazes, de supp

m1 1 os, que certamente muium, que se julga perfectamente original  
 m1 1 undo por elles produzido, que ninguem quasi poderá contar com  
 m1 1 com a nossa Compreensão, que pretendesse movimentar-se fóra  
 m1 1 ão determinado por elles, que ninguem que não procure Pontos  
 m1 1 tual temos que confessar, que elle não achou ainda um tal Pon  
 m1 1 aquelle Ramo da Sciencia, que vae além do méro colleccionar d

m1 31 seja a Representação, de que nós mesmos levamos activamente  
 m1 31 ar a Opinião habitual, de que haja tantos Mundos de Pensament  
 m1 31 não é aliás nada mais do que um Preconceito archaico. Em tod  
 m1 31 te, sem a Consciencia, de que uma outra seja pelo menos tão b

A fidelidade ao estilo do autor, à língua una e à terminologia, tal como se apresentou, constituem o que Müller chamou de "Directriz tradutorial" (MÜLLER, 1964a:11). Assim como os processos de criação de palavras em classes fechadas, a diretriz tradutorial também afasta o trabalho de Müller do que normalmente se encontra em textos filosóficos. Pode-se dizer mesmo que constituem normas próprias e bastante infensas à mudança, de um subsistema específico. Considerando-se a bibliografia dos livros distribuídos pelo Grupo Novalis (v. Anexo C), a que Müller pertencia, notam-se publicações de outros livros após a morte do tradutor. Alguns certamente são publicações de traduções deixadas por Müller, como a reunião de artigos em WITZENMANN (1985), número especial de "A Epoca Michael, que contém o artigo "A Egomorphose da Falla", cujo trabalho de tradução a morte lhe interrompeu (cf. nota à página 227). Mas há os que se devem à pena de outros tradutores. WITZENMANN (1984), por exemplo, traz a tradução feita por Müller da 1ª edição do



original, à qual se incluiu em tipos maiores os trechos modificados em sua 2ª edição, em tradução de Traude Ziegelwanger. Em ambos os casos apresentam-se as características acima descritas.

#### **4.2. As minúcias do tradutor**

Resumindo o exposto até agora, viu-se que Frederico Müller apresenta um discurso de intenções com que queria vincular suas traduções ao sistema de obras filosóficas. No entanto, seus procedimentos especializam suas traduções a ponto de constituírem um subsistema com normas bastante próprias. E esse subsistema sobreviveu a Müller, pela mão de membros de sua comunidade interpretativa, de pessoas para quem inicialmente escrevia e que conheciam e respeitavam as normas do subsistema.

Até aqui está bastante claro ainda que tais normas se impuseram graças ao valor iniciático atribuído às obras de Steiner. O respeito e a fidelidade que informam o conceito de tradução subjacente não eram devidos propriamente ao texto original (como no caso dos textos religiosos), mas muito mais à noção idealizada de língua e, vinculada a essa, à importância atribuída à obra a ser traduzida.

Esse quadro, no entanto, não é amplo o suficiente para dar conta das minúcias reveladas na análise da sintaxe das traduções. Nela, o que até agora parecia uma camisa-de-força de literalidade dá lugar à impressão de que seria apenas um pano-de-fundo necessário, contra qual se pudesse destacar a dança das minúcias criativas do tradutor. Considere-se o seguinte trecho:

Mas tão pouco o **Cégo nato** com direito nega as Côres, tão pouco é lícito aos Sentidos communs negar a Força vital. As

Côres ahi estão para o **Cégo de Nascimento**, assim que elle veio a ser operado; igualmente são existentes para o Homem tambem como Percepção as multiplas Especies das Plantas e Animaes gerados pela Força vital, não sómente os Individuos, quando se lhe abre o Orgão para tal. - Um inteiramente novo Mundo desponta ao Homem por meio do Desabrochar deste Orgão. Elle agora não percebe mais sómente as Côres, Perfumes, etc. dos **Wesen de Vida**, porém a Vida mesmo destes **Wesen viventes**. Em cada Planta, em cada Animal sensaciona elle além da physica Feição ainda a de Vida repleta **Feição d'Espírito**. Para se ter para tal uma Expressão, seja esta **Feição espiritual** denominada Plexo d'Ether ou Plexo de Vida. (STEINER, 1977a:19-20 – ênfase do autor)

No original (STEINER, 1922:21), não há distinção entre os vocábulos enfatizados:

Cégo nato; Cégo de Nascimento > Blindgeborene

Wesen de Vida; Wesen viventes > Lebewesen

Feição espiritual; Feição d'Espírito > Geistgestalt

A apresentação de sinonimia entre termos compostos por [nome] + [adjetivo] e termos compostos por [nome] + [SPrep] permite levantar a hipótese de que no nível sintático a "literalidade" não deve ser a restrição mais importante. Analisam-se a seguir algumas características das traduções de Müller no nível da sintaxe, para confirmação dessa hipótese.

#### 4.2.1. A ordem relativa AN/NA

A primeira característica a ser analisada é a ordem de ocorrência relativa de [nome] + [adjetivo] (NA) ou [adjetivo] + [nome] (AN). A prevalecer a reprodução literal do padrão alemão de ocorrência, teremos ordem 100% AN. No português, a prevalência de ordem NA já aparece em Portugal no século XVIII (cf. COHEN, 1992). Dentre as traduções de Müller, analisou-se exclusivamente STEINER (1977a) para esse

segmento, em vista de o próprio tradutor apresentá-la como "melhorada" (v. folha de rosto anexa), dando por consolidadas as características de suas traduções. A tabela 7 indica os resultados.

TABELA 7		
Ocorrência relativa de ordem AN/NA (STEINER, 1977a)		
	OCORRÊNCIAS	%
Adjetivo/Nome	124	37,24
Nome/Adjetivo	209	62,76
<b>Total</b>	<b>333</b>	<b>100</b>

Os resultados são compatíveis com os padrões do português formal do final do século XIX (COHEN, 1992). A análise mostrou ainda apenas 7 ocorrências de tradução literal para construções participiais ("Partizipialkonstruktionen"), em que a função adjetiva cabe a uma estrutura maior terminada em participio, formação muito comum em alemão. São as seguintes:

- p. 19 a de Vida repleta Feição d'Espírito.
- p. 19 Os mais baixos Organismos teem dos no Homem existentes Sentidos
- p. 21 No nesta Obra entendido Sentido póde a Designação "Plexo"
- p. 41 o "Eu" do Homem combinado com a pelo seu Acto, no Mundo succedida Mudança,
- p. 60 Se denomina este pelo Homem criado Destino
- p. 81 o Prazer nas fluindo passantes Impressões dos Sentidos
- p. 131 o Pensar cheio de Vida póde (p-1)

Esses dados indicam que, estando consolidado o modo de traduzir de Müller, a colocação de termos na oração não estava sujeita à "literalidade".

#### 4.2.2. Itens compostos com sintagmas preposicionados

A sinonímia apresentada entre termos compostos indica outro fenômeno a ser avaliado: os itens compostos com sintagma preposicionado e preposição [de]. Exemplos desta estrutura foram citados acima. O tratamento deste tipo de estrutura em português é tema que merece maior atenção<sup>40</sup>. A questão a ser considerada aqui deriva da estrutura do item composto, semelhante à de itens compostos com bases livres, a saber:

[nome (núcleo)] + [de [nome (especificador)]]

A posição do especificador nos termos em português é inversa à dos itens compostos em alemão. Esta especificidade, conforme vimos, levou Müller a criar termos de ordem estranha à língua portuguesa. A mesma característica deveria portanto levar a um mesmo procedimento, no caso de estruturas semelhantes.

Não é o que ocorre na amostra. Alguns exemplos devem bastar:

Configuração de Pensamentos > Gedankengestaltung  
 Connexão de Conceitos > Begriffsverbindungen  
 Conteúdo de Representação > Vorstellungsinhalt  
 Genero de Representação > Vorstellungsart  
 Ponto de Partida > Ausgangspunkt  
 Ponto de Postura > Standpunkt

Uma ocorrência categórica de itens compostos em ordem estrutural típica do português revela, novamente, que a busca de equivalência no nível da palavra não condiciona as decisões de Müller no nível da sintaxe.

---

<sup>40</sup> BASÍLIO (1995) não menciona essa estrutura, limitando-se aos termos compostos por NA; KEHDI (1992), apoiado na sintaxe estrutural de Tesnière, vincula a estrutura com SPrep ao processo de conversão.

### 4.2.3. O caso do pronome oblíquo

Em pelo menos um caso, a sintaxe do português motivou reflexões e experimentações quanto ao procedimento de tradução. É o caso do pronome oblíquo [se]. Quando reflexivo, deve-se por norma estilística formal evitar a colocação [se se] com conjunção condicional. Este norma estilística faz com que Müller apresente, às vezes na mesma tradução, quatro soluções diferentes. Todos os exemplos constantes da amostra são os seguintes:

- m4 221 Cousas a nenhuma Auto-Illusão **home se** deveria abandonar. Póde  
 m4 51 e um Conceito sómente, quando **on se** representa, alguém soffra  
 m8 71 o para as Coisas do Ambiente. **On se** pense uma tal Formação dentro  
 m3 91 e cahe em um tal Erro, quando **se se** diz: Eu expervivo sómente  
 m4 231 Sómente quando de antemão **se se** faz uma determinada Opinião,  
 m6 13 si não imediatamente direito **se se** lhes defrontasse, porém como si s  
 m4 41 o Constructor. Se não o acha, **si se** examinar apenas as Leis physicas  
 m4 121 e perlaborizado no Interior. **Si se** pensar talvez uma Cousa média ent  
 m4 201 m segundo Malentendido seria, **si se** acreditasse, que uma qualquer  
 m6 13 lhes defrontasse, porém como **si se** estivesse postado um tanto  
 m6 44 u de modo Kantico: a Cousa em **si se** não reconhece, ou de modo  
 m7 27 isso propriamente assim, como **si se** quizesse rir sobre a Wesendade  
 m8 41 stá imprimido o seu Character. **Si se** perpensar realmente o que aqui en  
 m8 131 ertamente muito mais commodo, **si se** pudesse chegar ao superior  
 m9 33 im, como se a teria acceito, **si se** não tivesse formado um Julgamento

Como se disse acima (4.1.1.2), [home] foi importado do português arcaico e [on] do francês, conforme indicado em nota (STEINER, 1977a:6). A co-ocorrência das quatro variantes para a mesma função indica que Müller tinha em consideração restrições sistêmicas da língua portuguesa, tanto quanto não infringissem as restrições a que atribuíam maior valor, as do subsistema em que suas traduções se incluíam. Portanto, a busca de equivalência preferencialmente ao nível da palavra estaria sujeita a outra, mais ampla, que governaria também os procedimentos com que Müller



poderia não traduzir “literalmente”. Em busca dessa restrição, será necessário considerar, em maior detalhe, a noção de tradução que, em nossa leitura, subjaz ao trabalho de Müller.

### **4.3. A noção de tradução de Frederico Müller**

Nas traduções de Müller, a presença de fenômenos no nível sintático para cuja justificação a necessidade de ser literal não é suficiente, sugere um **uso criativo** da linguagem. De fato, há momentos em que Müller utiliza potencialidades do português, para apresentar uma tradução que “imita” as particulares nas quais o estilo de Steiner aproveita criativamente as características do idioma alemão. Um exemplo bastante claro disso revela-se na tradução do seguinte período de *Theosophie* (STEINER, 1922:20):

Ohne das Auge gibt es keine Licht-, ohne das Ohr keine Schallwahrnehmung.

Aqui, Steiner apresenta o substantivo composto [Lichtwahrnehmung] (percepção de luz) com a elipse do núcleo, que será recuperado anaforicamente no segundo substantivo composto do período, [Schallwahrnehmung] (percepção de som), de mesmo núcleo. Müller oferece para este período a seguinte tradução (STEINER, 1977a:19):

Sem o Olho há nenhuma Percepção de Luz, sem Ouvido nenhuma de Som.

Note-se que Müller reproduz o efeito de retomada anafórica do núcleo do item composto, aproveitando uma característica do português, que o obriga a apresentar o núcleo no primeiro item composto. Apenas a título de ilustração (as relações entre a



noção de tradução de Müller e as subjacentes a outras traduções de obras de Steiner serão exploradas mais adiante), veja-se a “tradução facilitada” para o mesmo período, oferecida por Daniel Brilhante de Brito em STEINER (1988:30):

Sem olhos não há percepção ótica, sem ouvidos não há percepção acústica.

Os detalhes parecem importantes para Müller, a ponto de este considerar inclusive que imagem do original se formaria para o leitor a partir de sua tradução. Comentando sua tradução de um parágrafo em STEINER (1964:206), diz:

[....] primeiro transcrevemos em alemão:

Der Mensch verleiht der Erfuellung einer Begierde einen Wert, weil sie aus seinem Wesen entspringt. Das Erreichte hat seinen Wert, weil es gewollt ist.[....]

Na Linguagem vulgar portuguesa se poderia identicamente dizer:

O homem atribúe um valor á satisfação de um desejo porque este provém do seu próprio ser. O alcançado tem um valor, porque constitue o objeto da sua vontade. [....]

Isto entretanto não será entendido pelo Leitor de Lingua portuguesa outramente, do que o Resultado da Retradução para o Alemão seguinte:

Der Mensch schreibt einen Wert der Befriedigung eines Wunsches zu, weil dieser aus seinem eigenen Sein kommt. Das Erreicht hat einen Wert, weil es den Gegenstand seines Willens aus macht.[....]

quando se póde dizer tão bem, com a mesma Simplicidade do Original:

O Homem confere um Valor ao Preenchimento de uma Cobiça, porque elle (o Preenchimento)+ surte do seu Wesen. O Conseguido tem o seu Valor, porque elle é querido.

(in: MÜLLER, 1964a:17-18)

Müller não se furta a explorar os recursos do português para tornar os detalhes perceptíveis ao seu leitor. A necessidade de ser triplamente fiel se constitui no impulso mesmo da criatividade de Müller, da qual também a formação de palavras é um exemplo poderoso.

Pode-se dizer então que traduzir para Müller é uma operação de construção de **isomorfia**, pela qual recriará no texto de chegada, tanto quanto possível, todas as relações do texto fonte. Ideologicamente isto será possibilitado pelo alto valor atribuído ao original, que, como se viu, advém em grande parte de se lhe atribuir ser a expressão de uma língua que não se realiza concretamente por nenhum povo – a língua pura. Diante disso, é pequeno o valor de qualquer língua, mormente o atribuído ao português e à sua “Inexperencia filosofica” (no prefácio a 1977a:X).

Analisando detidamente as metáforas que Müller utiliza ao se referir à tradução e ao trabalho de traduzir, a hipótese da isomorfia fica bastante evidente. Traduzir é, em primeiro lugar, “introduzir no Domínio de outra Língua um Trabalho” (no prefácio a STEINER, 1964), o que vem a ser um “temerario Empreendimento [...] sem grande Material de Ajuda á Disposição, com uma Lexicografia incontestavelmente deficiente, com Traducções em outras Linguas que facilmente podem conduzir a Caminhos errados” (no prefácio a STEINER, 1963:5). Isto exigiu que criasse “uma nova terminologia para uma maior Aproximação ao Conteúdo da Obra originaria, uma maior Fidelidade aos Pensamentos do Autor” (no prefácio a STEINER, 1963:6). Seu trabalho como tradutor é apenas “minha Tentativa de aproximar a Anthroposophia ás Almas do meu Povo para dar a Palavra ao verdadeiro Continuador de Goethe” (no prefácio a STEINER, 1977a:XVI). Nestes excertos, Müller utiliza metáforas espaciais para expressar o contato entre o leitor e o original por via da tradução. A tradução é um **meio** também quando utiliza a metáfora da luz, ao dizer que traduzir é “a Arte de conduzir a Creação original ao limpido Aparecimento em outra Língua” (no prefácio a STEINER, 1966). Aqui, surge a qualidade deste meio, de não turvar o original, embora diga saber que “Grandes originaes transluzem indestructivelmente também de

reproduções desageitadas” (Ch. Morgenstern, citado no prefácio a STEINER, 1964). Neste último excerto vê-se claramente que para Müller tradução é **reprodução**.

Na hierarquia de valores que se estabelece relativamente entre autoridade do autor, valor do estilo, do original, caráter iniciático da tradução etc., o valor das normas do sistema lingüístico de chegada é tão reduzido que o que idealmente é tido como reprodução, surge de fato como um conjunto de procedimentos criativos transgressores.

#### ***4.3.1. A tradição alemã de tradução***

O estudo das traduções de Müller merece, neste ponto, um pequeno excurso ilustrativo. Apresentam-se aqui resumidamente algumas considerações sobre o papel da tradução e o fazer tradutório, conforme formuladas por Friedrich von Hardenberg, dito Novalis (1772-1801), J. W. von Goethe (1749-1832), Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e W. Benjamin (1892-1940). Os três primeiros são coetâneos e representam exemplos importantes de reflexões em uma época em que as traduções cumpriram um papel fundamental na renovação dos traços característicos da literatura alemã, importando modelos sobretudo da França e da Inglaterra. Benjamin compartilha com os outros valor atribuído àquelas traduções que apresentam características estranhas ao sistema de chegada. Todos formulam considerações bastante semelhantes às de Müller, utilizando às vezes as mesmas metáforas, e

permitem estabelecer paralelos estáveis entre o trabalho do tradutor brasileiro e o que se convencionou chamar nos Estudos de Tradução de “tradição alemã”<sup>41</sup>.

Novalis, traduzido por Müller (v. Anexo C), distinguia três tipos de tradução: gramatical, modificadora e mítica. Mais alto tipo de tradução (como o próprio nome sugere), apenas a tradução mítica seria capaz de apresentar perfeitamente o caráter da obra de arte original (in STÖRIG, 1973:33). Goethe também distingue três tipos de tradução: prosaica, parodística e a idêntica ao original (in STÖRIG, 1973:35-36). Com o senso histórico típico do Classicismo, ao contrário de Novalis, a tipologia de Goethe distingue categorias segundo o **uso** que se faz da tradução. Assim, o primeiro tipo serve para popularizar os clássicos; e o segundo, para se apropriar do “sentido estrangeiro” e apresentá-lo de acordo com o próprio. Já o terceiro tipo, “último e mais alto”, é aquele com que “se quer fazer a tradução idêntica ao original, de modo que um não deva valer **em vez** do outro, mas **no lugar** do outro” (id.ibid, grifo do autor). A esse tipo, o caráter nacional impõe certa resistência, dado que não é nem a incompreensível obra estrangeira nem uma obra nacional, mas “um terceiro, para o qual o gosto da massa ainda deve se educar”. Mas é a esse tipo que, segundo Goethe, a história da literatura alemã deve muito de si. Os três tipos seriam uma gradação das máximas da tradução, apresentadas por Goethe em ocasião anterior (publ. in STÖRIG, 1973:35). Uma exige “trazer o autor de uma nação estrangeira até nós”, a outra, “que nós vamos ter com os estrangeiros”.

A mesma imagem de cruzar as fronteiras utiliza Schleiermacher: ou o tradutor move o leitor em direção ao escritor estrangeiro, ou vice-versa (op.cit.:47).

---

<sup>41</sup> MILTON (1993) dedica um capítulo ao tema, baseado principalmente no famoso *Translating literature: the German tradition*, de A. Lefevere, que instituiu o termo; dado o objetivo deste trabalho, a apresentação dessas teorizações aqui não pode ser senão parcial; para os originais, cf. STÖRIG (1973).

Em seu famoso artigo "Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens" (Sobre os diferentes métodos de traduzir), de 1813, Schleiermacher apresenta com muita clareza o papel da tradução numa literatura nacional. Segundo ele, ao mesmo tempo que o repertório de formas lingüísticas de um autor lhe é dado pela língua "em que nasceu e se educou", também esta é moldada e aperfeiçoada pelo "ser humano espiritualmente ativo e livre-pensador".

Neste sentido, pois, é a força viva do indivíduo que introduz no material moldável da língua formas novas, originalmente apenas para o objetivo momentâneo de participar uma consciência passageira, mas das quais uma mais outra menos permanece na língua e, tomada por outros que continuam a criar, se espalha (Schleiermacher, publ. in STÖRIG, 1973:43-44)<sup>41</sup>

É justamente este impulso criativo do original que causa em seus leitores – entre os quais se inclui o tradutor – uma determinada impressão. Propagá-la entre seus leitores é a tarefa da tradução: "O tradutor, portanto, deve colocar para si o objetivo de criar para seu leitor uma imagem tal e um prazer tal como a leitura da obra no original" (op.cit.: 51).

Em seu não menos famoso artigo "Die Aufgabe des Übersetzers" (A tarefa do tradutor), de 1923, W. Benjamin apresenta sua reflexão sobre a tradução e o traduzir. Notam-se coincidências: Schleiermacher menciona textualmente "a tarefa da tradução" e Benjamin, "a tarefa do tradutor". Para Benjamin, o trabalho do tradutor só começa depois de se haver traduzido tudo o que o original quer comunicar, dedicando-se então àquele prazer mencionado acima. Schleiermacher fala das criações da arte e

---

<sup>41</sup> No original: "In diesem Sinne also ist es die lebendige Kraft des einzelnen, welche in dem bildsamen Stoff der Sprache neue Formen hervorbringt, ursprünglich nur für den augenblicklichen Zweck [sic] ein vorübergehendes Bewußtsein mitzuteilen, von denen aber bald mehr bald minder in der Sprache zurückbleibt und von andern aufgenommen weiter bildend um sich greift".



da ciência, “quando devam ser **implantadas** de uma língua na outra” (in op.cit.:42 – grifo nosso)<sup>42</sup> e Benjamin: “A tradução, portanto, **implanta** o original em um âmbito lingüístico ao menos nesse ponto – ironicamente - mais definitivo” (in op.cit.:163 – grifo nosso)<sup>43</sup>. Os temas recorrentes, chegando ao uso da mesma metáfora, indica, se não sua inserção na tradição, certamente o diálogo de Benjamin com as teorizações do Romantismo e do Classicismo sobre a tradução (no artigo ele cita Goethe e seus tipos de tradução como o que melhor se tenha escrito sobre o tema na Alemanha – op.cit.:53). Há uma diferença relevante, porém, no ponto de vista de Benjamin: enquanto tradicionalmente se considerava a tradução a partir do original, ele opera uma inversão e discute o original a partir da tradução. Seria esta a responsável pela sobrevida daquele, na fama, em outro país. Para tanto, “como qualquer ser vivo”, a tradução se metamorfoseia, se transforma para além do original. Mas o ponto nodal do artigo de Benjamin é a noção da língua pura, original e supra-histórica, de onde as línguas partiram e onde novamente se dissolverão:

Todo parentesco supra-histórico das línguas se apóia muito mais no fato de que em cada uma delas como um todo, algo é significado, e aliás o mesmo que no entanto não é alcançável a nenhuma delas isoladamente, mas apenas à totalidade de suas intenções mutuamente complementares: a língua pura. (Benjamin, in op.cit.:161)<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> No original: “Bei den Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft aber, wenn sie aus einer Sprache in die andere verpflanzt werden sollen [....]”.

<sup>43</sup> No original: “Übersetzung verpflanzt also das Original in einen wenigstens insofern – ironisch – endgültigeren Sprachbereich [....]”.

<sup>44</sup> No original: “Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzer jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: die reine Sprache.”



Por causa desta finalidade teleológica, a tradução pode se dedicar ao que lhe é próprio, a tecer amorosamente seu modo de significação. "A verdadeira tradução é transparente, não esconde o original, não o ofusca" (op.cit.:166)<sup>46</sup>.

Esta última metáfora da luz para a tradução aponta imediatamente ao transluzir do original que ela deveria permitir para Müller. A idéia da língua acima das línguas, do papel da tradução no desenvolvimento de um idioma (pelos impulsos que traz de um gênio criador), a imagem da tradução como um caminho entre original e o leitor e seu caráter mítico quando reproduz o original, todas essas noções também se agregam à noção de tradução subjacente ao trabalho de Müller e permitem compreender melhor o substrato ideológico que fundamenta suas escolhas.

#### **4.4. Algumas correlações polissistêmicas**

Como se argumentou na discussão teórica apresentada no capítulo 2, as condições de produção de uma tradução são necessárias à análise do produto na medida em que esta visa a desvendar as relações entre os vários fatores que possivelmente influenciaram determinado comportamento. Até agora consideraram-se algumas condições internas ao subsistema em que as traduções de Müller se inserem e em que não se inserem (isto é, de onde são rejeitadas), no caso o sistema de textos filosóficos. É importante considerar ainda algumas relações externas ao sistema, para que se possa vislumbrar que possíveis correlações polissistêmicas se estabelecem entre as traduções de Müller e outros tipos de tradução no Brasil. Consideram-se a seguir traços característicos de outras traduções de obras de Steiner no Brasil. Em suas

---

<sup>46</sup> No original: "Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht [...]".

características, esse conjunto de traduções é divergente do sistema em que se inserem as traduções de Müller. Por outro lado, as traduções de Müller mantêm semelhanças em seus procedimentos que as aproximam de traduções criativas de poesia. Apresentam-se aqui apenas os procedimentos de criação lexical utilizados por Manuel Odorico Mendes em sua tradução da *Odisséia*, de Homero, e o paradigma introduzido pelos irmãos Campos, tal como notadamente se manifesta na tradução de um excerto do *Fausto*, de Goethe.

#### **4.4.1. Outras traduções de Steiner no Brasil**

As obras completas de Rudolf Steiner em alemão perfazem mais de 350 exemplares e apenas as edições da editora-sede em Dornach, Suíça, ultrapassam os oito milhões de livros. A divulgação desta verdadeira biblioteca pelo mundo envolve naturalmente a tradução, que começou para o inglês com a edição de *Theosophy*, em 1910. Steiner teria acompanhado a tradução de *Geheimwissenschaft im Umriss* (A ciência oculta em esboço), publicada em 1914 como *An outline of occult science*, simultaneamente em Londres e em Nova Iorque (WILSON, 1985). Em 1916, Steiner escrevia: "Aquele que conhece a atuação das entidades profundas dos mundos e dos espíritos, este sabe que no traslado de sabedorias de uma língua noutra, todos os espíritos da confusão aparecem, todos os espíritos da confusão intervêm" (Steiner, citado em *Reincarnating meaning*, 1997:1)<sup>46</sup>. E em seu caso parece que realmente intervíram, a estimar pela seguinte opinião:

Muitos antropósofos parecem lamentar o estilo doloroso da maioria das traduções [...] Há – ao menos nas traduções mais

---

<sup>46</sup> No original: "Derjenige, der das Wirken tiefer Welten- und Geisterwesenheiten kennt, der weiss, dass beim Herübertragen von Weisheiten aus einer Sprache in eine andere alle Geister der Verwirrung auftreten, alle Geister der Verwirrung eingreifen."

antigas – uma tentativa infeliz de evocar o sagrado por meio de palavras do cotidiano ou sintaxe que já caíram em desuso [...] O efeito total não está muito longe de uma maçaroca conceitual. (AHERN, 1984:114-115)<sup>48</sup>

A partir de 1947, com a retomada da produção comercial das obras de Steiner, interrompida com a proibição nazista, várias medidas foram tomadas para a popularização de seus livros, dentre elas o lançamento das *Obras Completas* em edições de bolso. Parte deste esforço incluiu ainda a publicação de traduções facilitadas em inglês. Atualmente os tradutores de obras antroposóficas para o inglês contam com uma Associação de Tradutores e Editores Antroposóficos (“Anthroposophical Translators and Editors Association” – ATEA), que publica o periódico semestral *Reincarnating Meaning*, onde veiculam discussões sobre suas experiências pessoais e os procedimentos a serem mais uniformemente adotados nas traduções. A julgar pelo que se escreve no periódico, a opinião corrente sobre como deve ser uma tradução de Steiner é outra: “Nesta tradução, não resta dúvida sobre o que Rudolf Steiner está dizendo. Nem há quaisquer traços distoantes de construção alemã” (op.cit.:14). A tendência à edição de traduções facilitadas é expressa ainda por outros tradutores: “[...] surgiram de nosso recente trabalho com um editor cujas exigências de estilo para uma tradução de palestras de Steiner incluía a eliminação tanto quanto possível do uso da voz passiva (caracteristicamente alemã)”<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> No original: “Many Anthroposophists seem to regret the painful style of most of the translations [...] There is – at least, in the older translations – an unhappy attempt to evoke the sacred through everyday words or syntax that are now out of use [...] The total effect is not far short of conceptual Jabberwocky.”

<sup>49</sup> Robert Lathe e Nancy P. Whittaker, em “Kraft, the Passive Voice and the Three Mystery Streams”, p. 4, URL: <http://www2.psyber.com/~bobnancy/steiner/kraft.html>, 16/06/97. No original: “[...] arise out of our recent work with a publisher whose style requests for a translation of Steiner’s lectures include the elimination of as much of the use of the (characteristically German) passive voice as possible”.

O mesmo projeto editorial de traduções facilitadas de obras de Steiner norteia no Brasil o trabalho tradutório iniciado por Rudolf Lanz. Emigrado da Europa durante a Segunda Guerra, Lanz opôs-se a Frederico Müller no âmbito da Antroposofica Sociedade no Brasil, com quem rompeu em sua primeira Assembléia Geral, em 1956 (MÜLLER, 1982:5). Lanz liderou a constituição da Associação Pedagógica Rudolf Steiner, mantenedora da Escola Rudolf Steiner, em São Paulo, e financiadora de traduções e publicações. Primeiramente, as traduções editadas e/ou traduzidas por Lanz eram publicadas por pequenas editoras paulistas (a Dominus, por exemplo, publicou em 1966 a 1ª edição de STEINER, 1988), até a constituição da Editora Antroposófica, em 1982.

A Editora Antroposófica apresenta algumas estratégias de mercado que apontam para sua aceitação no sistema secundário de "livros alternativos": mantém uma livraria e distribui comercialmente suas publicações, além de distribuir também pequenas edições de literatura afim. O catálogo de 1997 traz 103 edições próprias (dentre as quais 45 livros de Steiner) e outros 63 distribuídos em parceria. Sem dúvida, grande parte desta aceitação deriva de seu projeto de tradução.

Lanz afasta-se propositadamente do projeto de tradução de Müller, fazendo republicar em outras traduções as obras de Steiner. No prefácio a STEINER (1982), de sua tradução, inicia o "Prefácio do Tradutor" dizendo que "é a primeira vez que se apresenta ao grande público uma tradução moderna de *Die Geheimwissenschaft im Umriss*" (A ciência oculta em esboço), não mencionando em nenhum momento o trabalho de Müller. O seu trabalho também se constitui em apresentar essa obra de Steiner "nesta edição numa tradução fiel ao original alemão". A diferença entre as duas noções de tradução fica bastante evidente ao se comparar os procedimentos que

ambos utilizam para solucionar o problema das metáforas congeladas<sup>50</sup>. Considere-se a seguir o exemplo das traduções oferecidas por ambos para o termo [Lungenflügel] (um diz "asas do pulmão" e o outro, "asas do pulmão"). Na tradução de Müller, temos:

(Autocompreensivelmente se precisa estar-se esclarecido acerca de, que Designação tal nada mais tem a fazer com a Causa do que a Expressão "Aza" (Lóbo)+, quando se falla de "Azas" (Lóbos)+ do Pulmão). (in: STEINER, 1966:229)

Na versão de Lanz:

Obviamente deve-se ter claro o fato de esta nomenclatura ter tanta conexão com a realidade quanto, por exemplo, o termo *asas* quando se fala em asas do nariz. (in: STEINER, 1982:177).

com remissão para nota do tradutor no rodapé, onde esclarece: "No original, o autor recorre à imagem "asas do pulmão" (*Lungenflügel*)".

Ambos indicam ao leitor que ao termo [Lungenflügel] não corresponde em português um termo como [asas de pulmão], inexistente. Diferencia-se porém o modo de fazê-lo e é esta decisão individual que revela a noção de tradução subjacente ao fazer tradutório. Müller introduz notas no texto, preservando as palavras utilizadas por Steiner, ao mesmo tempo em que apresenta um termo capaz de servir como referente no lugar da metáfora [asas do pulmão], que não se realiza. Lanz procura recriar com um termo semelhante a significação metafórica oferecida por Steiner. Ambas as decisões são índices do grau de escolha que cada qual admite em sua tarefa e, por extensão, à noção de tradução: para Müller, a tradução "translúcida"; para Lanz, a interação possível.

---

<sup>50</sup> O tópico da tradução de metáforas é bastante amplo e já foi tratado mais propriamente, por exemplo, em LEFEVERE (1992:37-39) com vistas à prática da tradução e em MILITÃO (1996) com vistas ao processo de significação.



O grau de escolha que Müller atribui ao tradutor é um ponto importante no sistema em que se inserem suas traduções. E, embora, seus procedimentos no nível lexical se assemelhem a decisões da tradução criativa de poesia, é esse grau de escolha que fundamentalmente os diferenciará, como se verá a seguir.

#### **4.4.2. Traduções criativas de poesia no Brasil**

Apresentam-se a seguir sucintamente alguns procedimentos de tradução de poesia no Brasil que permitem estabelecer relações com o trabalho de Frederico Müller, exclusivamente no que se refere à formação lexical. Em primeiro lugar, apresenta-se o trabalho de Manuel Odorico Mendes em sua tradução da *Odisséia*, de Homero. Em seguida, apresenta-se o paradigma influenciado pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, utilizando como exemplo a tradução de Haroldo de Campos para um excerto do *Fausto*, de Goethe.

Manuel Odorico Mendes (24/01/1799-17/08/1864) foi um poeta romântico maranhense, cujo projeto de oferecer “um curso de literatura para brasileiros” levou-o a traduzir principalmente os poemas de Virgílio e Homero diretamente dos originais (cf. RODRIGUES, 1992:21-54)<sup>51</sup>. Odorico Mendes era afeito aos clássicos devido à sua formação em Filosofia e Direito na Universidade de Coimbra, onde aprofundou seus conhecimentos do grego e do latim. Na época em que publicou suas traduções, Odorico Mendes inseria-se no contexto das profundas transformações que se processavam em Portugal e no Brasil, a época do Iluminismo. “A tradução exerceu nessa época um papel formador e universalizante. Ela entrava no projeto globalizador,

---

<sup>51</sup> As informações apresentadas aqui foram extraídas do prefácio de Antonio Medina Rodrigues à sua edição da tradução da *Odisséia*, feita por Odorico Mendes (RODRIGUES, 1992).



em que Portugal, desde o impulso pombalino, já se candidatava a um lugar no concerto das Luzes.” (RODRIGUES, 1992:25). As traduções de Odorico Mendes não foram bem aceitas e, mais tarde, sofreram severas críticas por parte de Sílvio Romero, representante do sistema literário institucionalizado. Esta rejeição deve-se sobretudo aos procedimentos de tradução com que Odorico Mendes procurava reconstruir as características formais do texto original, principalmente no que se refere aos processos por composição, muito produtivos no grego. Odorico Mendes importou essa produtividade, cunhando vocábulos tais como [olhicerúlea], [crinipulcra], [dedirrósea] e utilizando vocábulos da variante falada, como [olhinegro], [olhibranco], [olhizarco] etc. Mais do que um caso isolado, as traduções de Manuel Odorico Mendes inserem-se nas tensões do polissistema cultural brasileiro naquele dado momento:

Há, portanto, uma luta entre experimentalismo épico e literatura de adequação, vencida pela última [...] Odorico era um dos que resistiam. Achava que podia ser original “imitando os antigos” e explorando as esferas mais tenebrosas da linguagem, coisa que, por sinal, o nacionalismo abominava. Daí que ele verá o gênero épico como uma estrutura trans-histórica, internamente dinamizável, e dinamizável sobretudo pela infinita possibilidade criadora das línguas. (RODRIGUES, 1992:27-28).

A noção de tradução de Odorico Mendes só será problematizada em função de seu aspecto inventivo na segunda metade do século XX, numa época em que à tradução se começa a atribuir de novo a função de renovação das formas literárias. Representante exemplar desse período é o poeta e tradutor Haroldo de Campos, que atribuiu a Odorico Mendes o epíteto de “patriarca da tradução criativa no Brasil” (in: HOMERO, 1992:18). Campos tratou da obra de Odorico Mendes pela primeira vez em 1962, voltando a dedicar-lhe alguns comentários em anos posteriores. Nesses comentários, defende a opinião de que as traduções feitas por Manoel Odorico

Mendes são “um caso obscuro e modesto de nossa literatura – mas que, no âmbito dela, tem uma grande importância pelo caráter premonitório que assume em relação a uma teoria do traduzir moderna” (CAMPOS, 1975:101).

Essa “teoria do traduzir moderna” constitui o foco de atenção do trabalho crítico e tradutório de Campos (cf. VIEIRA, 1992: cap.1). Em 1981, Haroldo de Campos publicou sua tradução das duas cenas finais da segunda parte do *Fausto*, de Goethe (CAMPOS, 1981). Os apêndices à tradução são ilustrativos da importância que a tradução adquire. Em sua tradução, Campos cunha termos por composição em processo de importância semelhante à atribuída por Odorico Mendes e Frederico Müller. Vejam-se alguns exemplos:

celializados < Himmelsverwandte  
 sobredemoníaco < überteuflich  
 diabigordos < Dickteufeln  
 diabimagros < Dürртеufeln

Termos como esses conferem ao texto seu aspecto de estranheza e o “germanizam”. Similarmente, Müller apresenta [fogo-bufantes touros] em STEINER (1980:65). Mas a operação poética de Haroldo de Campos envolve apenas a impressão, o sabor do original; está pronto a retirar do original apenas o que lhe interessa. Isto é o que fica patente em outros procedimentos. Um exemplo claro é a seqüência [Conjurogesticulante como um fantásmeo cabeça-de-tropa], oferecida como a tradução de [Phantastisch-flügelmännische Beschwörungsgebärden] (op.cit.:11): em alemão, o adjetivo composto refere-se ao substantivo composto; em português, todo o sintagma adjetival se refere a uma personagem que não está na frase, permanece na cena em que ela se insere.

Se o processo de formação de palavras deixa aproximar o trabalho desses tradutores, o grau de decisão atribuído ao tradutor por cada um os diferencia. Haroldo de Campos apenas utiliza esses processos ali onde esse procedimento se insere em seu projeto de criar um texto em português induzido pelo original. Odorico Mendes aplica-os apenas a palavras de classes abertas (verbos, substantivos e adjetivos). Para Müller, a obrigatoriedade desse processo se revela na presença quase categórica em classes tanto abertas quanto fechadas.

## **CAPÍTULO 5**

---

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste capítulo final, reúnem-se considerações sobre o trabalho realizado nessa dissertação. Em primeiro lugar, retomam-se os pontos principais da análise apresentada no capítulo anterior. Em segundo lugar, comenta-se o aspecto histórico, de registro do trabalho de Frederico Müller como tradutor de Rudolf Steiner. Levantam-se ainda algumas considerações sobre o trabalho de análise realizado em suas traduções. Finalmente, apontam-se desenvolvimentos futuros e possíveis desdobramentos do trabalho aqui apresentado.

### **5.1. As traduções de Frederico Müller**

Apresentam-se a seguir, retrospectivamente, os pontos levantados na análise das traduções de Frederico Müller. A análise partiu do nível lingüístico em direção ao nível ideológico. Este pequeno resumo, à guisa de conclusão, procede em direção inversa, seguindo a hierarquia de valores que se estabelece relativamente entre autoridade do autor, valor do estilo, do original, caráter iniciático da tradução e o valor das normas do sistema lingüístico de chegada.

**1. A importância da "língua una":** Talvez o fator mais importante na constelação de valores que condicionam as decisões de Müller é a noção da "língua una". Esta seria a linguagem dos mundos superiores, indiferenciada em idiomas. Cada língua humana representaria uma parte desta linguagem, utilizada por cada grupo segundo suas necessidades. Conhecer os mundos superiores implicaria em restabelecer ou "penetrar" a língua una. Está claro que esta noção envolve não apenas uma "teoria" evolutiva

(todos os homens falavam a língua una, que depois se diferenciou), mas também um fim – no duplo sentido de objetivo e extinção – das línguas e da linguagem. Grande parte desta noção é tributária da teoria humboldtiana da linguagem, acrescidos os vieses espiritualistas. Uma língua qualquer - no caso de Müller, o português – deveria evoluir em direção à língua una. Nas traduções de Frederico Müller, esta noção se aproxima da noção da “língua pura” de W. Benjamin, uma vez que para este a tradução deveria deixar perceber a língua una. Esta noção parece bastante importante para a compreensão do uso de uma ortografia “fora do tempo” e infensa às mudanças deste (e é plausível supor que Müller mesmo se incluía no escopo didático-anímico da obra de Steiner, ao apresentar seu próprio discurso com as marcas tipográficas e lexicais do texto original). A esta noção se acoplam outros construtos ideológicos importantes, a saber:

**2. Autoridade do autor:** O valor que Frederico Müller atribui ao original, mais que ao texto em si, é devido à autoridade de quem o escreveu. Müller presta enorme respeito a Steiner, referindo-se a ele como “Pesquisador d’Espírito” (sic), “o verdadeiro Continuidor de Goethe”, o homem cujos escritos teriam a capacidade de promover no alemão “a Elevação desse Idioma à Altura da Natureza do Conteúdo” (citado no prefácio a STEINER, 1977:X). Essa autoridade é atribuída a Steiner a partir de sua doutrina e também está presente, embora com outros resultados, no projeto de popularização da Antroposofia no Brasil, iniciado por Rudolf Lanz (cf. item 4.4.1, acima). É de Lanz a seguinte afirmação:

As experiências relatadas pelos iniciados são, na realidade, indescritíveis. Em tempos modernos houve só um que as traduzisse em termos terrenos acessíveis ao raciocínio comum. Foi Rudolf Steiner, que cumpriu assim a tarefa histórica de ser o iniciador de um movimento que deverá levar o homem, em



tempos futuros, a uma reintegração consciente nos mundos superiores. (LANZ, 1985:77)

Os procedimentos que Müller apresenta em suas traduções de obras de Steiner derivam ainda de outros valores no nível ideológico, que podem ser relacionados ao valor que se atribui a Steiner. Em parte, isto explica porque o valor que Lanz também atribui a Steiner não é decisivo para seus procedimentos de tradução (podendo sê-lo, por exemplo, para seu envolvimento pessoal no projeto, patente no desempenho simultâneo das tarefas de tradutor e editor);

**3. A importância do estilo:** Como não poderia deixar de ser, Steiner comunga da noção da língua como forma do pensamento, tão cara à filosofia alemã. Nas traduções de Müller, isto aparece na importância que adquire o estilo de Steiner. Ao “reproduzir” o estilo de Steiner, Müller pretendia colocar o leitor em contato direto com o texto original. Para tanto ele poderia, justificadamente, lançar mão de procedimentos para imitar seus efeitos sobre o leitor. Justamente isso parece constituir a motriz do esforço criativo de Müller.

**4. Autoridade da língua de partida:** Além da língua una, não se pode esquecer que o texto de Steiner se materializou em alemão. A língua de partida adquire importância, na medida em que já teria percorrido grande parte do caminho de evolução (ou retrocesso) até a língua una, pelas mãos ou pela pena de Rudolf Steiner.

**5. Autoridade do original:** Nas traduções de Müller, o valor que o original adquire parece não ser nem menos nem mais importante do que o que é atribuído a um texto

original no Ocidente desde o Romantismo (v. LEFEVERE, 1990). As obras filosóficas se incluíam dentre os textos fundadores da cultura ocidental juntamente com os textos sagrados e os clássicos. Merecendo o estatuto de "modelo", seriam objeto de imitação e base da educação. Comum a Steiner e outros autores (Goethe, Schleiermacher etc.) é o valor atribuído aos textos fundadores, a idéia clássica de que os bens culturais participam de uma esfera mais elevada. Mas, na medida em que se estabelece um conjunto com os outros valores já mencionados, o original também tem seu papel, basicamente devido ao caráter iniciático que adquire – e que a tradução deve manter.

No nível poetológico, ou da tradição literária em que se produz o texto traduzido, o enfoque da análise foi sobre o sistema de textos filosóficos. No sistema de textos filosóficos, alguns dos procedimentos apresentados por Müller não são novidade, a saber: a inclusão de glossário e notas terminológicas e formação de palavras em classes abertas. Além disso, uma das características do sistema está presente na obra de Müller: a posição de fraqueza do sistema de chegada em relação ao sistema de partida, o que geralmente ocasiona uma domesticação das leis de produção textual (cf. EVEN-ZOHAR, 1990). Em filosofia, ordinariamente, traduz-se de um sistema considerado mais forte, donde a importância da obra a ponto de merecer ser traduzida<sup>52</sup>. Mas, se estas características aproximam as traduções de Müller do sistema filosófico, os outros tópicos acima discutidos, de um nível ideológico "hipertrofiado", não garantem sua aceitação no sistema.

O nível discursivo é praticamente inexistente. Parece que, em suas traduções, Müller não leva em conta que a língua também possui um nível sistemático, que extrapola o nível puramente sintagmático. Um exemplo disso já foi visto no

---

<sup>52</sup> Vide a influência da filosofia alemã nas faculdades de Direito e da francesa nas de Filosofia.

tratamento de metáforas congeladas (p.94, acima). Grande parte disso também pode ser atribuído ao nível ideológico hipertrofiado.

O trabalho de tradução de Müller concentrou-se no nível lingüístico. O uso da ortografia anterior à reforma de 1943, a proposição de neologismos em classes abertas e fechadas e as inversões sintáticas são procedimentos que ele utilizou para realizar textualmente uma tradução que se queria uma reprodução, tanto quanto possível, isomórfica do original. Isto resulta em um texto que segue, em suas diretivas, algo semelhante ao que propôs Schleiermacher como uma das maneiras do traduzir: “uma atitude da língua que não apenas não é cotidiana, mas que ainda deixa vislumbrar que não cresceu livremente, que teria muito mais se arqueado para o outro lado, para uma estranha semelhança” (in: STÖRIG, 1973:55)<sup>53</sup>.

## **5.2. Comentando os resultados do estudo**

O principal objetivo dessa dissertação foi oferecer uma visão contextualizada das traduções que Frederico Müller realizou de obras de Rudolf Steiner. Entende-se que assim é possível registrar o trabalho desse tradutor. Mais do que isso, compreender que fatores contextuais puderam estar potencialmente influenciando a configuração do texto traduzido é compreender um pouco como a noção de tradução de um tradutor pôde ser seguida coerentemente durante tanto tempo.

---

<sup>53</sup> No original: “.... eine Haltung der Sprache. die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch ahnden läßt, daß sie nicht ganz frei gewachsen, viel mehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergebogen sei”.

Os esforços de Müller por uma tradução marcada no nível lingüístico parecem ser os maiores responsáveis por sua exclusão do “mainstream” da tradução filosófica no Brasil. O alcance de suas traduções foi restrito, mesmo nos círculos antroposóficos brasileiros. As obras de Steiner foram republicadas em outras traduções, sem menção ao seu trabalho pioneiro. À luz dos estudos contemporâneos de tradução, os esforços de Müller em mimetizar o discurso de Steiner se constituem numa fábrica significante, capaz de fornecer em português invenções como as de Manoel Odorico Mendes em suas traduções de clássicos gregos e as de Haroldo de Campos em sua tradução do *Fausto*, de Goethe.

Tratar as traduções de Müller com vistas a compreender seus mecanismos representou um desafio metodológico. Em parte, porque foi grande a tentação do pesquisador, como tradutor ele mesmo, de aplicar ao trabalho de Müller categorias operantes em seu próprio trabalho e julgar os resultados de Müller, não à luz de seu contexto, extrema e estritamente específico, mas com base em uma noção idealizada e idealista de tradução. Por outro lado, o trabalho de coleta de dados necessário a sustentar os requisitos mínimos de generalização parecia interminável diante de tantas obras traduzidas.

A opção fundamental pelo tratamento empírico revelou-se a melhor maneira de vencer a tentação idealista. A escolha do modelo EDT, com seus caminhos já trilhados e a experiência de análises de textos criativos, garantiu um padrão de procedimentos investigativos muito útil no desvelamento das características das traduções de Müller. Os resultados da análise – principalmente a proposta de explicação de como se inter-relacionam os vários níveis nas traduções de Müller apresentada acima – parecem corroborar a conclusão já apresentada de que “No texto literário (mas não apenas nele), as funções literárias podem neutralizar funções

linguais padronizadas e substituí-las por funções não padronizadas, caso não haja mecanismo de rejeição para prevenir esse fato” (EVEN-ZOHAR, 1990:76)<sup>54</sup>. Entendendo “funções literárias” por aquelas funções inerentes ao sistema de textos e “funções linguais” por aquelas que se realizam no nível lingüístico, pode-se dizer que o caso das traduções de Frederico Müller apresenta um comportamento previsível dentro de um modelo inicialmente formulado para textos literários, o que é uma prova da possibilidade da expansão do modelo a outros tipos de textos.

Quanto à utilização da metodologia de coleta de dados em corpus, é interessante notar que ela representou um passo importante na aplicação do método de análise apresentado em TOURY (1995) e discutido no capítulo 3. Além da possibilidade de tratar uma maior quantidade de textos, de recolher elementos para análise em 10 livros, representando 18 anos de trabalho, foi possível fazê-lo conhecendo ainda a importância relativa que cada elemento tinha no todo da amostra. Caso venha a se estabelecer essa metodologia de coleta de dados em corpus, os estudos de tradução podem extrair resultados interessantes das informações **quantitativas** que um corpus oferece, além dos sugeridos em BAKER (1995). Esta possibilidade abre novas perspectivas para a análise de corpora extensos.

Dentre os desdobramentos que a análise das traduções de Müller sugere, dois podem ser diretamente beneficiados pelo tratamento computacional. Por um lado, pode-se investigar em maior detalhe o sistema de textos filosóficos, que parece ser um dos poucos sistemas no Brasil em que traduções de originais em língua alemã ocupam uma posição central. Por outro lado, merece maior atenção o fato de que tanto Frederico Müller quanto Haroldo de Campos e Manuel Odorico Mendes, em épocas

---

<sup>54</sup> No original: “In the literary text (but not only there) literary functions may neutralize standardized lingual functions and replace them with non-standardized ones, if there is no



diferentes, se situem no âmbito da problematização da tradução iniciada durante o Romantismo alemão, além de apresentarem procedimentos bastante semelhantes. Pode ser apenas coincidência, mas cabe perguntar: que papel teve a noção de língua advinda do Romantismo (o Romantismo histórico, diga-se bem) na renovação das formas literárias no português do Brasil?

Uma última consideração merece a já famosa questão da visibilidade do tradutor em Frederico Müller (cf. VENUTI, 1995; WYLER, 1995). Ao querer ser o mais fiel, o mais transparente, o mais invisível, Frederico Müller foi capaz de ser paradoxalmente mais visível, mais presente como sujeito produtor de seus textos. Suas "Explicações terminológicas do Traductor", ao apresentar o **seu** termo ao lado da variante dicionarizada, dá corpo à diferença que funda toda tradução. Seu glossário pode ser visto como uma espécie de metáfora da personalidade paradoxal do tradutor, que se faz presente, embora querendo negar-se. Ao final, o glossário se desprende do texto e passa a ser encartado em qualquer tradução de Steiner, sem distinção: a tradução livre do original.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

## 1. Obras analisadas

### A. Traduções

STEINER, Rudolf. *O Methodo scientifico de Goethe*, Linhas-Gerundo de uma Theoria de Reconhecença da Aspecção de Mundo de Goethe com particular Respecção a Schiller. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1962.

\_\_\_\_\_. *Philosophia e Anthroposophia*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1963.

\_\_\_\_\_. *A Philosophia da Liberdade*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1964a.

\_\_\_\_\_. *A Sciencia occulta no Circumtraçado*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1966.

\_\_\_\_\_. *A Doutrina das Categorias de Hegel*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1969. (Mimeografado)

\_\_\_\_\_. *O creador Mundo da Côr*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1971a. (Mimeografado)

\_\_\_\_\_. *O Wesen das Côres*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1971b. (Mimeografado)

\_\_\_\_\_. *Theosophia*. 2ª ed. (1ª ed., 1942). Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1977a.

\_\_\_\_\_. *A Educação da Creação do Ponto de Vista da Ciência d'Espírito*. 2ª ed. (1ª ed., 1960). Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1977b.

\_\_\_\_\_. *O Christianismo como Facto mystico e os Mystérios da Antiguidade*. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1980.

### B. Originais

STEINER, Rudolf. *Theosophie*, Einführung in übersinnliche Welterkenntnis und Menschenbestimmung. 20a.ed. (1a.ed., 1904; 9a.ed. rev. ampl., 1918) Stuttgart: Der kommende Tag, 1922.

\_\_\_\_\_. *Die Geheimwissenschaft im Umriss*. 20.ed. Dornach: Philosophisch-Anthroposophischer Verlag am Goetheanum, 1930. 396 p.

\_\_\_\_\_. *Grundlinien einer Erkenntnistheorie der Goetheschen Weltanschauung*, mit besonderer Rücksicht auf Schiller, zugleich eine Zugabe zu "Goethes Naturwissenschaftlichen Schriften" in Kürschners "Deutsche National-Litteratur". 7a.ed. (1a.ed., 1886). Dornach: 1979. (Gesamtausgabe [Obras Completas], 2 - disponível em forma eletrônica em URL: <http://www.anthroposophy.com>, 30/03/1997)

\_\_\_\_\_. *Die Philosophie der Freiheit*. Berlin: Philosophisch-Anthroposophischer Verlag, 1894. (Disponibilizado eletronicamente por Lorenzo Ravagli para URL: <http://www.anthroposophy.com>, 30/03/1997)

## **2. Outras obras de R. Steiner**

STEINER, Rudolf. *Os Segredos*, uma poesia de Sacra-Noite e Paschoa de Goethe. Trad. e publ. Frederico Müller. Rio de Janeiro: 1964b (publicação própria)

\_\_\_\_\_. *A Ciência Oculta*, esboço de uma cosmovisão supra-sensorial. 2.ed. Trad. Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1987. 232 p.

\_\_\_\_\_. *Linhas básicas para uma teoria do conhecimento na cosmovisão de Goethe*. Trad. Bruno Callegaro. São Paulo: Antroposófica, 1986. 90 p.

\_\_\_\_\_. *Teosofia*; introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano. 3a.ed. (1a.ed., 1966). Trad. Daniel Brilhante de Brito. São Paulo: Antroposófica, 1988.

## **3. Textos de Frederico Müller**

MÜLLER, Frederico. "A Arte de Traduzir". Reproduzido no prefácio a STEINER, 1963.

\_\_\_\_\_. "Traduzir sem Trahir". Parte I. Suplemento de "A Época Michael". Rio de Janeiro, 1964a.

\_\_\_\_\_. "Traduzir sem Trahir". Parte II. Suplemento de "A Época Michael". Rio de Janeiro, 1964b.

\_\_\_\_\_. "Explicações terminológicas do tradutor". Glossário "in quarto" anexo às suas traduções. Rio de Janeiro, s/d.

\_\_\_\_\_. "Nomes". Separata do nº 90 de "A Época Michael", p. 11. Rio de Janeiro, 1980a.

\_\_\_\_\_. "Hegel-Steiner". Separata do nº 90 de "A Época Michael", p. 12. Rio de Janeiro, 1980b.

\_\_\_\_\_. "Algo da Historia da Anthroposophia no Brasil – Etwas aus der Geschichte der Anthroposophie in Brasilien". Rio de Janeiro: março/1982. 12 p. (Caderno mimeografado)

#### 4. Obras gerais

AHERN, Geoffrey. *Sun at Midnight: Rudolf Steiner and the Western esoteric tradition*. Wellingborough: Aquarian Press, 1984.

ALVES, Fábio. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke?; Eine psycholinguistisch orientierte Untersuchung von Übersetzungsvorgängen zwischen portugiesischen und brasilianischen Übersetzern*. Hamburg: Dr. Kovac, 1995. 216 p.

AUBERT, Francis H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilingüe*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 1996. 99 p. (Cadernos de Terminologia, 2)

BAKER, Mona. "Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research". In: *Target* v.7, n.2. Amsterdam: J. Benjamins, 1995. p. 223-243.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 4a. ed. (1a. ed., 1987). São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios 88).

BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André (org.). *Translation, History and Culture*. London/New York: Pinter, 1990.

BENJAMIN, Walter. "Die Aufgabe des Übersetzers". In: STÖRIG (1973:156-169).

BRINK, Christl M. K. "Traduções de obras alemãs no Brasil". In: *Tradução & Comunicação* 5, São Paulo: ABRATES, 1984. p. 53-74.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Herder, 1962. 703 p.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 3.ed. (1.ed., 1969). São Paulo: Perspectiva, 1975.

\_\_\_\_\_. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva: 1980.

CLARK, Herbert H. & CARLSON, Thomas. "Context for comprehension". In: CLARK, Herbert H. *Arenas of language use*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1992.

- COHEN, Maria Antonieta A. M. *Syntactic change in Portuguese relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase*. Campinas: Unicamp, 1990. (Tese, Doutorado em Linguística)
- DESLILE, Jean & WOODSWORTH, Judith. *Translators through History*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 199 . jkfi p.
- DORFMAN, Marcy. "Evaluating the interpretive community: evidence from expert and novice readers". In: *Poetics*, 23, p. 453-270. Elsevier: 1996.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. "Papers in historical poetics". Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics/Tel Aviv Univ., 1978.
- \_\_\_\_\_. "Polysystem theory". In: *Poetics today*, Tel Aviv, v.1, n.1/2, p. 287-310, 1979.
- \_\_\_\_\_. "Translation and Transfer". In: *Poetics Today*, Tel Aviv, v.11, n.1, p. 73-78, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2.ed. rev.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- "Filosofia alemã e tradução"; entrevista de Rubens Rodrigues Torres Filho a Marcio Sattin". In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, no.1, p. 69-81. São Paulo: Depto. de Filosofia da USP, 1996.
- GEEST, Dirk De. "The Notion of 'system': its theoretical importance and its methodological implications for a functionalist translation theory". In: KITTEL, Harald. *Geschichte, System, Literarische Übersetzung*. Berlin: Schmidt, 1992. p. 32-45.
- GONÇALVES, José Luiz Vila Real. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998 (Dissertação, mestrado em Estudos Linguísticos)
- HEMLEBEN, Johannes. *Rudolf Steiner*; monografia ilustrada. Tradução de Heinz Wilda. 2.ed. São Paulo: Antroposófica, 1989. 185 p.
- HOMERO, *Odisséia*. Trad. Manuel Odorico Mendes. Ed. Antonio Medina Rodrigues. São Paulo: Ars Poética/EdUSP, 1992. 365 p.
- JAUB, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Sel., trad., intr., Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992. 64 p. (Série Princípios, 215).



- KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4ª ed. revista e corrigida. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1992.
- KOLLERT, Günter. *A origem e o futuro da palavra*, a teoria da linguagem segundo Goethe e Rudolf Steiner. São Paulo: Antroposófica, 1994. 88 p.
- KÖNIG, Werner. *DTV-Atlas zur deutschen Sprache*. Munique: DTV, 1978. 247 p.
- KÖNIGS, F.G. "Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen". In: *Die Neueren Sprachen* 2, 1987. p. 162-185.
- \_\_\_\_\_. "Wie theoretisch muß die Übersetzungswissenschaft sein? Gedanken zum Theorie-Praxis-Problem". In: *Taller de Letras* 18, 1990. p. 103-120.
- LANZ, Rudolf. *Noções básicas de Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 1983, reimpr. 1985. 79 p.
- LEFEVERE, André. *Translating literature, practice and theory in a comparative literature context*. New York: Modern Languages, 1992.
- \_\_\_\_\_. "Translation: its genealogy in the West". In: BASSNETT & LEFEVERE (1990).
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1983. 420 p. (Cambridge Textbooks in Linguistics)
- MILITÃO, Josiane A. *A significação metafórica e o processo de tradução; novas perspectivas de uma abordagem integrada*. Dissertação de mestrado, inédito. FALE/UFMG, 1996.
- MILTON, John. *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- NYSTRAND, Martin (org.). *What writers know, the language, process and structure of written discourse*. New York: Academic Press, 1982.
- PARADIS, M. "The Neurofunctional Modularity of Cognitive Skills: Evidence from Japanese Alexia and Polyglot Aphasia". In: KELLER, E. & GOPNIK, M. (org.). *Motor and Sensory Processes of Language*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum Associates. 1987. p. 277-280.
- PUURTINEN, Tiina. "Two translations in comparison: a study on readability". In: TIRKKONEN-CONDIT, Sonja & CONDIT, Stephen (org.). *Empirical studies in translation and Linguistics*. Joensuu: Univ. Joensuu, 1986. (Studies in Languages, 17).
- \_\_\_\_\_. *Linguistic acceptability in translated children's literature*. Joensuu: Univ. Joensuu, 1995. (Publications in the Humanities, 15).



- RODRIGUES, Antonio M. "Prefácio". In: HOMERO, *Odisséia*. Trad. Manuel Odorico Mendes. Ed. Antonio Medina Rodrigues. São Paulo: Ars Poética/EdUSP, 1992. p. 21-54. (prefácio do editor)
- ROTHER-NEVES, Rui. "Traduzindo e des/re-fazendo o antijudaísmo". In: XIII SEMANA DE ESTUDOS ANGLO-GERMÂNICOS, 1996, Belo Horizonte. (manuscrito inédito)
- SANDERS, Willy. *Gutes Deutsch – besseres Deutsch*. praktische Stillehre der deutschen Gegenwartssprache. 3a.ed. rev.ampl. (1a.ed., 1986). Darmstadt: Wiss. Buchgesellschaft, 1996. 294 p.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. "Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens". In: STÖRIG (1973:38-70).
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad. Heraldo Barbuy. São Paulo: Ed. e Publ. Brasil, 1941. 238 p.
- SIMON, Sherry. In: BASSNETT & LEFEVERE (1990), p. 110-117.
- SINCLAIR, John. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1991. 179 p.
- SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies, an integrated approach*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.
- SOARES, Orris. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro: INL, 1952.
- STÖRIG, Hans Joachim (org.). *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt: Wiss. Buchgesellschaft, 1973.
- TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. *Empirical studies in translation: textlinguistic and psycholinguistic perspectives*. Joensuu: Univ. Joensuu, Fac. of Arts, 1986. (Studies in Language, 8)
- TOURY, Gideon. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 1980.
- \_\_\_\_\_. "'Lower Paradise' in a cross-road. Sifting a Hebrew translation of a German *Schlaraffenland* text through a Russian model". In: KITTEL, Harald. *Geschichte, System, Literarische Übersetzung*. Berlin: Schmidt, 1992. p. 46-65.
- \_\_\_\_\_. *Descriptive translation studies - and beyond*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1995. 310 p.
- VEHMAS-LEHTO, Inkeri. *Quasi-correctness, a critical study of Finnish translations of Russian journalistic texts*. Helsinki: Neuvostoliittoinstituutti, 1989. (Neuvostoliittoinstituutin Vuosikirja 31) 265 p.

- VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. London: Routledge, 1995.
- VIEIRA, Else R.P. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1992. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada)
- VIEIRA, Else R.P. (org.) *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 1996.
- WILSON, Colin. *Rudolf Steiner - The Man and His Vision*. Wellingborough: Aquarian, 1985.
- WITZENMANN, Herbert. *Os princípios da Geral Anthroposophica Sociedade*. 2a. ed. rev. e ampl. (1a. ed., 1979). Rio de Janeiro: Grupo Novalis, 1984. Publicação própria. 92 p.
- \_\_\_\_\_. "Artigos de Herbert Wizenmann". Número especial de "A Época Michael". Rio de Janeiro: Grupo Novalis, 1985. 228 p. (Publicação própria)
- WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alverga. *A tradução no Brasil: ofício invisível de incorporar o outro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação/UFRJ: 1995. (Dissertação de mestrado)

## Zusammenfassung

---

Es handelt sich hier um eine Fallstudie, in der Frederico Müllers (1898-1982) Übersetzungsprozeduren in seinen Übersetzungen von Werken Rudolf Steiners (1861-1925) behandelt werden. Frederico Müller war der erste Übersetzer Steiners in Brasilien. In 38 Jahren (1942-1980) übersetzte er aus dem Deutschen und brachte 39 Bücher, Aufsätze und Vorlesungen von Steiner und Werke weiterer neun Autoren heraus. Hauptziel hier ist Müllers *modus operandi* detailliert zu erörtern, indem man es mit dem Entstehungskontext der Werke in Verbindung setzt. Dazu wurden einige von Müller produzierte Übersetzungen von Steiners Werken analysiert. Besonders wurde die von Müller bevorzugte Art berücksichtigt, in der er versucht hat, Steiners Texte im Portugiesischen zu wiedergeben. Die Übersetzungsanalyse war von der der Entscheidung geprägt, die Übersetzungsprozeduren deskriptiv zu behandeln. Theoretisch basiert sie auf den sog. "deskriptive Übersetzungsstudien". Für die erste Sammlung von Übersetzungsphänomenen (vgl. TOURY, 1995) wurde das Buch *Teosofia* (STEINER, 1977) analysiert. Um den Wert der so gewonnenen Daten zu bestätigen wurde eine Analyseprobe (Angabefälle: 41694; Angabetypen: 5931; Fall-Typ-Verhältnis: 0.14225) von 10 Übersetzungen Müllers – 18 Jahre entsprechend - elektronisch untersucht. Diese Datensammlungsmethode erlaubte es z.B., die gesamten in den Texten vorkommenden Neubildungen zu sammeln (8,43% des Wortschatzes) und den relativen Betrag der Übersetzungsprozeduren quantitativ zu bewerten. Schließlich ergab sich, daß der Begriff einer ursprünglichen, ungeteilten Sprache den bedeutendsten Faktor für Müllers Übersetzungslösungen auf der ideologischen Ebene (LEFEVERE, 1992) bildet. Weitere Faktoren auf dieser Ebene sind die Autorität des Autors, die Bedeutung des Stils, die Autorität der Ausgangsprache und die Autorität des Originaltextes. Auf der poetologischen Ebene [schriftliche Tradition] stellte sich heraus, daß eine der maßgebenden Eigenschaften in philosophischen Texten (der Wert der Zielsprache/-kultur gegenüber der Ausgangsprache/-kultur) auch Akzeptabilität für die Hinzufügung eines Glossars und einiger Bemerkungen gewährleistet, sowie von Neubildungen in offenen Wortklassen. Auf der diskursiven Ebene entstand praktisch keine Übersetzungslösung, was immerhin auf eine überdimensionierte ideologische Ebene zurückzuführen sein könnte. Die Übersetzungsarbeit Frederico Müllers konzentrierte sich meistens auf die linguistische Ebene. Der besondere Einsatz orthographischer Merkmale, die Neubildungen in offene sowie in geschlossene Wortklassen und die Satzstruktur zeigen sich als Übersetzungsprozeduren einer weitreichenden Vertextungsstrategie, deren Ziel es war, dem Original gegenüber einen möglichst isomorphen Text darzustellen. Solche Bemühungen scheinen verantwortlich für die Ablehnung zu sein, die Müllers Übersetzungen nicht nur vom brasilianischen Verlagswesen erfuhr, sondern auch in anthroposophischen Kreisen. Andere, nicht von ihm produzierte Übersetzungen von den Werken Steiners wurden herausgebracht, ohne seine Arbeit überhaupt zu erwähnen. Im Lichte zeitgenössischer Übersetzungsstudien aber zeigt sich die Absicht Müllers, die Textgestaltung in den Werken Steiners nachzuahmen, in der Form von Wortfabrikaten, die dem Portugiesischen ähnlich sind wie die berühmt gewordenen, kreativen Übersetzungslösungen von Manoel Odorico Mendes in seinen Übersetzungen der griechischen Klassiker oder von Haroldo de Campos in seine Übersetzung von Goethes *Faust*.

## **ANEXO A**

---

Reproduções fac-similares das folhas-de-rostro das obras analisadas (50% de redução)

RUDOLF STEINER

**O METHODO  
SCIENTIFICO DE  
GOETHE**

LINHAS-GERUNDO DE UMA THEORIA DE  
RECONHECENÇA DA ASPECÇÃO DE MUNDO  
DE GOETHE COM PARTICULAR RESPECÇÃO  
A SCHILLER.

SIMULTANEAMENTE UM ADDENDO AOS  
"ESCRITOS DE SCIENCIA DA NATUREZA" DE GOETHE  
EM KORSCHERS DEUTSCHE NATIONALLITERATUR

II

A UNICA CRITICA POSSIVEL DOS  
CONCEITOS ATOMISTICOS

Traduzido por Frederico MUELLER.

Todos os Direitos reservados.

1962

**PHILOSOPHIA E  
ANTHROPOSOPHIA**

De  
Dr. Rudolf Steiner

Traduzido e publicado por  
Frederico Mueller

Segunda e  
3.ª Edição de 1929

Todos os Direitos reservados.

1963

**A PHILOSOPHIA  
DA LIBERDADE**

TRAÇOS-FUNDAMENTAIS  
DE UMA  
MODERNA ASPECÇÃO-MUNDI

De  
Dr. Rudolf Steiner

Asínticos Resultados d'Observação  
spdo Methodo natural-científico.

Traduzida e publicada  
por  
Frederico Mueller.  
Caixa postal 2312 - ZC - 00  
RIO DE JANEIRO - GH

Rudolf Steiner

**A  
SCIENCIA  
OCCULTA  
NO CIRCUMTRAÇADO**

1960



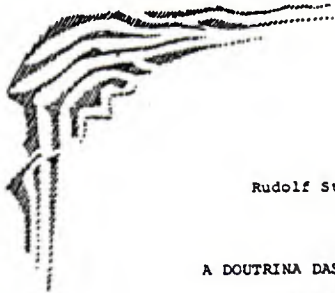
## O WESEN DAS CÔRES

Tres Proferiões  
de  
Rudolf Steiner

Tradução por  
Frederico Mueller  
1971

Segundo uma Publicação da Editora Philosophica-Anthropo-  
sophica, no Goetheanum, Dornach, Suíça de  
1929

Todos os Direitos reservados



Rudolf Steiner

A DOCTRINA DAS CATEGORIAS  
( de Hegel )

1981  
( Reprodução da Publicação de 1969 )  
Traduzido por  
Frederico Mueller

RUDOLF STEINER  
A DOCTRINA DAS CÔRES

O Nono Caderno da Serie de Escriptos  
Arte  
Na Luz da Sabedoria de Mysterios

O Creador  
Mundo das Côres

Proferiões de  
Dr. Rudolf Steiner  
traduzidas por  
Frederico Mueller  
1971

Com um Quadro colorido  
Segundo Publicação do  
Philosophisch-Anthroposophischer Verlag  
Am Goetheanum, Dornach (Suíça)  
1931

DR. RUDOLF STEINER

## THE OSOPHIA

INTRODUÇÃO EM ULTRASSENSUAL  
RECONHECENÇA DO MUNDO E  
DESTINAÇÃO DO HOMEM.

Tradução por  
FREDERICO MUELLER  
Caixa Postal 2312 — ZC-00  
RIO DE JANEIRO

SEGUNDA EDIÇÃO  
(Melhorada)  
1977  
TRADUÇÃO AUTORIZADA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



Dr. RUDOLF STEINER

**A Educação da Crença  
do Ponto de Vista da  
Ciência do Espírito**

Tradução por  
FREDERICO MUELLER  
2ª Edição Melhorada  
1977

RUDOLF STEINER

**O CRISTIANISMO COMO  
FACTO MYSTICO  
E OS  
MYSTERIOS DA ANTIGUIDADE**

Primeira Versão provisória  
para o Português,  
muito susceptível de Melhoramentos  
pelo Tradutor

**FREDERICO MUELLER,**  
que entretanto pede e recommenda sejam os Nomes  
citados mantidos na Forma e pronunciados como  
eram na Língua original. Outrossim elle chama á  
Atenção, que os Textos biblicos foram traduzidos  
conforme o Texto de Rudolf Steiner e não reproduzidos  
como se encontram nas antiquadas e vulgares Traducções.

Rio de Janeiro, 1980.

1925  
Editura Philosophica-Anthroposophica  
no Goetheanum, Dornach (Suíça)

## **ANEXO B**

---

Glossário elaborado por Frederico Müller  
(Reprodução fac-similar de "Explicações terminológicas do Traductor")

### Explicações terminológicas do Tradutor.

*additiv* — v. — (anschliessen) juntar.

*a/undir* — (alemão: versenken) descer a fundo conscientemente pensante ou meditativamente em um Pensamento, Sentimento ou Acto.

*Arche-Imagem* — Conscientemente não foi empregado ali a Palavra *Archetypo*, por ser este a Arche-Imagem do Typo!!

*Aspeção-Mundi* — (veja também Mundinspeção) pelo alemão *Weltanschauung*, é a Tradução correcta. (Visão do Mundo, Conceção do Universo etc. etc. *confundem*).

*Auto* — V. Itio.

*Beligusto* — (Belichen) — Como se diz *Belizrazer*.

*concectuir* — v. — (zusammenschliessen) Juntar formando União concluída.

*codundir* — v. — (zusammenschliessen) O mesmo que *concectuir*.

*Comportancia* — por "Verhaltenis". Na *Mathematica*, onde se trata de Grandezas, e nos Dominios de sua Applicação, onde se trata de Pesos e Medidas, dizemos *Proporção*. *Relação* = *Relacionamento*, equivale ao alemão "Beziehung". Aqui entretanto deve ser tomado: como varios Objectos ideaes ou materias se portam ou comportam entre si ou uns para com os outros.

*Curanga* — s. — (Sorge) *Desvelos*, *Cuidados* p. Ex. de um Curador. Para não confundir com *Cura* resultante por *Restabelecimento* de Saúde.

*Delumbré* — "Abglanz". Serie uma *Copia fraca* do *Brilho*, do *Fulgur*, da *Luz* de um *Objecto*, não o *Reflexo*, nem tão pouco uma *Copia*, *Retrato*, *Reprodução* do *Objecto*; melhor uma *copia pallida* da sua *Apparencia*.

*despreconcebido* — entenda-se no *Sentido* do *livre* de *Preconceito*, *desafectado*, *livre* de *Prevenção*.

## — IV —

*Intelecto* — s. — (Einfall) A distinguir de Intuição, que é consciente, algo que ocorre de súbito á Mente, sem cuja activa Participação.

*Ideal* — adj. — (Gesetzlich) Que tem Qualidade de Lei.

*Legalidade* — s. — (Gesetzlichkeit) O resp. Substantivo.

*Legislativa* — adj. — (Gesetzgebend) Conhecido á Ordem interna das Leis.

*Legislativa* — s. — (Gesetzgebung) A Medida dada pela Ordem interna das Leis.

*Legislativa* — adj. — (naturgesetzlich) Referente ás Leis da Natureza.

*Luzo* — s. — (Schein) O illustre Director da Escola de Bellas Artes de Porto Alegre usa "Scheins" por "Scheins", vocabulo que o Traductor da presente Obra tambem tem empregado. A Actividade da Luz, expressa por "Iusit" é a que faz com que algo venha a ser Phenomeno ou Apparencia. Porisso derivei d'ahi o respectivo Substantivo para designar, que o Objecto ou Phenomeno está dotado de uma Qualidade, que constam em si não a Necessidade porém a Possibilidade da Ilusão quando sento de Realidade, a qual, onde existe, é designada por Schein como bella Luzo (schöner Schein). Esta Explicação tenta apenas dar um Incentivo para a Conquista do correspondente Concepto.

*manum* — pron. — (mancher) O "taluno" indiano não hataria. Na nossa Língua se consegue acceptar com esta Formação perfectamente o Significado de "mancher".

*Mundiaspecto* — desta Maneira se pode escrever em um Vocabulo o mesmo que está registrado acima sob Aspecto-Mundi.

*naturalista* — adj. — (naturgesetzlich) Considero ser melhor do que "legislativa" esta Formação.

*remediadamente* — adv. — (unmittelbar) Algumas Vezes empreguel esta Forma na Tradução da "Philosophia da Liberdade" como uma Alusão, para se designar "não-mediatamente". O Vocabulo "imediatamente" é corrente no Sentido de "immediatamente", "de prompto" que se lhe deve deixar.

*Obstancia* — s. — (Bestand) Substantivo derivado de obstar.

*obstar* — v. — Vulgarmente traduzido por existir, o que lhe muda o Sentido. Em outros Dominios que no do Pensar, digmos em Phisica, Chymica etc. se pode dizer "constar", "persistir", "subsistir" e até "realisar". O Sentido deve ser: Manter firme a sua Unidade.

## — V —

*Omnia* — s. — (das) All) A Unidade de todas as Totalidades. O Tudo todo! — Total — (Inferno, Comos, Mundo etc. são Conceptos restrictos d'essa.

*Omnium* (Weltall, Weltsall) O Todo do Mundo ou dos Mundos, a sua Totalidade.

*omnibus* — adv. — (überall) Em toda parte. As Formações algebras, algebras, numbers, algebras justificam a presente.

*Parada* — s. — Y. Luzo.

*paradigmatico* — v. — (verhulpfen) atar, ligar, estrengar varias Cousas, entre si ou a outras. (V. exacto).

*Percepção* — s. — (Durchsicht, Durchschauung) Pervisão.

*perceptionar* — v. — (durchschauend) perver.

*periphrastico* — Quero designar um Concepto mais completo que "asimilari". Havendo já o Iradualisar (bezeichnen) formal este Termo para "verarbeiten". Por "durcharbeiten", perlaborar.

*Plexo* — s. — (Leib) a distinguir de Corpo (Körper) A Pg. 14 da Tradução da "Theosophia" de Rudolf Steiner, diz o Autor: "Por Plezo é entendido aqui aquillo, por cujo Intermedio se revelam ao Homem as Cousas do seu Mundo ambiente" e á Pg. 31 "Com Plezo deve ser assignalado o que confere a um Wesen de um Gensero qualquer "Feição", "Forma". Se não deveria confundir a Expressão "Plexo" com Forma corporea sensuali".

*plexial* — adj. — (teillich) Referente ao Plezo.

*pospensar* — Creio que a Adopção desse Termo seja util, pois tendo de ser empregadas as Palavras meditar, reflectir, cogitar etc. em Sentido distincto desse que deve traduzir momentaneamente o Pensar posterior sobre ou acerca de um Fato, Objecto ou Cousa.

*Preherencia* — s. — (Vererbung) Lugar por Herança ou Hereditariadade (Erblichkeit), passar adiante por Herança.

*propensar* — v. — (vordenken) pensar adiante, á frente.

*razonal* — adj. — (vernünftig) "racional", "razoavel" etc. tem outro Sentido do que deve aqui ser expresso: como a Razão o faz.

*realificar* — tomar real. Em Lugar de realisar, que hoje é usado em Excesso no Sentido de effectuar, executar, por em Praticas etc.

*Verständnis* — Tomar a liberdade de colheer esta forma pela de "Conhecimento" geralmente empregada, quando é fallado da Reconheição. Ora, "Conhecimento" tem dois significados. Um: o facto de conhecer, u outro que corresponde ao que aqui é tratado como Reconheição ou Reconheença. Havendo necessidade de distinguir os dois Conhecimentos recorri á simplificação reconhecer e Reconheença.

*Beobachtung* — n. — (Blickricht) Aculamento de algum objecto de respeito, (contatleração).

*repraesentare* — v. — (Vorstellensrichtigen) o resp. Verha.

*Satisfactio* — n. — (Helt) "Bem" é insufficiente para abstranger o Sentido da Satisfacção. Satisfacção real equitativa, dignos n (Vera eterna. Como Satisfacção u Verchulo allemto correponde ao novo "Satisfacção".

*Scientificidade* — n. — (Wissenschaftlichkeit) Qualidade ou Conjunto de que é scientificidade ou scientific. Empreguei tambem "Scientificidade".

*sententia* — empreguei derivando de Sentença, para indicar a Percepção passiva, o justo contrario pois do sentir.

*sublevar* — v. — (unterheben) Fazer servir de Base, de Apoio. Usar por habito.

*Subjeto* — n. — (Subjekt) Divermos Objectividade quanto a Assumptas referentes n Objectos e continuamos usando o Termo Subjectividade e subjectivo. Assim me parece mais coherente em Obras philosophicas evitar o Vocabulo "Sujeito" que exigiria fallarmos em "Sujeitividade".

*superer* — v. — (überwinden) É Expressão bem mais forte do que superer, que não satisfaz no Caso.

*tomodo* — pelo allemão "überhanpt".

*ultima* — pelo allemão liber quando não designa factos espaciaes, como nos empregamos além ou traza, este ultimo Vocabulo podendo significar tambem atraves, o que não contém.

*überwiegend* — A Tradução acertada para o allemão "überwiegend" seria transcendente. Entretanto no proprio Allemto este Vocabulo adoptou um Concelto lto restricto e já determinado, que não expressa mais o que é dito em überwiegend. O Vocabulo superpersonal ou super-sensível adoptado do Frances é fallho. Além disso este Termo hoje nas Sciencias physicas é empregado para indicar Objectos ou Cousas extrinsecamente sensitivas. Überwiegend designa o que está além dos Sentidos, do que é sensual e não o que é capaz de Reflexos de Sentimentos ou Sensações ou parecidas.

*veritas* — adj. — Que pode ser apprehensibile pelo Ver.

*experimental* — Atbei necessaria a Diferenciação do experimental, para acompanhar a Diferença que se expressa nos Substantivos Experimental (Erklärung) e Experimento (Versuch = Praxio) e creio que o Lector poderá concordar.

*experire* — Em allemão: erleben. Encontro traduzido como Experiencia vivida o Substantivo "Erlebnis" desejava entretanto expressar-me por um Verbo, dahi a Palavra e o respectivo Substantivo: Experimentalia. "Viverela" só é insufficiente, scrio "Lebung" em allemão.

*Externum* — Mundo exterior.

*Figido* — Parece permitir um Concelto mais amplo, correspondente no allemão "Gesalt", e alcun aliso mais adequado que Figura, Vulto, Forma etc. todos mais restrictos no Sentido.

*grundum* — está empregado no Sentido de "propriamente dito".

*Grundo* — Ha em allemão a Palavra "Grund" que pôde significar Motivo, Causa, Razão, Prichípio, porção tambem Fundo, Origem, Base, Solo, Substancia, Terra, Princípio. Ora, nas Obras fundamentais anthroposophicas, é esta Palavra empregada num Sentido, que me parece justificar o Emprego do "Grundo" indrante tendo este Termo a Applençação na Grammatica, para a Forma verbal activa, que é justamente quanto ao "Grund" n Origem de todo o Existir.

*Herança* — n. — V. Proherdantia.

*ideal* = pelo allemão "ideell".

*Idio* — n. — idio — adj. — (Selbst; em ingles self) o Eu mesmo, a (oua mesmo ou se mesmo. Scrio o Designativo subjectivo equivalente do "Wesen". Parece-me o Vocabulo mais adequado da Combinacção, como p. Ex. Idio-Espiritu, Idio-Reconheença, mas, seguindo a Recomendação do Autor, passei a usar no mesmo Sentido tambem o Vocabulo "Auto".

*imagens* — como tambem imagenal: de Natureza de Imagem. Assim fica conservando para as Derivadas de imaginar o Sentido corrente.

*inconu* — s. — (Unding) No Mundo das Cousas o mesmo como o Abstrcto no Dominio da Logica.

*Introsicão* — Subst. da Raiz introer. Introspecção tem varios Sentidos. Incl. o do Exame interior do si mesmo. Introsicão está pelo allemão Einsicht.



## — II —

*Heiterkeit* — Tomei a Liberdade de empregar "Arte" por "Genero" "Baptiste", (Em alemão "Art" geralmente usado para significar Espectáculos, Gencro, pôde ser Synonymo de "Kunst" ou seja Arte). Entendase pela Neste Genero.

*distinkar* = pelo alemão "abheben" insufficientemente traduzido por pre-sentir, basorejar.

*desconhecer* = não é empregado no sentido de ignorar mas sim de não-conhecer.

*Effigração* — s. — (Ausgestaltung) Dar forma de ex. alga.

*emgalhante* — (inwiefern) Exitando Laçoções como p. Ex. em qual sentido, em qual Maneira, Relação, Respeito, em quaes Condições etc.

*emalgante* — (insofern) Exitando Laçoções como p. Ex. no que respecta que, no que diz respeito a, tanto quanto isso se refere a, etc.

*encastelar* — v. (anknuepfen) ligar ou atar por Laço ou Nó a alguma coisa, não no sentido de recetar, mas no de um primario atar. Encastelar seria prender com Correntes.

*Errôria* — s. — (Irrweg) Caminho errante.

*erzählen* — (erzählen) para não dizer-errepresentir, em alguns lugares emprega "adshenir", Formação que não me parece feliz. O Prefixo er, usado no Portuguez modleval era usado com o mesmo sentido como no allemão. Porque despretio?

*erle* — a Raiz do Inerte e de Inercia, empregado aqui pelo allemão "reg", regsam, cujo sentido não recerto com Palavras como activo, activo, agnito, agitado etc.

*Estando* — s. — (Zustand) — Formado pela Substantivação do Gerundio do Verbo estar, substituindo o Vocábulo Estado com o qual continuo designando p. Ex. o Concilio que tem quanto a Estado civil, Estado politico, fazer Estado etc.

*Estoffe* — pelo allemão "Stoff" a ser empregado nas Sciencias, no mesmo sentido como na Industria de Moveis se usa a Palavra para a Matéria e Substancia não bastam para conhecer nem uma nem outra. O sentido deste terceiro se evidenciará nos Textos.

*caloffial* — o respectivo Adjectivo.

*erwiver* — v. — (ausleben) haudir, fruir o viver.

## — VII —

*Erreppção* — s. — (Wahrnehmung) O Verbo respectivo, perceber, é mais usado no sentido do allemão "Vernehmen", como Rudolf Steiner usa o Termo allemão em "Sentido novo", exposto na "Philosophia da Liberdade", archel de bom Alvirte empregar em varios Topicos da Tradução da mesma a presente Formação em vez de Percepção.

*erwirer* — Em muitas Casos poderia equivocar a effectuar, deve ter porém um sentido mais amplo, o da Actividade de exercer em Effeito tecnico anthroposophico. Corresponderia ao allemão "wirken" (Synonymo de tocer) quando effectuar significa "wirken". Wirken seria além disso algo que cria Relações, Relacionamento, o que portanto pôde ultrapassar as Comportancias.

*Erwuanga* — o Substantivo respectivo.

*Forçdo* — Usel este Termo solado de Afinamento d'Alma, Acordo d'Alma, traduzido o allemão "Stimmung" (de "Stimme" = Voz).

*roccional* — o Adjectivo respectivo.

*Wesen* (mate. sing. e plural) = Vide Prefacio da Tradução dos Livros "Verdade e Sciencia" e "Theosophia" do mesmo Autor. =

Esta Palavra abrange no Allemão os Conceitos: Ser, Ente, Entidade, Essencia, Natureza, Character e até Entelechia e o sentido de: Dominante, e Espiritual; o que pensa, sente e quer; o Primario, o Activo; o Virtuante, o que confere Realidade á Coiza; a Depicte, o Genero etc. Porisso foram formadas tambem as Derivações: Wesenheit, wesenal, wesenmente etc. que so ficaram convenientes.

Outras Palavras, como conjunctions, Duidade, Errança, factual, ludir, oppresar, presentelizar, presentifion, proviver, Retrogerundo, singulo, etc., não carecem de Explicação por parecer bastante claro o seu sentido.

Quanto ao Uso de Mascululas em todos os Substantivos já elle foi justificado no meu Prefacio a "O Methodo scientifico de Goethe", do mesmo Autor, na Tradução portugueza.

Frederico Mueller



## **ANEXO C**

---

### **Materiais:**

1. Reprodução fac-similar de folheto de divulgação das publicações da Anthroposophica Sociedade no Brasil;
2. Reprodução fac-similar de panfleto contendo a tradução de um poema de Rudolf Steiner (edição do Grupo Novalis);
3. Reprodução fac-similar de carta de Bernadete Ribeiro, responsável pela circulação de obras publicadas pela Anthroposophica Sociedade no Brasil, ao pesquisador.

Rudolf Steiner (Continuação)

- Goethe's Genero d'Espírito na sua Revelação pelo seu Märchen "Da Serpente Verde e da Lília" (1980)
- Metamorfoses da Vida d'Alma (1987)
- Meu Caminho de Vida (1981)
- O Christianismo como Facto mystico (1986)
- O Congresso Sacranote para a Gerundação da Geral Anthroposophica Sociedade (1987)
- O creador Mudo das Côres (1971/1988)
- O Methodo scientifico de Goethe (1962)
- O Parto da Luz da Terra da Escuridão da Santa Noite (1973)
- O pedagogico Valor da Reconhecença d'Homem e o Valor da Cultura da Pedagogia (1970)
- O Perfeccionamento pratico do Pensar (1970/1981)
- Os Enigmas da Philosophia I (1971)
- Os Enigmas da Philosophia II (1977)
- Os Pontos-Cerne da Questão Social (1990)
- Os Segrados (1964)
- O Wesen das Arter (1989)
- O Wesen das Côres (1971/1988)
- Palavras da Dör da Pesquisa de Sciencetez. Palavras para o Vir a Ser Consciente da Responsabilidade (1981)
- Philosophia e Anthroposophia (1963)
- Reincarnação e Karma e sua Significação para a Cultura do Presente (1973)
- Sobre os Encargos do Grupo no Goetheanum (1970)
- Theosophia (1942/1978)
- Verdade e Sciencia (1942/1978)

Frederico Mueller

- Brasil falla (1980)
- Eruptura e Archeruptura (1979)
- Traduzir sem trahir I/II (1964) ESGOTADO

NOVALIS

- Os Laís de Maria (1969/1985)

Rainer Maria Rilke

- Cornet (1942/1969) ESGOTADO

Karl Julius Schröder

- Goethe e o Amor (1973)

Max Stirner

- O inverdadeiro Principio da nossa Educação ou O Rumanismo e Realismo (1984)

Peter Tradowsky

- Do Caminho de Sacrificio de Kaspar Hauser (1977)

Herbert Witzmann

- A Egomorphose da Falla e Animicas Observações (1990)
- Collectanea de Artigos (1985)  
(Reimpresso de A Epoca Michael)
- Idéia e Realidade de uma Escola Superior (1986)
- O Archepensamen (1989)
- Os Principios da Geral Anthroposophica Sociedade (1986)
- Feiqoar ou Administrar
- A quadrupla Fonte de vivo Direito  
Rio de Janeiro Tel. (021) 215-0222 285-2009  
São Paulo Tel. (011) 67-9499  
Porto Alegre Tel. (0512) 32-4324

Albert Steffen

- A Crise na Vida do Artista (1971)
- Ardentes Problemas (1984)
- A Queda do Antichristo (1969)
- A Tragedia da Paz (1971)
- Formação de Sociedade (1983)
- Krisis, Katharsis, Therapie na Vida d'Espírito do Presente: (1981/82)
- I - Momento historico
- II - Autoeducação como Basegerundo da Evolução da Humanidade
- III - Espírito-Experviver das Metações do Anno
- IV - A Technica na Luz da Espiritocencia
- V - Sobre o Wesen da culticos Actos
- VI - Pascal e o Morteperviver do Presente
- IX - O Problema Kaspar Hauser
- XVII - Mathematica e Poesia
- XXII - Substancia da Liberdade
- Lin (1972)
- Sibylla Mariana (1980)

Folheto "Goetheanum" (1969)Johann Wolfgang von Goethe

- O Märchen (O Conto) da Serpente Verde e da Lília (1970/1980)  
junto com a Proferição de Rudolf Steiner "Goethe's Genero d'Espírito na sua Revelação pelo seu Märchen"

Nicolai Lesskow

- O Truão Pamphalon (1973/1981)

PUBLICAÇÕES

(DISTRIBUIÇÃO INTERNA)

Rudolf Steiner

- A Doutrina das Categorias (1969/1981)
- A Educação da Creação do Ponto de Vista da Sciencia do Espírito (1960/1977)
- A espiritual Commhão da Humanidade (1980)
- A espiritual Condução do Homem e da Humanidade (1973)
- Anthroposophica Evolução da Sociedade. O Drama d'Alma do Anthroposopho (1980)
- Anthroposophica Pedagogia e suas Presuposições (1981)
- A Philosophia da Liberdade (1964)
- A Porta da Enagração (19 Mysteriodrama) (1972)
- A Prova da Alma (29 Mysteriodrama) (1987)
- A Sciencia Occulta no Circumtraçado (1966)
- As Doutrinas do Resurrecto (1970)
- A Soleira do Mundo espiritual (1962)
- A Vida entre o Nascimento e a Morte com Espelhamento da Vida entre Morte e novo Nascimento e Orações para Mies e Creações (1973/1981)
- A virtuante Sabedoria no historico Vir a Ser (1970)
- Branca e negra Magia (1970/1981)
- Como se obtem Reconhecenças dos superiores Mundos? (1971)
- De Paracelsus a Goethe (1970/1981)
- Escriptos de Sciencia da Natura de Goethe (1970)
- Ceraes Exigencias (1979)

ANTHROPOSOPHICA SOCIEDADE DO BRASIL

GRUPO: Rua

- Catete - Rio de Janeiro - RJ - 22211-200

A o T a n g e r d o s S i n o s \*)

Vero-Verso de Rudolf Steiner

Rio, 29 de Novembro de 1966.

Sr.

RUI ROTHE-NEVES

AV.

Belo Horizonte - MG

Prezado Senhor,

Recebi vossa gentil Cartinha do 21. Novembro, e conforme vosso Pedido envio as seguintes Publicações:

- 1 "Os Lais de Maria" de Novalis
- 1 "O Märcchen da Serpente Verde e da Lillia" de Goethe
- 1 "Os Principios da Geral Anthroposophica Sociedade" de H. Witzemann

O "Cornet" de Rilke infelizmente está esgotado, aguardando uma nova publicação. Envio tambem uma Lista das Publicações dispostos em níveis. Os Artigos de Frederico Mueller quanto ao Thema "Tradução" estão esgotados. Talvez no proximo Anno tenhamos uma publicação conjuncta destes Artigos.

Quando o Sr. vier ao Rio poderia me telefonar para combinarmos uma visita, todavia quanto ao Assumpto Tradução o Sr. poderia se dirigir ao Sr. Volker, em São Paulo, que tambem é Traductor e conhece muito bem o Genero de traduzir de Frederico Mueller.

O Preço total dos Livros solicitados é de R\$ 30,00. O Sr. pôde enviar o Valor através do Banco para: Sociedade Anthroposophica no Brasil - Agencia

Espero tel-o atendido e desejo um bom Trabalho!

*Iluminata Klein*

Publicado a primeira vez na Tradução portuguesa já em 1962, no Periodico trimestral "A Epoca Michael", Orgão da Anthroposophia no Brasil:

Texto alleão:	Tradução portugueza:
BEIM LÄUTEN DER GLOCKEN	AO TANGER DOS SINOS
Das Schöne bewundern, Das Wahre bekhnten, Das Edle verehren, Das Gute beschliessen: Es führet den Menschen Im Leben zu Zielen, Im Handeln zum Rechten, Im Fühlen zum Frieden, Im Denken zum Lichte, Und lehret ihn vertrauen Auf göttliches Warten In Allem was ist: Im Welten-All, Im Seelen-Grund.	O Bello admirar, O Vero proteger, O Nobre venerar, O Bom resolver: Tal conduz o Homem Na Vida a Alvos, No Agir ao Direito, No Sentir a Paz, No Pensar a Luz, E o ensina confiar No divino Geir Em Tudo que é: No Mundii-Omnio, No Alma-Cerundo.

Esta Tradução da Poesia de Rudolf Steiner corresponde tanto na Sonoridade musical, como na Regencia, no Rhythmo, Sentido Ideal, e não por ultimo como Totalidade na Forma artistica, ao Sentido e Conteudo como o Autor os entendeu, para que fosse fallado por um Menino de 9 Anos ao Tanger do Ave Maria.

O que aqui levo ao Publico, é Expressão da Verdade.

Pela ANTHROPOSOPHICA SOCIEDADE DO BRASIL  
(officialmente registrada na  
Capital desde 1937)  
Traude Ziegelwanger  
Director Academico

\*) Consta do Programma como "Ressoar os sinos"

## ANEXO D

---

1. Página inicial da amostra (STEINER, 1962:17) e original (STEINER, :15);
2. Neologismos criados por Frederico Müller, coletados na amostra (apresentam-se o tipo, o número de ocorrências e a classificação, segundo a legenda abaixo)

Legenda para classificação:

(\* indica processo não existente em português)

### 1. Derivação

- 1.1 prefixal
- 1.2 sufixal
- 1.3 regressão deverbal
- 1.4 parassintética
- 1.5 conversão

### 2. Composição

- 2.1 bases presas
  - 2.1g genitivo (-Mundi)
- 2.2 bases livres
  - 2.-2 [mod][Núcleo]

### 3. Importação

- E1 importado
- E2 nacionalizado

### 4. Idiossincráticos

- E alguma semelhança com termos do português
- E\* nenhuma semelhança



<T ml>

<S l>

Ponto de Partida.

Quando nós acompanhamos uma qualquer das capitaes Correntes da Vida espiritual da Actualidade retroversamente até as suas Fontes, então encontramos por certo sempre um dos Espiritos da nossa Epoca classica. Goethe ou Schiller, Herder ou Lessing deram um Impulso; e dahi partiu este ou aquelle Movimento espiritual que ainda hoje perdura. O nosso Apuro cultural allemão inteiro está tão firmado sobre nossos Classicos, que certamente muium, que se julga perfectamente original, nada executa do que proferir o que Goethe ou Schiller ha longo significaram. Nós nos introvimos tanto no Mundo por elles produzido, que ninguem quasi poderá contar com a nossa Comprehensão, que pretendesse movimentar-se fóra da Rota por elles predelineada. O nosso Genero de avistar o Mundo e a Vida é tão determinado por elles, que ninguem que não procure Pontos de Contacto com este Mundo póde despertar a nossa Participação interessada.

Só de um Ramo da nossa Cultura espiritual temos que confessar, que elle não achou ainda um tal Ponto de Contacto. É aquelle Ramo da Sciencia, que vae além do méro colleccionar de Observações, além do Tomar-Conhecimento de singulas Experiencias, para fornecer uma satisfaciente Aspecção-conjuncta de Mundo e Vida.

.....

A. VORFRAGEN

14

1. Ausgangspunkt

Wenn wir irgendeine der Hauptströmungen des geistigen Lebens der Gegenwart nach rückwärts bis zu ihren Quellen verfolgen, so treffen wir wohl stets auf einen der Geister unserer klassischen Epoche. Goethe oder Schiller, Herder oder Lessing haben einen Impuls gegeben; und davon ist diese oder jene geistige Bewegung ausgegangen, die heute noch fort dauert. Unsere ganze deutsche Bildung fußt so sehr auf unseren Klassikern, daß wohl mancher, der sich vollkommen originell zu sein dünkt, nichts weiter vollbringt, als daß er ausspricht, was Goethe oder Schiller längst angedeutet haben. Wir haben uns in die durch sie geschaffene Welt so hineingelebt, daß kaum irgend jemand auf unser Verständnis rechnen darf, der sich außerhalb der von ihnen vorgezeichneten Bahn bewegen wollte. Unsere Art, die Welt und das Leben anzusehen, ist so sehr durch sie bestimmt, daß niemand unsere Teilnahme erregen kann, der nicht Berührungspunkte mit dieser Welt sucht.

Nur von einem Zweig unserer geistigen Kultur müssen wir gestehen, daß er einen solchen Berührungspunkt noch nicht gefunden hat. Es ist jener Zweig der Wissenschaft, der über das bloße Sammeln von Beobachtungen, über die Kenntnisaufnahme einzelner Erfahrungen hinausgeht, um eine befriedigende Gesamtanschauung von Welt und Leben zu liefern.

PALAVRA	n°OC	PROC.						
Arche-Imagem	1	2.1				circumludiar	1	1.1
Arche-Imagens	1	2.1				Circumtraçado	1	1.1
Arche-Imagens	1	2.1				Coacção	1	1.1
Arche-Nebulosa	3	2.1				coacclue	1	1.1
arche-persa	1	2.1				coadunem	1	1.1
Arche-phillistino	1	2.1				coeffectua	1	1.1
Arche-Sons	1	2.1				coexperive	1	1.1
Arche-Wesen	3	2.1				Comembros	1	1.1
Archegerundo	1	2.1				Comportancia	13	1.2
ArcheImagens	1	2.1				Comportancias	12	1.2
Archephenomeno	1	2.1				Comportante	1	E
Archeprincipio	1	2.1				Comporte	1	E
Archeprincipios	1	2.1				Conjuncto-Estar	3	2.2
Aspeção	1	E				Connexão-Mundi	1	2.1g
Aspeção-conjuncta	1	2.2				Consciencia-Dia	2	2.2
Aspeção-Mundi	2	2.1g				Consciencia-Eu	1	2.2
Aspeções	2	E				Consciencia-Terra	1	2.2
Astralplexo	14	2.-2				Contemplabilidade	2	1.2
Atman	1	E1				Conteúdo-Mundi	1	2.1g
Aura-amaravello	1	2.2				Contraespelhamento	1	1.1
Aura-laranja	1	2.2				Contraimagem	1	1.1
Aura-verde	1	2.2				Corpo-Terra	1	2.2
Auto	6	1.5				corporeo-plexial	2	2.2
auto-creado	2	2.1				Corpos-Mundi	1	2.1g
Auto-Espirito	5	2.1				Creacção-Mundi	1	2.1g
Auto-Illusão	1	2.1				Christus-Jesus	2	2.2
Auto-Percepção	3	2.1				Daemon	1	E1
Auto-reflexão	1	2.1				Daimones	1	E1
Base-Gerundo	1	2.2				Delumbre	3	1.1*
Calor-Saturno	2	2.2				depreconceltuoso	1	1.1
Causamento	1	1.2				desanimada-	1	2.2

PALAVRA	n°OC	PROC.
abeducar	1	1.1
Acontecer-Mundi	2	2.1g
Acontecimento-Christus	2	2.2
activo-espiritual	1	2.2
adeducou	1	1.1
aduna	1	1.1
Ajuizamento	1	1.2
Almico	1	1.2
almificadas	2	1.1
almo-espiritual	1	2.1
altifluem	1	1.1
Amarelado-Branco	2	2.2*
amarelado-esbranquiçada	1	2.2*
Amarello-claro	1	2.2*
Andro	2	1.5
Angeloi	3	E1
Animaes-Plantas	3	2.2
animaticas	1	1.2
animico-espirituaes	1	2.2
Animico-Espiritual	10	2.2
antepairar	1	1.1
Apparção-Christus	1	2.2
apriorico	1	1.2
Apriondade	1	1.2
Archangeloi	2	E1
Arche-Amnio	1	2.1
Arche-Amniotas	2	2.1
Arche-Contrastes	1	2.1
Arche-feição	1	2.1
Arche-forma	2	2.1



descommuta	1	1.1	Espíritos-Fogo	3	2.2	Evolução-Terra	2	2.2
Despertamento	1	1.2	Espíritos-Sol	1	2.2	Existir-isento	1	2.2-g
Deus-Pae	1	2.2	Espiritoscienza	1	2.2-g	Existir-Lua	2	2.2
Deus-Ser	1	2.2	espirituaes-anímicos	1	2.2*	Existir-Osiris	1	2.2
Drama-Mundi	1	2.1g	espiritual-anímico	4	2.2	Existir-Saturno	1	2.2
Edifício-Mundi	2	2.1g	espiritual-ideal	1	2.2	Existir-Sol	1	2.2
effeçoada	1	1.1*	Espiritual-Imagenaz	1	2.2	Existir-Terra	3	2.2
Elemento-Fogo	2	2.2	Espiritual-Musical	1	2.2	expenientado	1	1.1*
enfficciona	1	1.1	espiritual-scientifica	1	2.2-g	experientar	2	1.1*
enfficcionou	1	1.1	espiritual-scientificas	1	2.2-g	experientaria	1	1.1*
enfluir	2	1.1	espiritual-scientifico	3	2.2-g	experve	8	1.1*
Entundimento	1	1.4	Esposamento	1	1.2	expervivemos	1	1.1*
ensagrado	4	1.1	estacionantes	1	E	Expervencia	13	1.1*
Ensagrados	4	1.1	Estando-Saturno	1	2.2	Expervencias	28	1.1*
Ensagrando	2	1.1	Estando-Terra	1	2.2	experviver	20	1.1*
Entredegrãos	1	1.1	Estar-Junto	1	2.2	expervivesse	1	1.1*
enviver	1	1.1	Estar-Preistente	1	2.2	expervivism	1	1.1*
envivido	1	1.1	Estofe	1	E2	Expervivibilidade	1	1.2
Envolucroide	1	1.2	Ether-Mundi	1	2.1g	expervivas	1	1.1*
equigenerere	2	2.1	Ether-Plexo	2	2.2-g	expervívulo	2	1.1*
Equivalença	1	1.1	etheriforme	2	2.1	expervivo	1	1.1*
equivalentes	1	1.1*	Etherplexo	14	2.2-g	Extermundo	3	2.1
Ersentir	1	1.1	Eu-Grupo	1	2.2	extragerado	1	1.1
erte	1	E	Eu-mesmo	1	2.2	extralabora	1	1.1
Escolagem	7	1.2	Eu-plexo	1	2.2	extramembrado	1	1.1
Espaço-Mundi	1	2.1g	Eu-Sentimento	1	2.2	Feição-isento	1	2.2-g
especialistico	1	1.2	Eu-Terra	1	2.2	fluctuando-nadando	1	2.2
Espirito-Escolagem	1	2.2-g	Evangelho-Johannes	2	2.2g	Fogo-Ar	1	2.2
Espirito-Mundi	1	2.1g	Evolução-Lua	1	2.2	fogo-bufantes	1	2.2
Espirito-sciencia	1	2.2-g	Evolução-Saturno	2	2.2	Generoide	5	1.2
Espiritolanda	7	2.1*	Evolução-Sol	1	2.2	Geral-Feminino	1	2.2

geral-humana	1	2.2	incontadas	1	1.1	Kantico	1	1.2
gerundado	1	1.1*	Incorporação-Saturno	1	2.2	legal	1	1.2
Gerundo	7	1.1*	increscerem	1	1.1	Legalidade	1	1.2
Goetheana	1	1.2	individido	1	1.1	legismetral	1	1.2
Goetheanismo	3	1.2	infecundada	1	1.1	Legismetria	8	2.1
greco-latino	1	2.2	infortalecido	1	1.1	matematicos-mechanicos	1	2.2*
Helmholtzico	1	1.2	Inframundo	1	2.1	maturescer	1	1.1*
hojeno	1	1.2	introflue	1	1.1	medianeante	1	1.1*
Homem-Espirito	4	2.2	introflula	1	1.1	metallico-brilhante	1	2.2
Homem-Ser	1	2.2	introfluiram	1	1.1	moralico-espiritual	1	2.2
Homens-Terra	1	2.2	introfluiu	1	1.1	Motivos-Gerundo	2	2.2
Humanal	2	1.2	introlaboram	1	1.1	Multifeiçoado	1	1.1
Humanal-Baixo	1	2.2	intromembra	1	1.1	multimembrado	1	1.1
Idéia-Natura	1	2.2	Intromembração	1	1.2	multivaria	1	1.1
Idio	10	1.5	intromembrada	1	1.1	multivariado	1	1.1
Illyvre	1	1.1	introtabalhar	2	1.1	Multivariiedade	1	1.1
iludinte	1	1.2*	introvê	2	1.1	multivario	1	1.1
Imagem-Conjuncto	1	2.2	introvêem	1	1.1	multivarios	1	1.1
Imagem-Pensamento	2	2.2	introvêr	6	1.1	Mundi-Aspeção	1	2.1
Imagenal	2	1.2	Introvirtua	1	1.1	Mundi-Total	1	2.1
imagenaz	1	1.2	Introvirtuções	1	1.2	Mundiaspeção	2	2.1
imagenoso	1	1.2	introvirtuar	1	1.1	Mundo-Terra	1	2.2
Imagination	1	1.1*	Introvissão	2	1.1	não-cobiçar	1	2.2
Imaginaz	1	1.1*	introvistos	1	1.1	Não-Essencial	1	2.2
Imagination	1	1.1*	introvive	1	1.1	não-historico	1	2.2
Impulso-Christus	1	2.2	introvivemos	1	1.1	Não-Myste	2	2.2
Incarnato	4	1.1*	Intuition	1	1.1*	não-sensuaes	1	2.2
Inclareza	1	1.1	inviva	1	1.1	natural-scientificas	1	2.2
Inclaro	1	1.1	invivo	1	1.1	natural-scientificos	1	2.2
Inconceito	1	1.1	Invesenal	1	1.1	natural-scientifica	1	2.2
Inconsciência	1	1.1	Isento-de-Feição	1	2.2	natural-scientificas	1	2.2

naturalscientifico	2	2.2	Phantasteria	1	E2	presistindo	1	1.1
naturinorme	1	2.1	Phantoma	1	E2	Pretempo	1	1.1
obsista	1	1.1*	Philosophica-Anthroposophica	1	2.2	Princípio-Mundi	1	2.1g
obsistir	1	1.1*	physica-grosseira	1	2.2*	Priscoescolastica	1	2.1
obvive	2	1.1*	physicaes	1	1.2	Processo-Mundi	4	2.1g
Omnimundo	2	2.1	physical	2	1.2	Processos-Mundi	1	2.1g
Oraculo-Sol	1	2.2	physico-sensual	1	2.2	proberda	2	1.1
Ordem-Mundi	5	2.1g	Pilares-Gerundo	1	2.2	Proherdança	2	1.2
outra-vez	1	2.2	Pintar-Lusão	1	2.2	Proto-Amnlotas	1	2.1
Pensagem	1	1.2	pleni-sensata	1	2.2	Provir	6	1.1
pensamentaes	1	1.2	plenisignificativas	2	2.1	Razão-Mundi	1	2.1g
pensamental	2	1.2	Plenisignificativo	1	2.1	Realidade-Natura	1	2.2
pensavel	1	1.2	polarica	1	1.2	Receiosidade	2	1.2
perdurante	1	1.1	Ponto-de-Vista-de-Mysterios	1	2.2	Recella	1	1.1
perencantado	2	1.1	Pontos-Germen	1	2.2	reconhecencial-theorico	2	2.2-g
Perfeioamento	3	1.2	Porcima-Fluatuante	1	2.2	reconhecencial-theoricos	2	2.2-g
Periodo-Saturno	1	2.2	Possonancia	1	1.1	Repletamento	1	1.2
perlaborar	1	1.1	pospensado	1	1.1	Representação-Christus	1	2.2
perlaborizado	1	1.1	pospensamos	1	1.1	Representação-Gerundo	1	2.2
perluminado	1	1.1	Pospensar	5	1.1	Respeção	1	e
perondulado	1	1.1	post-atlantica	2	1.1	respecciona	1	e
perpensar	1	1.1	post-atlantico	1	1.1	retransformado	1	1.1
perpregnado	1	1.1	postvirtuava	1	1.1	retroflue	1	2.1
personal	4	1.2	prefeito	1	1.1	Retrofundo	1	1.2
perspeccionado	1	1.1	prejacente	1	1.1	Reunlnte	1	e
pervê	2	1.1	prejascnte	1	1.1	sabente	3	e
pervêr	1	1.1	prejaz	5	1.1	Salvacia	1	1.1*
pervive	3	1.1	premanente	4	1.1	Sapientudes	1	1.2*
Pesquisamento	1	1.2	premanentes	2	1.1	satisfaciente	2	e
Pesquizamento	1	1.2	presistente	10	1.1	Sciencialidade	1	1.2
petrabalharizar	1	1.1	presistentes	2	1.1	Segredo-Christus	2	2.2

Sem-Espírito	1	2.2	survencer	1	1.1	Vermelho-Azul	1	2.2
Semelhança-Imagem	1	2.2	Survencida	3	1.1	Viagem-Hades	1	2.2
semi	1	1.5	survencidos	1	1.1	Vida-Dia	1	2.2
Sensação-Calor	1	2.2	survível	2	1.1	Vida-propria	1	2.2
Sensação-gerundo	1	2.2	Systema-Sol	3	2.2	Vida-Terra	1	2.2
Sensacionalico	1	1.2	Tarock	1	E1	Vidas-Terra	2	2.2
sensacionante	1	1.2	Tempo-Saturno	1	2.2	vir-a-ser	4	2.2
Sensamen	5	e*	Tempo-Sol	1	2.2	Visão-Mundi	1	2.19
Sensamens	1	e*	Tempos-Lua	1	2.2	Vocção	3	1.1*
sentienta	1	e*	Tempos-Sol	1	2.2	voccionada	1	1.1*
sentientar	1	e*	terrestre-sensual	1	2.2	voccional	1	1.2
sensual-logica	1	2.2	These-conducta	1	2.2	Vocções	4	1.1*
sensual-physico	5	2.2	Total-Mundi	2	2.19	wesam	1	E2
Sentimem	1	e*	trabalhisar	1	1.2	Wesen	127	E1
Sentimento-Eu	1	2.2	transfelçoado	1	1.1	Wesen-Alma	1	2.2
Ser-Deus	1	2.2	transpenetrar	3	1.1	Wesen-Deus	1	2.2
Ser-Homem	1	2.2	transpregna	7	1.1	Wesen-Gerundo	1	2.2
Ser-Osiris	1	2.2	transpregnadas	2	1.1	Wesen-Homem	11	2.2
Singulisação	1	1.2	transpregnado	2	1.1	Wesen-Imagem	1	2.2
singulo	13	e	transpregnados	1	1.1	Wesen-Mundi	2	2.19
Singulos	8	e	transpregnar	1	1.1	Wesen-Pensamento	1	2.2
sombroide	1	1.2	transprehendente	2	1.1	Wesen-Sol	2	2.2
sombroides	1	1.2	transvivido	1	1.1	wesenal	4	1.2
sonhativa	2	1.2	ultrasensuaes	9	1.1	Wesenaz	1	1.2
Subfundos	1	1.1	ultrasensual	39	1.1	Wesendade	23	1.2
subjaz	1	1.1	Unigenerere	1	1.1	Wesendade-Pensamento	1	2.2
supervêr	1	1.1	universal-	1	2.2	Wesendades	12	1.2
sur-vencer	1	1.1	variegeneres	1	2.1*	Wesenial	1	1.2
surpondera	2	1.1	Vegetabilico	3	1.2			
survence	2	1.1	velado-encoberto.	1	2.2			